

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO EM HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

JULIANA DE SOUZA KRAUSS

**CLOTILDES LALAU: A TRAJETÓRIA DA EDUCADORA E MILITANTE
ANTIRRACISTA NA CIDADE DE CRICIÚMA (1957-1987)**

FLORIANÓPOLIS

2012

JULIANA DE SOUZA KRAUSS

**CLOTILDES LALAU: A TRAJETÓRIA DA EDUCADORA E MILITANTE
ANTIRRACISTA NA CIDADE DE CRICIÚMA (1957-1987)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: História do Tempo Presente.

Orientador: Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso
Coorientadora: Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva

FLORIANÓPOLIS

2012

JULIANA DE SOUZA KRAUSS

**CLOTILDES LALAU: A TRAJETÓRIA DA EDUCADORA E MILITANTE
ANTIRRACISTA NA CIDADE DE CRICIÚMA (1957-1987)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.
Área de Concentração: História do Tempo Presente.

Banca Examinadora:

Orientador: _____

Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso
Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Coorientadora: _____

Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva
Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Membro: _____

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Membro: _____

Prof. Dr. Émerson César Campos
Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

FLORIANÓPOLIS

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UDESC e a CAPES pela concessão de bolsa de pesquisa.

Ao NEAB/UDESC e aos/às colegas de núcleo Karla (mãe), Júlio, Willian, Priscila Freitas, Priscila Hoffmann, Mônica, Vanusa, Mariana, Beatriz, Taiane, Graziela, Michelle Stakonski, Michele Freitas, Thaís, Eduarda, Ivan, Maristela, Ângelo, Bárbara, Daiane, João, Camila, Gisele, Ana Júlia, Amanda, Fábio Amorim, Luciana, Líbia e a prof^a. Neli Góes.

Agradecimentos especiais à Virgínia e a Érica pela amizade, confiança e apoio nos momentos difíceis, e também não poderia esquecer a Laura, sempre tão querida e fofa.

Ao meu orientador, Paulino de Jesus Francisco Cardoso, pelo incentivo e apoio no processo de escrita e pela oportunidade de participar das atividades do NEAB.

À minha coorientadora, Cristiani Bereta da Silva que sempre foi tão atenciosa, paciente, querida e por ter sido muito mais que coorientadora.

Ao professor Benito Bisso Schmidt pelas indicações bibliográficas e pelas nossas conversas que muito me auxiliaram durante a escrita.

À Lucy Cristina Ostetto minha primeira orientadora que muito me incentivou a fazer mestrado e dar continuidade a minha pesquisa.

À professora Cláudia Mortari Malavota pelas considerações feitas na qualificação, o aprendizado durante o período em que fui monitora da disciplina de História da África II.

Ao professor Emerson César de Campos pelas sugestões e considerações feitas por ocasião da qualificação.

À dona Onélia pela entrevista e pelo material cedido. Às meninas do Arquivo Histórico, em especial a Lisiane.

Aos/às professores/as do Programa de Pós-Graduação, em especial às professoras Silvia Arend e Luciana Rossato.

Ao grupo de estudos no NEH/LABGEF. Aos meus pais e à minha irmã, pela paciência que tiveram comigo neste período...

Aos colegas do mestrado: Hélio, Rosângela, Vanessa, Daniel Bronstrupp, Daniel Boeira, agradecimentos especiais ao Michel pela amizade e apoio em momentos difíceis.

Aos irmãos Sérgio e Alcione que me acolheram em sua casa durante um ano e meio que fiquei residindo em Palhoça, à irmã Corina que me recebeu em sua casa no último semestre do ano. Ao Serginho, Gabriel, Daiane e Naiara...

Aos irmãos Valmir (Mino) e Rosemary (Mary), pela entrevista concedida. Ao irmão Ezequiel e ao irmão Nazareno pela preocupação e apoio nesta etapa da minha vida.

RESUMO

KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotildes Lalau**: a Trajetória da Educadora e Militante Antirracista na cidade de Criciúma (1957-1987). Florianópolis: UDESC, 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em História) –Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2012.

Este trabalho busca discutir, a partir da narrativa biográfica de Clotildes Lalau, como as populações de origem africana se organizavam em Criciúma/SC, os espaços ocupados por homens e mulheres no interior do Movimento Negro de Criciúma. A atuação de Clotildes como militante, o combate ao racismo, os congressos organizados por ela e outros grupos do Movimento Negro, os textos e artigos por ela escritos voltados ao combate à discriminação, a importância que a Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura e a Sociedade Recreativa União Operária tiveram em sua trajetória. Analisamos o papel desempenhado por Clotildes Lalau no processo de inserção dos/as afrodescendentes nos discursos sobre etnia e grupos étnicos que dominaram Criciúma nas comemorações do Centenário da cidade e na organização da I Festa da Etnia Negra. A sua atuação como educadora, seu empenho em proporcionar oportunidades de estudo para as populações de origem africana, a preparação de mulheres afrodescendentes para exercerem o cargo de professoras normalistas, a feminização do magistério, os significados de ser professora normalista, o processo de escolarização das classes populares e a importância da educação enquanto instrumento de ascensão social para as populações de origem africana.

Palavras-chave: Biografia, Militância, Movimento Negro, Educação.

ABSTRACT

This research discusses from the biographical narrative of Clotildes Lalau, how the populations of African origin were organized in Criciúma/SC, the spaces occupied by men and women inside the Black Movement of the city. The performance of Clotildes as a militant, fighting against the racism, conferences organized by she and other groups in the Black Movement, the texts and writings she wrote articles aimed at combating discrimination, the importance that the Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura, and the Sociedade Recreativa União Operária had in its history. We analyze the action played by Clotildes in the process of insertion African descent in the discourse about ethnicity and ethnic groups that dominated in Criciúma in the celebrations of the centenary of the city and in the organization of the I Festa da Etnia Negra. Her performance as an educator, her commitment to generate educational opportunities for people of African origin, the preparation of women of African descent to serve the post of teachers, the feminization of mastership, the meanings of to be teacher, the scholarization process of popular classes and the importance of education as an instrument of social mobility for people of African origin.

Keywords: Biography, Militancy, Black Movement, Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Clotildes.....	21
Imagem 2: Clotildes, Vilson, Pedro, Rita, Normélia e Wilson.....	23
Imagem 3: Vilson e Clotildes.....	26
Imagem 4: Clotildes.....	33
Imagem 5: Clotildes e Vilson.....	34
Imagem 6: Tulipa Negra.....	47
Imagem 7: Vilson, Clotildes e alguns/mas sócios/as do clube União Operária.....	52
Imagem 8: Mapa 1: Santa Catarina com destaque para o Município de Criciúma.....	57
Imagem 9: Mapa 2: Região de Criciúma.....	58
Imagem 10: Monumento ao Imigrante.....	65
Imagem 11: Folder da Festa da Etnia Negra (capa).....	72
Imagem 12: Folder da Festa da Etnia Negra (programação).....	73
Imagem 13: Grupo Escolar Professora Clotildes Maria Martins Lalau.....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Censo de 1872.....	84
Tabela 2: Censo de 1940.....	89
Tabela 3: Censo de 1970.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A TRAJETÓRIA DE CLOTILDES E O MOVIMENTO NEGRO DE CRICIÚMA	20
1.1 CLOTILDES LALAU.....	20
1.2 MILITÂNCIA.....	27
1.3 ASSOCIAÇÃO DA ETNIA NEGRA DE TRADIÇÃO E CULTURA.....	35
1.4 TEXTOS E ARTIGOS.....	38
1.5 TULIPA NEGRA.....	45
2 OS/AS AFRODESCENDENTES DE CRICIÚMA	49
2.1 A SOCIEDADE RECREATIVA UNIÃO OPERÁRIA.....	49
2.2 AS POPULAÇÕES DE ORIGEM AFRICANA E A ETNIZAÇÃO DE CRICIÚMA.....	57
3 A EDUCAÇÃO DAS POPULAÇÕES DE ORIGEM AFRICANA	76
3.1 MULHERES AFRODESCENDENTES E PROFESSORAS NORMALISTAS.....	76
3.2 EDUCAÇÃO E ASCENSÃO SOCIAL.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
FONTES	102
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta dissertação consiste em analisar a militância no Movimento Negro em Criciúma a partir da trajetória de Clotildes Maria Martins Lalau. O interesse em abordar este tema resulta da busca pela compreensão da atuação de homens e mulheres no interior do Movimento Negro, nas décadas de 1970-1980, as ações realizadas pelos/as afrodescendentes para combater as práticas discriminatórias e a valorização dos aspectos culturais africanos e afro-brasileiros tendo como ponto de partida a militância de Clotildes.

Pesquisa resulta de um aprofundamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em história realizado na Universidade do Extremo Sul Catarinense em 2007, que teve como título *Clotilde Lalau: reflexões sobre a presença feminina no Movimento Negro em Criciúma (1970-1985)*¹.

Iniciei a graduação em História no ano de 2004 na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC em Criciúma. Sempre tive vontade de cursar História, desde minha infância gostava de ouvir meu pai explicar os processos históricos - pois ele cursou História, mas não chegou a se formar devido a um problema de saúde.

Além do gosto pela história, também herdei do meu pai o interesse pelas populações de origem africana, assunto esse que ele abordou no seu Estágio de Docência. Comecei a ler alguns livros que ele comprou nessa temática e minha atenção voltou-se para as formas de organização e resistências dos/as afrodescendentes² durante o período da escravidão e no Pós-Abolição³.

¹KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotilde Lalau: Reflexões sobre a presença feminina no Movimento Negro em Criciúma (1970-1980)**. Criciúma: UNESC, 2007. 38 p. Trabalho de Conclusão de Curso (História)–Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina. Criciúma, 2007.

²Optei pela utilização do conceito de afrodescendente, pois o mesmo é fruto de um longo debate da historiografia acadêmica acerca das experiências dos/as africanos/as e seus descendentes no país durante o cativeiro, e a crítica a visão racista desta história por parte dos/as intelectuais de origem africana, pois a racialização das populações de origem africana no país é o resultado do esgotamento das antigas formas de classificação social instituídas pela cultura escravista. Ver: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. “A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX”. In: ROMÃO, Jeruse (Org.) **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2005, p. 171-185; MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do Silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

³O Pós-Abolição, mais do que período com data inicial e final, é compreendido como um problema histórico, sendo seu objetivo identificar a dimensão como a experiência e a herança da escravidão construíram a identidade “negra” e as vantagens e prejuízos dessa construção no decorrer do processo de definição dos direitos de cidadania. Implicando no questionamento da naturalização da noção de raça no tempo presente, remontando categorias e identidades raciais por meio de construções sociais datadas historicamente e evidenciando que o racismo nas identificações no nosso país está intrínseco as condições de acesso aos direitos civis e políticos aos/as afrodescendentes. Ver: MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problemahistórico: balanços e perspectivas. TOPOI, v. 5, n. 8, jan-jun. 2004, p. 170-198; LUCINDO, Willian

No dia em que fui fazer a matrícula para a 1ª fase do curso de História estava com meu pai na fila e ele se aproximou de uma mulher que estava sentada no banco lendo o livro *O Sortilégio da Cor* de autoria da professora Elisa Larkin Nascimento. Os dois começaram a conversar e ele chamou-me e apresentou-nos. Ela relatou-me que seus pais Vilson e Clotildes fundaram a primeira organização do Movimento Negro em Criciúma.

Fiquei muito satisfeita com esse encontro. Naquela época havia me mudado recentemente para o município de Criciúma – antes residia em Itajaí – e não tinha nenhum conhecimento sobre a história da cidade; na medida em que fui conhecendo mais sobre os/as afrodescendentes e a historiografia de Criciúma meu interesse pelas formas de organização das populações de origem africana nas décadas de 1970-1980 aumentou consideravelmente.

No decorrer da graduação entrei para um Projeto de Pesquisa sobre os/as afrodescendentes do Bairro Santo Antônio (Criciúma), que teve como título: “Santo Antônio e Fome Zero: construção da cidadania, ou vocês têm fome e sede de quê?”⁴. Durante a pesquisa tive contato com uma comunidade formada por afrodescendentes chamada Laredo, localizada no bairro Santo Antônio próximo a Rua Rio do Sul, conhecida popularmente como a “Rua do Peixe Frito”.

A referida comunidade, em sua estrutura organizacional é chefiada por mulheres – as mais velhas da comunidade, essa questão me despertou o interesse em vislumbrar os agrupamentos de afrodescendentes pela perspectiva de gênero. A experiência no Laredo possibilitou-me compreender algumas das características de organização, das populações de origem africana de Criciúma e dessa forma as peculiaridades da trajetória de Clotildes.

Infelizmente não tive o prazer de conhecer pessoalmente Clotildes, pois ela havia falecido em 1987. Tive acesso aos fragmentos de sua trajetória através de familiares, amigos/as, colegas do Movimento Negro, artigos, fotos, documentos das caixas do Arquivo Histórico Municipal de Criciúma e atas de reunião da Sociedade Recreativa União Operária.

Quando defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em 2007 havia muitas coisas que não pude abordar, vi a necessidade de ampliar a pesquisa para o mestrado. No ano seguinte prestei seleção para o mestrado, mas não fui aprovada na prova escrita. Uma ex-colega da graduação que foi aprovada em todas as etapas, a Michele Cardoso, me comunicou

Robson Soares. Educação no pós-abolição: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931). Itajaí: Casa Aberta, 2010.

⁴Projeto financiado pelo Governo Federal através do programa “Fome Zero”, na qual eram selecionados projetos interdisciplinares que envolvessem as ditas “populações carentes”, com atividades culturais, alfabetização, entre outras coisas; este projeto foi realizado entre os anos de 2003-2005, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (Criciúma).

da possibilidade de fazer algumas disciplinas na “modalidade aluno especial”, que poderiam ser aproveitadas em uma eventual aprovação no processo seletivo seguinte (2009).

Optei em fazer a disciplina *Multiculturalismo, Quotidiano e História* ministrada pelo professor Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso, pois quando estava na 1ª fase do curso de história assisti a uma conferência em Criciúma no Maio Negro, sobre as cotas nas universidades; além de a professora Débora Mattos sempre elogiar as pesquisas do professor Paulino.

A disciplina de Multiculturalismo foi muito importante na minha trajetória no mestrado, tive contato com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e participei do I Seminário Internacional Áfricas⁵. A experiência de trabalhar como monitora no Seminário Áfricas foi muito positiva, pude acompanhar parte do seminário e compreender como funcionava o núcleo.

Naquele ano novamente participei do processo de seleção e fui aprovada em todas as etapas, ingressando na turma de 2010, com a orientação do professor Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso. Para complementar o meu trabalho o meu orientador convidou a professora Dra. Cristiani Bereta da Silva para co-orientar a pesquisa, devido a suas pesquisas sobre Movimentos Sociais e relações de gênero nos Movimentos Sociais.

Durante a disciplina de Seminário de Pesquisa ministrada pelo professor Dr. Émerson Campos, reformulei profundamente os rumos que seguiriam a minha pesquisa. Até aquele momento eu pensava em discutir brevemente a ação de Clotildes no Movimento Negro e pesquisar o movimento de mulheres negras em Santa Catarina, e por sugestão do professor Émerson decidi ficar apenas com a discussão sobre Criciúma. Ele também sugeriu investir na narrativa biográfica da vida da Clotildes.

Inicialmente fiquei em dúvida se gostaria de seguir esse caminho, mas como a professora Cristiani Bereta concordou e incentivou o trabalho sob esta perspectiva e o professor Paulino Cardoso deu apoio a decisão que eu viesse a tomar, optei por fazer algumas leituras sobre a produção biográfica no campo da história. Quando tive contato com as produções do professor Benito Bisso Schmidt e depois de conversarmos algumas vezes enxerguei que a

⁵O I Seminário Internacional Áfricas: historiografia africana e ensino de história buscou promover debates que problematizassem a discussão sobre história da África na produção historiográfica contemporânea, o ensino da história do continente e da diáspora. Sendo uma iniciativa da PPG/UNEB, NEAB/UEDESC, CECAFRO/PUC/SP e Casa das Áfricas, com o apoio do CNPq e do Governo do Estado de São Paulo, o seminário foi aberto à participação gratuita da comunidade em geral. A participação estava condicionada somente pelo efetivo interesse, porém as vagas foram limitadas. Ainda que o título faça referência ao continente africano, procurou-se destacar assuntos de interesse das pessoas dedicadas ao estudo e ensino de culturas de origem africana, e não somente nesse continente.

narrativa biográfica era o caminho que mais me agradava para o desenvolvimento desse trabalho.

Durante muito tempo a Biografia, na perspectiva da História, foi criticada e estigmatizada devido ao enfoque excessivo dado aos “grandes homens” e seus feitos heroicos, mas nos últimos anos o gênero biográfico voltou à cena. Segundo Benito Schmidt, as narrativas biográficas estão gozando de um grande prestígio na historiografia atual, não sendo mais vistas como um gênero inferior, pois as produções recentes colocam (ou recolocam) problemas que são centrais no debate historiográfico contemporâneo: as relações entre a sociedade e o indivíduo, fragmentação e unidade, explicação e narração público e privado, entre outros⁶.

[...] o estudo biográfico é um espaço privilegiado para discutir temas centrais na historiografia contemporânea [...]. O retorno à biografia se coloca dentro de um movimento amplo da renovação dos instrumentos conceituais e metodológicos da história, assim como repensar de uma concepção do que é o homem e sua relação com a história⁷.

Este retorno à biografia tem sido interpretado de diferentes formas: vitória de um individualismo crescente, decepção com o cenário político. Alguns/mas historiadores/as argumentam que tal fato representa o risco do abandono da “história-problema” para voltar à história cronológica, que se caracteriza por sua conceituação frágil. Em contrapartida, outros/as defendem que a biografia e a história de vida reabilitam o indivíduo enquanto sujeito histórico, pois recolocam o ser humano no centro da história.

Após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessam pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações.

A descoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao “cotidiano”, a “subjetividades outras”: por exemplo, a história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico⁸.

No que se refere às mulheres, é importante lembrar que as historiadoras feministas pressionaram a revisão da escrita de uma História centrada na visão de um sujeito universal,

⁶SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

⁷LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. História Social e Subjetividade: considerações em torno da biografia. **XII Encontro Regional de História da ANPUH**. Campinas, 1994, p. 93.

⁸LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225.

relegando as experiências de outros sujeitos – incluindo as mulheres – à invisibilidade. As primeiras pesquisas desenvolvidas pelas feministas sintetizavam toda a experiência feminina ao longo da História, “negando-se a incorporar a dimensão de raça, dessa forma também contribuindo para a invisibilidade das mulheres negras”⁹.

Meu interesse na trajetória de Clotildes é voltado para sua atuação profissional inicialmente como professora normalista, como diretora da Escola de Ensino Básico Joaquim Ramos, nos encontros e debates que ela organizava sobre a educação das populações de origem africana e a sua atuação como militante do Movimento Negro, sobretudo após seu casamento e vinda para Criciúma. Não tenho pretensão em focar na sua vida pessoal, apesar de que em alguns momentos se fará necessário¹⁰.

A realização deste trabalho representou um grande desafio para mim, devido a grande resistência que enfrentei de alguns/as integrantes do Movimento Negro por ser uma mulher branca, especialmente na época da graduação. Alguns/as se recusaram a me concederem entrevistas e informações sobre Movimento Negro e a Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura. Quando fui para o mestrado a relação com o pessoal do Movimento Negro melhorou consideravelmente, pois além de ser orientanda do prof. Paulino Cardoso¹¹ me vinculei ao NEAB-UDESC (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros). A trajetória acadêmica e a militância do meu orientador me possibilitou uma aproximação considerável de alguns/as integrantes do Movimento Negro de Criciúma, o que foi importante para a escrita do meu trabalho.

Para a concretização da pesquisa foi efetuada uma revisão bibliográfica acerca da temática dos usos da biografia, as populações de origem africana em suas diversas formas de organização e educação dos/as afrodescendentes no Pós-Abolição.

Foram consultadas fontes documentais disponíveis no Arquivo Histórico Municipal de Criciúma. A referida documentação aborda as famílias afrodescendentes, as Associações e demais instituições criadas pelo grupo. Boa parte do material são atas de reuniões de Associações, dados acerca da vinda das famílias afrodescendentes para trabalhar nas Companhias Carboníferas e os Relatórios da “Etnia Negra”. Foram realizadas consultas nos jornais da cidade, em busca de matérias que falassem das populações de origem africana em

⁹BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia González**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005, p. 102.

¹⁰A escolha por abordar a militância e a profissão durante o tempo na qual Clotildes viveu em Criciúma, naturalmente exclui a narrativa e exploração de acontecimentos polêmicos de sua vida pessoal que não estejam ligados a esses dois pontos, como também muito pouco se falará do período que ela residiu em Tubarão.

¹¹Um dos fundadores do NEN – Núcleo de Estudos Negros – uma organização do Movimento Negro de Santa Catarina sediada em Florianópolis que teve sua fundação em 1986.

Criciúma, especialmente os artigos escritos por Clotildes Lalau. O período pesquisado foi de 1957-1988¹². Os jornais consultados foram: *Tribuna Criciumense*, *Jornal da Manhã*, *Jornal do Sul*, *Correio do Sudeste* e *O Crivo*, totalizando entre notícias e artigos quarenta e oito.

Nas caixas arquivo foram analisados relatórios sobre as Comemorações do Centenário de Criciúma, o Questionário Sócio Econômico da “Etnia Negra” (encomendado pela Prefeitura), o Estatuto da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura, ofícios expedidos pela Prefeitura e pela Associação da Etnia Negra, os dados econômicos, políticos, geográficos de Criciúma na década de 1980; totalizando cinquenta e quatro documentos pesquisados.

Pesquisei também os registros de Reuniões e Eventos ocorridos na Sociedade Recreativa União Operária – antiga sede da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura – localizada na Rua Sampaio Viana, nº 222, bairro: Santa Bárbara. Neste clube eram realizados além de bailes e festas, debates e congressos para discutir a situação dos/as afrodescendentes, na qual a Clotildes foi oradora oficial. Foram analisados três Livros-Ata compreendendo o período de 1960 até 1988.

Para analisar as fontes escritas alguns critérios foram levados em consideração, tais como: quem produziu determinado documento?, a quem se destinava?, e qual objetivo do documento?. Levando em consideração que as fontes escritas são subjetivas, sendo que a própria subjetividade pode se constituir como um possível objeto do pensamento científico, ou seja, deve-se tomá-la enquanto “dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro”¹³.

Outro método utilizado foi o trabalho com as fontes orais. Quando iniciei a pesquisa na graduação realizei três entrevistas orais com os filhos e com uma amiga e colega de trabalho da militante Clotildes Lalau, já para o mestrado fiz cinco entrevistas orais e uma por e-mail, com familiares e colegas do Movimento Negro, sendo que todas as entrevistas – tanto as realizadas na graduação como no mestrado – seguiram o mesmo padrão. O roteiro adotado nas entrevistas foi centrado na militância no Movimento Negro e na atuação na educação das populações de origem africana.

A opção por utilizar as fontes orais ocorreu, pois o relato oral possibilita reconstituir processos e revelar informações que se perderiam de outro modo. As narrativas orais na pesquisa histórica se constituem enquanto indícios que possibilitam conhecer uma “versão” do passado. Esse método ganhou força com a mudança no panorama historiográfico, que até a

¹²Este recorte temporal foi escolhido pois Clotildes Lalau mudou-se para Criciúma em 1957 e apesar de ter falecido em setembro de 1987 pesquisei mais um ano, até 1988 quando ocorreram as comemorações do Centenário da Abolição.

¹³ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000, p. 01.

primeira metade do século XX centrava-se no paradigma estruturalista, sendo que nesta abordagem as estruturas determinavam as relações sociais, os mecanismos econômicos e as formas de discurso independente das intenções e percepções dos indivíduos¹⁴. A partir das décadas de 1970-1980, um novo quadro surgiu na pesquisa histórica: a valorização da análise qualitativa, as experiências individuais passaram a ser consideradas importantes para a compreensão do passado, a incorporação de temas contemporâneos, o renascimento da história política (não mais voltada para os “grande feitos” dos “grandes homens”, mas voltada para a articulação do social e as ações e estratégias e estratégias dos sujeitos), revalorização do papel do sujeito na história – e consequentemente, da biografia. Nesse contexto a História Oral ganhou força, sendo transmissora de uma experiência coletiva, através de uma visão de mundo possível em determinada sociedade¹⁵.

Através da pesquisa nessas fontes – orais e escritas – fui construindo minha narrativa. Algumas categorias me auxiliaram a responder a questão norteadora da pesquisa: como as ações de Clotilde Lalau contribuíram para a expansão e solidificação do Movimento Negro de Criciúma?

Para responder essa questão trabalho com as categorias de raça/etnia. Apesar de não existirem raças em termos biológicos, esse conceito atua como uma forma de classificação social, que se baseia numa ação negativa contra determinados grupos sociais, baseada numa noção específica de natureza de forma endodeterminada, ou seja, a realidade das raças existe apenas no campo social¹⁶. Essa forma de classificação foi associada, quase exclusivamente, às populações de origem africana, sendo incorporada e positivada no discurso do Movimento Negro. O termo raça passou a designar um grupo de indivíduos que, numa determinada sociedade, são definidos como diferentes de outros grupos por características físicas hipotéticas ou reais, sendo que os fenótipos servem de base adquirindo sentido social por meio de crenças, atitudes e valores. Quando há ausência de marcas físicas, os grupos deveriam ser classificados como étnicos.

A etnia pode ser definida como uma forma de organização social, que se baseia em categorias que classificam indivíduos em função de uma suposta origem, pautando-se pela interação social e ativação de signos culturais que possuem aspectos diferenciadores¹⁷. A utilização de ambas as categorias nesse trabalho ocorre, pois em Criciúma houve um processo

¹⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. “Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil”. **Revista de História Oral**, São Paulo, nº 1, p.19-30, jun. 1998.

¹⁵ ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 5 p.

¹⁶ GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

¹⁷ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998, p. 141.

de “etnização” dos diversos grupos que colonizaram a cidade¹⁸. Portanto o Movimento Negro local trabalha com ambos os conceitos.

Para melhor compreensão da trajetória de ClotildesLalau faz-se necessária a utilização das categorias Movimentos Sociais, Movimento Negro e gênero.

Um Movimento Social pode ser definido enquanto expressão de uma ação coletiva decorrente da luta sociopolítica, cultural ou econômica. Habitualmente se constitui dos seguintes elementos: processos que configuram sua “identidade”; aliados e adversários; bases, lideranças e acessórias que se configuram em articulações e articuladores formando redes de mobilizações; servem-se de diversas práticas comunicativas que perpassam a oralidade até os recursos tecnológicos mais modernos; dispõem de visões de mundo ou projetos que dão suporte as suas demandas; possuem aspectos culturais próprios na maneira como sustentam e encaminham suas respectivas reivindicações¹⁹.

O Movimento Negro define-se como o resultado de inúmeras experiências sociais vividas nos agrupamentos de afrodescendentes que travavam entre si e com outros grupos, um conjunto de relações sociais, que criam diversos modos de manifestação. Segundo Paulino de Jesus Francisco Cardoso, o Movimento Negro pode ser percebido como:

[...] fruto de múltiplas relações vividas por um agrupamento de homens e mulheres negras, foi constituído por um discurso anti-racista no interior de uma comunidade de letrados negros. Formada por trabalhadores portadores de um apurado senso de dignidade e do desejo de construir, consolidar autônomos espaços recreativos e culturais, contribuíram na promoção de uma reformulação das atitudes públicas e privadas da população de origem africana²⁰.

O conceito de gênero, enquanto categoria de análise é o elemento que constitui as relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos. As alterações nas relações sociais equivalem sempre às mudanças nas representações de poder, só que essas mudanças não são unidirecionais. O gênero é a primeira forma de dar significado às relações de poder, como também o primeiro campo no qual o poder se articula²¹.

A partir do entrecruzamento dessas categorias é possível a compreensão da militância de ClotildesLalau no Movimento Negro de Criciúma e do estado de Santa Catarina, pois

¹⁸Esse processo será analisado no segundo capítulo.

¹⁹GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

²⁰CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)**, 1993. São Paulo: PUC-SP, 1993. 180 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1993, p. 09.

²¹SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. V 16, nº 2, jul./dez. 199. p. 5-22.

quando a questão do gênero é analisada no interior do movimento, as formas de articulação e organização tornam-se visíveis.

Para finalizar, a pesquisa se enquadra na história do tempo presente, pois aborda questões que se tornaram essenciais no presente, a narrativa biográfica, as reivindicações dos/as afrodescendentes, as relações de gênero e os Movimentos Sociais. “Os movimentos sociais continuam com forte presença neste novo século, lutando para construir ou preservar princípios e identidades construídas, embora estas – identidades -, sejam móveis, variem segundo a conjuntura”²².

As populações de origem africana foram relegadas a situação de subcidadania, especialmente as mulheres. Matilde Ribeiro (2008) argumenta que as mulheres afrodescendentes no transcorrer de seu processo político compreenderam que as desigualdades são construídas historicamente, tendo como ponto de partida diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, ambas mediadas pela classe social, produzindo profundas exclusões. São combinações de discriminação que geram exclusões, tendo como justificativa a perpetuação do machismo e do racismo²³.

O uso da biografia constitui-se no campo ideal para verificar as brechas utilizadas pelos invisibilizados, entre eles, as mulheres, que mesmo utilizando subterfúgios, constituem a rede de uma antidisciplina. Deste modo, as oportunidades e ocasiões oferecidas são aproveitadas para garantir o exercício de sua cidadania, “inclusive em termos de gênero, no grau mais ampliado possível”²⁴.

A história não precisa necessariamente ser um estudo do passado, ela pode com métodos particulares e recuo de tempo menor ser o estudo do presente. “[...] O historiador é cada vez mais parte integrante do contemporâneo – porque a força da história passadista, factual e historicista se esfumaça diante de uma demanda social insistente, resolutamente ancorada no presente e no modo ‘interpretativo’”²⁵.

²²GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

²³RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 987-1004, setembro-dezembro/2008.

²⁴SOIHET, Rachel. “Mulheres e Biografia. Significados para a História”. Artigo apresentado no **X Simpósio Regional de História da ANPUH**, UERJ, 2002. (mimeo). p. 33-48.

²⁵CHAVEAU, Àgnes; TÉTARD, Philippe. “Questões para a história do presente”. In: CHAVEAU, Àgnes; TÉTARD, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 07-37.

Para a melhor compreensão da trajetória de ClotildesLalau optei por abordar alguns aspectos importantes de sua vida pessoal, profissional e militante, estando este trabalho dividido da seguinte forma:

No primeiro capítulo inicialmente foi realizado um panorama geral da vida de Clotildes e os principais aspectos que serão trabalhados ao longo dos capítulos. Num segundo momento abordei a sua militância no Movimento Negro, as ações do Grupo Afro-Brasileiro, a criação da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura e a estrutura dessa instituição, a simbologia das vestes para a militância, os artigos escritos por Clotildes, o uso do pseudônimo de *Tulipa Negra* e seu(s) significado(s).

No segundo capítulo tratarei sobre a Sociedade Recreativa União Operária e sua importância para Clotildes e para as populações de origem africana de Criciúma, enquanto um espaço de lazer, luta e resistência. O processo de mudança dos discursos em torno da cidade – de capital nacional do carvão para a “cidade das etnias”-, de que forma as populações de origem africana se inseriram nesses discursos sobre etnicidade e o papel desempenhado por Clotildes nesse processo.

No terceiro capítulo discutirei sobre a educação das mulheres afrodescendentes, o processo de feminização do magistério; o curso preparatório para a Escola Normal ministrado pela ClotildesLalau e voltado para as mulheres afrodescendentes; o ser normalista e os significados dessa profissão; as palestras e seminários promovidos pela Clotildes sobre educação; e a educação enquanto estratégia das populações de origem africana para ascender socialmente.

CAPÍTULO 1

A TRAJETÓRIA DE CLOTILDES E O MOVIMENTO NEGRO DE CRICIÚMA

Neste capítulo abordarei brevemente a trajetória de Clotildes Lalau, iniciarei a discussão a partir da organização do Movimento Negro em Criciúma, na condição de instituição antirracista; a criação da Associação de Etnia Negra de Tradição e Cultura e sua contribuição para a sociedade criciumense, especialmente para os/as afrodescendentes; o estreitamento de relações entre os/as militantes antirracistas de Criciúma com os Movimentos Negros de outros estados; o intercâmbio entre o Movimento Negro criciumense e as embaixadas de países Africanos que possuíam boas relações com o Brasil; o cenário da luta antirracista no país e no mundo para compreensão das ações do Movimento Negro de Criciúma; os textos e artigos escritos pela militante denunciando as manifestações racistas ocorridas na cidade, uso do pseudônimo de Tulipa negra e seus significados.

Antes de iniciar as reflexões sobre a trajetória de Clotildes, farei uma breve narrativa cronológica para melhor situar aqueles/as que não conhecem sua história.

1.1 CLOTILDES LALAU



Imagem 1: Clotildes
Sem data, estima-se que seja do início da década de 1950
Acervo da Família

ClotildesLalau nasceu no município de Tubarão²⁶ em 30 de setembro de 1934. Seu pai, Antônio Paulo Martins, era maquinista da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e sua mãe, Normélia de Souza Martins, cozinheira para a Siderúrgica Nacional. Ela pertencia a uma família afrodescendente de origem humilde e numerosa, sendo a mais velha de dezesseis irmãos, na qual eram treze mulheres e três homens. Como era comum na época, em famílias com muitos filhos/as, os/as irmãos/as mais velhos acabavam sendo responsáveis pelos menores, e com sua família ocorreu o mesmo.

²⁶O município de Tubarão localiza-se ao Sul do estado de Santa Catarina, há 133 km de Florianópolis. Faz divisa com os municípios de Gravatal, Treze de Maio, Jaguaruna, Pedras Grandes, Laguna, Capivari de Baixo, São Ludgero e Orleans. Sua população atual é de 97.281 habitantes, pelo censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Além da responsabilidade no cuidado dos/as irmãos/as, Clotildes teve que começar a trabalhar desde cedo como doméstica em “casa de família” e auxiliando sua mãe a lavar roupas “para fora” como complementação da renda familiar²⁷ e, posteriormente, como cozinheira.

Apesar de seus pais possuírem pouco estudo se empenharam para que tanto seus filhos como as suas filhas estudassem, e todas as mulheres se tornaram professoras normalistas. Sempre que as irmãs mais velhas completavam seus estudos e começavam a trabalhar, as demais cuidavam da casa e estudavam, tendo o privilégio de estudarem em colégios particulares pagos pelas irmãs mais velhas²⁸.

Clotildes iniciou seus estudos no Colégio Hercílio Luz, fez o curso para normalista no Colégio São José – ambos na cidade de Tubarão. Formou-se normalista em 1954 e deu início a sua carreira no magistério na cidade de Jaguaruna²⁹ em 1955, lecionando no Grupo Escolar Marechal Luz³⁰.

No período em que lecionou no Marechal Luz durante o trajeto de trem que ligava os municípios de Tubarão e Jaguaruna, conheceu o ferreiro da CBCA – Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá – Vilson Lalau. Ele era amigo de infância de Valmor Vicência, namorado de Maura (irmã de Clotildes); os dois, além da amizade de longa data, trabalhavam juntos na mineração e jogavam no mesmo time de futebol - o Atlético Operário. Valmor apresentou Vilson à Clotildes. No dia 03 de janeiro de 1957 casaram-se, e neste mesmo ano, Clotildes mudou-se para Criciúma³¹.

²⁷FARIAS, Normélia Ondina Lalau de (filha de Clotildes Lalau). Criciúma, 09 de junho de 2007. Apud: KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotilde Lalau: Reflexões sobre a presença feminina no Movimento Negro em Criciúma (1970-1985)**. Criciúma: UNESC, 2007. 38 p. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2007.

²⁸FARIAS, Normélia Ondina Lalau de (filha de Clotildes Lalau). Criciúma, 09 de junho de 2007. Apud: KRAUSS, 2007.

²⁹A cidade de Jaguaruna localiza-se no sul do estado de Santa Catarina há 162 km de Florianópolis. Faz divisa com os municípios de Laguna, Tubarão, Treze de Maio, Sangão e Içara. Sua área atual é de 329,429 km² contando com uma população de 17.2914 habitantes de acordo com o censo de 2010 do IBGE. colocar dados do período

³⁰ROMÃO, Jeruse Maria (Coord.). **A África está em nós: História e Cultura Afro-brasileira: Africanidades Catarinenses**. João Pessoa: GRAFSET, vol. 05, 2010, p.40.

³¹VICÊNCIA, Maura Martins (irmã de Clotildes Lalau). Criciúma, 19 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.



Imagem 2: Clotildes, Vilson, Pedro, Rita, Normélia e Wilson.
Sem data (aproximadamente início da década de 1960)
Acervo da família

Dessa união matrimonial nasceram sete filhos/as, sendo que um deles faleceu ainda recém-nascido³². Seu companheiro Vilson Lalau era natural da cidade de Braço do Norte³³, nascido no dia 18 de março de 1934, filho do jornalista Estanislau João Eleonor e da doméstica Ondina Virgínia Costa, sendo o terceiro de quinze irmãos. Sua família veio para Criciúma no ano de 1942 atraídos pelo bom salário pago pelas carboníferas aos mineiros.

Vilson teve que abandonar seus estudos na 3ª série do antigo primário para auxiliar no sustento da família. Clotildes o convenceu da importância de retomar os estudos, e ele inicialmente resiste à ideia, mas acabou sendo convencido por ela. Então em 1966, aos 32

³²São eles/as: Wilson; Normélia Ondina; os gêmeos Pedro e Paulo (que faleceu com poucos meses em decorrência de problemas respiratórios); Rita de Cássia; Maria Genoveva e Antônio Luiz.

³³O município de Braço do Norte se localiza ao Sul do estado de Santa Catarina, há 173 km de Florianópolis.

anos de idade, retomou os estudos³⁴. Em meados da década de 1970 ingressou no Ensino Superior no curso de Administração Escolar na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em Florianópolis. Após sua formação, passou a lecionar Técnicas Comerciais e Estatísticas na Escola Técnica de Comércio de Criciúma, como também nas Escolas Básicas Joaquim Ramos, em Criciúma, e Antônio João, na cidade de Içara³⁵.

Em 1975 foi inaugurado em Criciúma o Centro Interescolar do Segundo Grau (CIS)³⁶, que se tratava de uma escola de ensino técnico. No dia 2 de janeiro de 1978, por indicação do então Prefeito de Florianópolis Esperidião Amim, Vilson Lalau foi nomeado diretor do CIS.

O casal Lalau lutou intensamente pela inserção dos/as afrodescendentes na sociedade cricumense. Como ambos sofreram com a discriminação racial no ambiente que os cercava, tornaram-se militantes do Movimento Negro, sendo a educação a peça fundamental no exercício da militância.

Quando Clotildes mudou-se para Criciúma, passou a lecionar na Escola Básica Coelho Netto e dar aulas particulares em casa. Boa parte dessas aulas eram oferecidas para crianças afrodescendentes de origem humilde de forma gratuita. Também preparava moças afrodescendentes para realizarem o exame admissional para o curso de normalistas e para ingressarem na Universidade.

Em 1960 prestou concurso para Direção do Grupo Escolar Padre Miguel Giacca, localizado no Rio Maina, sendo a primeira diretora concursada. Em 1962 transferiu-se para o Grupo Escolar Joaquim Ramos, no qual permaneceu até sua aposentadoria em 1982. Clotildes e Vilson davam palestras na Sociedade Recreativa União Operária sobre a importância dos estudos para a ascensão social das populações de origem africana.

Em 1977, o casal Lalau trouxe para Criciúma o Grupo Afro-Brasileiro, tornando a cidade a quarta a receber a sede do grupo³⁷. Uma das primeiras ações desse grupo foi o *IV Encontro Afro-Brasileiro* e o *Primeiro Simpósio Cultural*, ocorridos nos dias 22, 23 e 24 de julho daquele ano, na qual o casal Lalau esteve a frente da organização. Neste evento foram realizadas palestras e apresentações culturais, destacando-se a palestra sobre “Leucemia Falciforme” proferida pelo Doutor Francis AlsequaYe – Major de Gana, professor da

³⁴LALAU, Wilson Martins (filho de Clotildes Lalau). Criciúma, 06 de novembro de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss. Apud: KRAUSS, 2007.

³⁵O município de Içara se localiza no litoral sul catarinense, a cerca de 186 km de Florianópolis, fazendo divisa com os municípios de Criciúma, Morro da Fumaça, Sangão e Jaguaruna. Sua área atual é de 294,132 km² e sua população de 58. 859 habitantes (Censo IBGE/2010).

³⁶Atualmente este Centro Educacional chama-se CEDUP (Centro de Educação Profissional Abílio Paulo).

³⁷A primeira cidade foi São Paulo, a segunda Salvador e a terceira Joinville.

Universidade de São Paulo³⁸. O encontro contou com a presença dos Embaixadores do Zaire, Nigéria, Costa do Marfim e Gana, além de personalidades políticas da região e do Governador do Estado de Santa Catarina.

Após este evento ambos integraram a organização da I Festa da Etnia Negra³⁹ em 1980, ocorrida também na cidade de Criciúma, sendo que neste evento houve apresentações culturais, simpósios e shows com bandas locais; e com o cantor Jair Rodrigues, além da presença do Embaixador da Guiné.

ClotildesLalau escreveu diversos artigos e fez pronunciamentos em rádios denunciando práticas racistas ocorridas na cidade, especialmente aquelas referentes à preferência por empresas locais em empregar pessoas de origem caucasiana.

Em 21 de setembro de 1987, Clotildes faleceu. A sua militância no Movimento Negro, aliada a atuação na educação, proporcionou um destaque considerável a ela dentro da sociedade criciumentense no geral e na comunidade afrodescendente em particular.

³⁸Infelizmente não consegui nenhum dado adicional sobre o Doutro Francis, não sendo portanto possível preencher essa lacuna.

³⁹Essa festa em questão foi organizada por conta das comemorações do Centenário de Criciúma, na qual todas as “etnias” que colonizaram a cidade organizaram uma festa para comemorar o centenário da colonização. Em 1980 apenas cinco “etnias” participaram das festividades: italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra, depois foram incorporados/as os/as árabes como a “sexta etnia” e os/as espanhóis/as como a sétima. Para maiores detalhes sobre os grupos “étnicos” que colonizaram Criciúma, consultar as teses de doutoramento de Êmerson César Campos e Dorval Nascimento, ambos trabalhos listados nas referências bibliográficas desta dissertação.



Imagem 3: Vilson Lalau e Clotildes Lalau
Sem data (aproximadamente início da década de 1980)
Sociedade Recreativa União Operária
Acervo da Sociedade Recreativa União Operária

Este breve relato construído a partir de depoimentos orais de amigos e familiares, e através de textos e artigos publicados nos jornais de Criciúma apresenta alguns elementos para a discussão. A partir desta introdução à figura de Clotildes Lalau problematizarei a sua militância no Movimento Negro, os textos e artigos que denunciavam as manifestações racistas ocorridas em Criciúma e os significados da utilização do pseudônimo *Tulipa Negra*.

1.2 MILITÂNCIA

Clotildes Lalau nunca aceitou as diversas formas que o racismo se apresentava na sociedade em geral e criciumense, em particular, combatendo as práticas discriminatórias diretas tais como: empresas que relutavam em contratar um/a funcionário/a afrodescendente, piadas e comentários racistas, posturas de professores/as, diretores/as e alunos/as em relação às crianças afrodescendentes, entre outros, como também manifestações racistas mais sutis:

Uma vez estávamos sentadas no banco do jardim, onde hoje é o Banco Real – parece agora que mudou o nome, mas era o Banco Real – numa pracinha por ali, e nós estávamos sentadas, éramos casadas novinhas tínhamos vindo de Tubarão para cá; chegaram perto de nós duas, no banco do jardim, duas senhoras, provavelmente bastante ricas pela maneira como elas se apresentavam, estavam muito bem vestidas! Chegaram e perguntaram, elas foram educadas, chegaram para nós e nos perguntaram:

- Vocês não sabem de alguém que queira se empregar? – Porque nós éramos negras, naturalmente na cabeça das duas só servíamos como empregadas de cozinha, e elas nos perguntaram: – Sabem de alguém para me informar? Que queira se empregar? Porque nós estamos precisando de uma empregada. Olha o que ela me responde:

- Olha também estou precisando de uma! Se a senhora souber de alguma me diga que eu também necessito!!!

E as duas mulheres ficaram de cara no chão, ela tinha esses tipos de respostas que acabavam com todo mundo! Então ela dava muitas respostas espirituosas⁴⁰.

Clotildes não se comportava com subserviência. Essa postura caracterizou o Movimento Negro, especialmente a partir da década de 1970, pois, com maior envolvimento de afrodescendentes nele, muitos passaram a questionar a ideia de que o Brasil era uma democracia racial⁴¹. Esse questionamento se intensificou na década em questão, pois o país estava vivendo o “milagre econômico”, o PIB cresceu cerca de 10% ao ano entre 1968-1974, representando um crescimento significativo no setor industrial⁴². Os/as afrodescendentes pouco se beneficiaram com este crescimento econômico em comparação aos/às brancos/as

⁴⁰VICÊNCIA, Maura Martins . Criciúma, 19 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

⁴¹ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1991.

⁴²ANDREWS, 1991, p. 297.

dentro da mesma classe social, especialmente na classe média, em que o contraste foi maior. Esse acontecimento fez com que a maior parte dos/as afrodescendentes contestasse a “democracia racial”, sendo que em décadas anteriores esse assunto dividia opiniões entre os/as descendentes de africanos/as⁴³. Outros elementos importantes foram a conquista dos direitos civis nos Estados Unidos aliada a atuação do “Black Power”, além das independências das colônias portuguesas em África.

As medidas adotadas pelas populações de origem africana de Criciúma e pela ClotildesLalau, em particular, para combater o racismo, foram denúncias em jornais, pronunciamentos nas rádios do município⁴⁴, como também palestras oferecidas por ela ou outros/as militantes do Movimento Negro; geralmente ocorridas na Sociedade Recreativa União Operária.

No final da década de 1960 e início da década de 1970, os/as afrodescendentes de Criciúma estreitaram relações com integrantes do Movimento Negro de outros estados: São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia; e também de outras cidades de Santa Catarina: Joinville, Lages, Florianópolis, etc. Essas articulações foram em boa parte feitas por Clotildes e por Wilson, o que não significou que atuassem sozinhos no movimento, mas essas mobilizações e associações foram possíveis com a criação do Grupo Afro-Brasileiro em Santa Catarina:

[...] É bonito e saudável observarmos aqui em Criciúma os nossos Clubes de Jovens: A juventude se reúne, planeja e executa; se integra, passeia, dança, labuta, por uma causa, cujo resultado benéfico reverte para o bem estar de determinadas entidades. E quais são as condições para que sejam associados destes clubes? Pelo menos pelo que tivemos a feliz oportunidade de verificar nos BairrosBoa Vista e Santo Antônio, no Rotaract Club no Interact e no Léo Club é que sejam jovens de valor, que estejam dispostos a dispende suas energias em benefício seu e da comunidade cricumense! Não se observa ali quaisquer preconceitos de raça, religião ou política! Devemos nos parabenizar com essa juventude sadia e laboriosa e pedir que continuem a desempenhar o seu mister, digno de aplausos, elogios e sobretudo reconhecimento e gratidão. Entidade semelhante também está se firmando em nossa cidade. Trata-se do Grupo Afro-Brasileiro, cuja filosofia é a educação, saúde e cultura. Grupo aberto a todos sem distinção de raça, religião, cor e cultura⁴⁵.

O texto acima teve a finalidade de apresentar para a população cricumense o Grupo Afro-Brasileiro, sendo o mesmo publicado no *Jornal do Sul*. Quando o jornal foi fundado em 25 de Junho de 1977, Clotildes escreveu uma carta parabenizando os diretores do periódico, pois estavam “aumentando o poder de comunicação em nosso meio e enriquecendo

⁴³Op. Cit. ANDREWS, 1991, p. 299.

⁴⁴Na época pesquisada havia duas rádios: a Eldorado e a Difusora (1958-1987).

⁴⁵LALAU, Clotildes Maria Martins. Nós e nossos preconceitos. **Jornal do Sul**, 25 de junho de 1977, p. 10.

a cultura geral da nossa gente”⁴⁶ e, agradecendo o convite para ser uma das colaboradoras do jornal, utilizando o espaço para escrever artigos sobre discriminação racial, as ações do Grupo Afro-Brasileiro e educação. Sua atuação como colaboradora no jornal foi esporádica totalizando sete artigos publicados –sendo que um deles também foi publicado pelo *Jornal da Manhã* –no período correspondente a 10 anos⁴⁷.

Clotildes construiu sua autoridade na sociedade cricumense, através de sua posição social e suas articulações com lideranças do Movimento Negro. Como ela foi professora e diretora de uma Escola Pública Estadual (Joaquim Ramos), isso lhe possibilitou a transição por espaços na cidade ocupados majoritariamente por brancos/as. Como sua profissão lhe possibilitou circular por estes ambientes, esse fator contribuiu para que ela exercesse cargos de liderança junto as organizações das populações de origem africana na cidade.

A sua militância e atuação profissional podem ser compreendidas pela busca da inserção dos/as afrodescendentes nas camadas mais elevadas da sociedade. As suas ações foram possibilitadas pela posição que ela ocupava dentro da estrutura social na qual ela estava inserida. Como acentuou Bourdieu:

[...] De fato, nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) nada significam além delas mesmas: na verdade, elas exprimem sempre a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção. Os signos enquanto tais “não são definidos positivamente por seu conteúdo mas sim negativamente através de sua relação com os demais termos do sistema” e, por serem apenas o que os outros não são, derivam seu “valor” da estrutura do sistema simbólico e, por esta razão, estão predispostos por uma espécie de harmonia preestabelecida a exprimir o “nível” estatutário que, como a própria palavra indica, deve o essencial de seu “valor” à sua posição em uma estrutura social definida como sistema de posições e oposições. Desta forma, tudo se passa como se os sistemas simbólicos estivessem destinados pela lógica de seu funcionamento enquanto estrutura de homologias e de oposições, ou melhor, de desvios diferenciais, a preencher uma função social de sociação e dissociação, ou então, a exprimir os desvios diferenciais que definem a estrutura de uma sociedade enquanto sistema de significações, arrancando os elementos constitutivos desta estrutura, grupos ou indivíduos, da *insignificância*. Assim, a linguagem e as roupas, ou melhor, certas maneiras de tratar a linguagem e as roupas, introduzem ou exprimem desvios diferenciais no interior da sociedade, sob forma de signos ou insignias da condição ou da função⁴⁸.

O objetivo de Clotildes e dos/as militantes do Movimento Negro foi inserir as populações de origem africana nos espaços que lhes eram vedados. Para a concretização desta meta ela e alguns/as militantes optaram por se aproximarem dos/as brancos/as, pois como ela

⁴⁶LALAU, Clotildes Maria Martins. O leitor escreve. **Jornal do Sul**, 25 de junho de 1977, p. 02.

⁴⁷Sua primeira publicação foi em junho de 1977 e a última em agosto de 1987, um mês antes de seu falecimento.

⁴⁸BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 17-18.

relatou em seu artigo, o Grupo Afro-Brasileiro possibilitava a participação de pessoas com origens e ascendências diversas. Essa postura antissegregacionista foi adotada por militantes de várias partes do país, como uma estratégia política que visava combater a discriminação sem reproduzir a ação contra o agressor.

O Grupo Afro-Brasileiro mantinha o discurso que as pessoas deveriam aprender a conviver respeitando as diferenças; em outros artigos Clotildes fala em humanismo e combate o preconceito de classe social e religioso.

O Grupo Afro-Brasileiro usou esse termo ao invés de negro, pois a maioria dos/as membros não aceitava o termo negro, o mesmo era visto como algo depreciativo, um xingamento⁴⁹, ao que parece o termo afro-brasileiro remetia ao mesmo tempo às origens africanas e ao nacionalismo. O Grupo Afro-Brasileiro teve sua primeira sede na cidade de São Paulo, a segunda sede no estado da Bahia, a terceira na cidade de Joinville e a quarta em Criciúma. Quando o Grupo veio para Santa Catarina, contou com poucos/as membros/as, como relata Maria José:

A época em que fiz parte desse Grupo muito poucas mulheres tinham coragem de participar, até porque os sinais da revolução de 64 ainda estavam presentes, de sorte que excetuando os homens, que eram em número superior a 10 ou 15, quem participou desse primeiro Grupo foi a Professora Uda, Professora Clotildes Lalau, duas senhoras da mesma rua que a Professora Uda e eu⁵⁰.

De acordo com a fala acima as mulheres eram, inicialmente, em número incipiente dentro do Movimento. ClotildesLalau empenhou-se em aumentar a participação dos/as afrodescendentes, sobretudo das mulheres em âmbito estadual local.

Anteriormente à vinda do Grupo Afro-Brasileiro para Criciúma, as populações de origem africana da cidade organizavam-se apenas em blocos carnavalescos, times de futebol e sociedades recreativas. A interação com este grupo e, conseqüentemente, com os/as militantes de outras regiões do país trouxe para os/as afrodescendentes outra forma de organização, o Movimento Negro propriamente dito, ou seja, um movimento formado por homens e mulheres letradas, que propagavam um discurso antirracista, consolidando espaços recreativos e culturais que contribuíssem para a promoção das atitudes privadas e públicas dos/as afrodescendentes⁵¹.

⁴⁹SOUSA, Maria José. Entrevista realizada por e-mail no dia 11 de maio de 2011, concedida a Juliana de Souza Krauss.

⁵⁰Idem.

⁵¹CARDOSO, 1993, p. 09.

Uma das primeiras ações do Grupo Afro-Brasileiro foi a organização do IV Encontro Afro-Brasileiro e o Primeiro Simpósio Cultural. Clotildes foi uma das organizadoras e divulgadoras do evento:

Como é agradável recebermos um convite! [...] Pois bem hoje nos servimos desta coluna para formular um convite especial para você que reside em qualquer parte do nosso querido Brasil! E ao fazê-lo queremos dizer-lhe da satisfação imensa que teremos em desfrutar do prazer da sua presença para participar conosco do I Simpósio Cultural e o IV Encontro Afro-Brasileiro a se desenrolar em nossa cidade, Criciúma, Terra de Amor e do Trabalho nos dias 22, 23 e 24 do mês vigente. [...] No decorrer desses dias você será agraciado com a apresentação de dois grupos folclóricos de São Paulo, um de São Carlos, um do Rio de Janeiro, e dois folclóricos da Manchester Catarinense, Joinville. Se você integra a parte médica poderá assistir à palestra do Dr. Francis AlsequaYe – Major de Ghana, Professor da Universidade de São Paulo que discorrerá sobre “Leucemia Falsiforme”. [...] Esperamos contar com a presença de S. Excia. Sr. Governador do Estado de Santa Catarina, Dr. Antônio Carlos Konder Reis, os Embaixadores do Zaire, Nigéria, Costa do Marfim e Ghana, bem como, Secretários de Estado, Deputados Federais e Estaduais, Prefeitos Municipais, Secretários da Educação e Cultura dos diversos municípios e outras autoridades especialmente convidadas, bem como o povo em geral. [...] Sabemos pelo que nos tem sido possível presenciar que Criciúma, sempre se sobressaiu quando sediou Congressos e não ignoramos que pela vez primeira nos tocou coordenar um Congresso da Cultura Afro-Brasileira, primeiro dessa natureza a se desenrolar em nosso município, mas ousamos esperar a colaboração de todas as forças vivas, buscando o seu apoio moral e financeiro, afim de que o bom nome de nossa cidade, mais uma vez volte a gozar do elevado conceito de que em oportunidades desta natureza tem conseguido gozar. Convictos também estamos de que, S. Excia. o Prefeito Municipal, Arqto. Altair Guidi, bem como o Revdo. Padre Manoel João Francisco, Orador Oficial do Grupo, haverão de saudar à altura nossos congressistas e mui especialmente os visitantes. Portanto aí está O nosso convite especial para você não se olvidará dele, bem como certeza temos de que você com sua preciosa presença, será aquela bela rosa que virá garbosamente, ornamentar a nossa festa!⁵²

A dimensão do evento foi de grande alcance tanto pelos atrativos culturais, como pelas palestras em tonalidade acadêmica, sendo que a presença de representantes do governo conferiu uma atmosfera de oficialidade, expressando a importância que teve não apenas para as populações de origem africana, mas também para outros grupos, pois este evento proporcionou visibilidade à cidade e abriu caminhos para a expansão das relações com movimentos de outros estados com realidades próximas e distantes daquela encontrada pelas populações de origem africana do município de Criciúma.

É importante destacar que essa relação com as embaixadas de países africanos que tinham boas relações com o Brasil⁵³, está pautado no Movimento da Negritude, que caracterizou o Movimento Negro a partir da década de 1970; como também nas independências das colônias portuguesas em África e o *Pan Africanismo*. Esses

⁵²LALAU, Clotildes Maria Martins. Um convite especial para você. **Jornal do Sul**, 9 de julho de 1977, p. 08.

⁵³Este ponto consta no Estatuto da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura – Criciúma, na qual destaca-se a importância de manter contato com países africanos que possuíam boas relações com o Brasil.

acontecimentos repercutiram dentro do Movimento Negro e contribuíram para a aproximação entre este e o continente africano⁵⁴, tendo esse interesse marcado o Movimento Negro de forma geral neste período, em parte devido a ação diplomática do país.

A diplomacia brasileira realizou um esforço muito intenso no estreitamento de relações econômicas com o continente africano, especialmente os países de colonização portuguesa, na década de 70. O Brasil, num gesto ousado do Ministério das Relações Exteriores, foi um dos primeiros a reconhecer a independência de Angola, dando uma estreita atenção aos novos países independentes da África Meridional.

Nos fóruns internacionais, o Brasil condenou o *apartheid* na África do Sul, numa posição ambígua, ao conviver com a situação de discriminação racial, embora a imagem divulgada fosse a da democracia racial no Brasil. Paralelamente, todas as entidades do movimento negro se identificaram com as transformações ocorridas na África e enfatizavam a necessidade de buscar as raízes da comunidade negra⁵⁵.

Quando Clotildes começou a ter contato com o Grupo Afro-Brasileiro, sua estética sofreu mudanças:

Com o passar do tempo quando na questão da luta cada vez mais acentuada, com relação ao segmento étnico, ela começou a fazer uso de muitas túnicas estampadas, então mesmo antes disso, os vestidos dela normalmente eram vestidos estampados, as cores mais neutras ou roupas de uma única cor eram só quando utilizados *tailleur*, muito branco um azul claro, ela gostava de cores alegres. Os vestidos normalmente eram vestidos bem estampados, se não eram motivos geométricos eram flores, ela gostava muito! Lembro-me que ela gostava muito de bolas, e quando entra a questão das lutas, ela também começou a adotar o uso de turbantes, então por sinal ela se tornou muito mais conhecida pelos seus turbantes do que de qualquer outra maneira! As pessoas admiravam muito pela elegância, pela forma de se vestir, de se calçar, mas principalmente se você for falar: “Ah dona Clotilde, os turbantes da dona Clotilde!”, para cada roupa ela tinha um turbante a combinar⁵⁶.

O vestuário dela normalmente era saia, usava bastante um casaquinho de ombreira, o que ela sempre usou foi turbante na cabeça! Sempre ela usava um turbante e as bijuterias que eram bijuterias de colar, pulseira, aquelas argolas grandes. Ela se trajava, quando a gente olhasse para ela lembrava um negro, sempre, sempre mesmo que não visse quem era! Eu me lembro de um desfile que o marido dela foi diretor do CIS e ela colaborava bastante com ele, ela já era diretora e os dois trabalhavam muito juntos, ela era diretora do Joaquim Ramos e ele o seu Wilson Lalau diretor do CIS. Eu me lembro bem do desfile que houve, ela estava toda de branco e era assim (...) branco também, eu cheguei por trás e vi aquele turbante e aquela argola e pensei: “a dona Clotilde” e era mesmo! Até nos desfiles ela se sobressaía como negra⁵⁷.

A minha mãe como você pode ver nas fotos, as roupas dela eram diferentes de todas

⁵⁴O interesse no continente Africano ao que parece foi intenso em Criciúma, não somente entre os/as afrodescendentes. No período de 1960-1972 há diversas reportagens sobre a política de países africanos, relações com o nosso país e também relações diplomáticas entre países africanos e os Estados Unidos.

⁵⁵SANTOS, Ivair Augusto Alves. **O Movimento Negro e o Estado (1983-1987):** O caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo. Campinas: UNICAMP. 2001. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

⁵⁶FARIAS, Normélia Ondina Lalau de (filha de Clotildes Lalau). Apud: KRAUSS, 2007, p. 33.

⁵⁷LIMA, Maria (amiga de Clotildes) Criciúma, 13 de novembro de 2007. Apud: KRAUSS, 2007.

as roupas, ela se vestia mesmo como uma africana! Ela colocava turbantes, ela tinha uma coleção de turbantes de várias cores, a roupa colorida normalmente os vestidos dela era rachado no lado nas pernas, era tipo túnica inteira rachada do lado nas pernas ela se vestia realmente como uma africana⁵⁸.



Imagem 4: Clotildes Lalau com turbante
Sem data (aproximadamente início da década de 1980)
Acervo da Família

⁵⁸LALAU, Wilson Martins (filho de Clotildes Lalau). Criciúma, 06 de novembro de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss. Apud: KRAUSS, 2007.



Imagem 5: Clotildes e Wilson, possivelmente na Sociedade Recreativa União Operária
Sem data (aproximadamente início da década de 1980)
Acervo da Família

Segundo Hall, as relações entre as origens africanas nas dispersões irreversíveis da diáspora e a apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias e culturas europeias, conduziram a inovações na estilização retórica do corpo e linguísticas, a maneiras de ocupar “um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade”⁵⁹. A questão da estética foi e é muito importante para o Movimento Negro, pois a politização do corpo tem a finalidade de torná-lo um espaço de afirmação de uma outra identidade⁶⁰. No Brasil, uma das precursoras da adoção da “estética afro” foi Lélia González. Como Clotildes procurava estar em sintonia com as ações dos/as militantes que se destacaram nacionalmente, por compreender que a dimensão da luta antirracista extrapolava as barreiras locais, ela inspirou suas ações nessas lideranças dentro da

⁵⁹STUART, Hall. Que “negro” é esse na cultura negra? In:SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 335-348.

⁶⁰BARRETO, 2005, p. 21.

estrutura em na qual ela estava inserida. A principal influência teórica de Clotildes foi Abdias do Nascimento.

Essas influências podem ser percebidas nos textos que Clotildes escrevia, como também em sua postura como militante. Como exemplo, o combate as manifestações racistas sem assumir uma postura segregacionista; essa visão foi marcante na trajetória de Abdias do Nascimento, em sua obra *O Negro Revoltado*⁶¹ ao narrar sua experiência na organização do I Congresso do Negro Brasileiro, ocorrido no Rio de Janeiro em meados de agosto e início de setembro de 1950, ele argumenta a importância de se combater as agressões racistas sem reproduzir a violência contra o/a agressor/a. A postura de não reproduzir violência, não significa baixar a cabeça para os/as brancos/as, apenas lidar com essa questão através do diálogo e da inserção dos/as afrodescendentes, sem contudo aderir ao “embranquecimento” sobretudo cultural:

Integração social assim compreendida não deve, pois, ser confundida com o embranquecimento compulsório, o desaparecimento do negro e da negritude nos quadros étnicos de uma maioria predisposta a tragá-los. [...]A integração não-racista que pregamos é outra. Corresponde à abertura de oportunidades reais de ascensão econômica, política, cultural, social, para o negro, respeitando-se sua origem africana⁶².

A questão da valorização da origem africana e da recusa do embranquecimento que prega Abdias, foi fortemente interiorizada por Clotildes e outros/as militantes do Movimento Negro de Criciúma, como pode ser evidenciada nas ações do Grupo Afro-Brasileiro, como também através da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura.

1.3 ASSOCIAÇÃO DA ETNIA NEGRA DE TRADIÇÃO E CULTURA

A diretoria da Sociedade Recreativa União Operária em seus primórdios era formada quase que exclusivamente por homens e paralelo a esse diretoria foi formado um grupo de mulheres que frequentava o clube e utilizava seu espaço para a realização de chás e encontros. A maior parte dos encontros era organizada por Clotildes Lalau e neles discutia-se sobre como melhorar a situação das populações de origem africana de Criciúma, especialmente das mulheres. Ela passou a preparar diversas mulheres para prestarem o exame admissional para que se tornassem professoras normalistas, assunto esse que será mais bem

⁶¹NASCIMENTO, Abdias. *O Negro Revoltado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

⁶²Ibidem, p. 100.

explorado no próximo capítulo. Nestes encontros de mulheres também foram iniciados alguns debates que forneceram as bases para a criação da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura.

Apesar de ter sido legalizada apenas em 1994, quando ganhou uma sede própria – anteriormente dispunha de uma sala nas dependências da Sociedade Recreativa União Operária – a Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura foi gestada em 1978, ganhando corpo em 1980 para as comemorações do Centenário da colonização de Criciúma.

Nos primeiros anos de sua existência, quando contava com um número relativamente baixo de integrantes, as reuniões da Associação eram realizadas na casa de Vilson e Clotildes, sendo que ambos presidiam esses encontros. Quando havia um número elevado de participantes realizavam as reuniões na Sociedade Recreativa União Operária.

As mulheres foram muito atuantes nas diversas formas de organização das populações de origem africana em Criciúma⁶³. Segundo Manenti⁶⁴, inicialmente as mulheres ficaram em segundo plano, mas logo conquistaram espaços dentro da comunidade, assumindo em algumas ocasiões as responsabilidades para si, como ocorreu com Clotildes, Maura e Onélia.

De acordo com o Estatuto, a finalidade da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura era:

1. Reunir os descendentes da raça negra com a finalidade de um melhor entrosamento entre os negros do sul, bem como de toda Santa Catarina e estruturar os laços de amizade entre os países Africanos que tem relações com o Brasil.
2. Promover e manter as tradições culturais e sociais da Etnia Negra em Criciúma.
3. Incentivar a divulgação da cultura da Etnia Negra.
4. Criar um gabinete da Etnia Negra de leitura e filмотeca em Criciúma-Santa Catarina.
5. Promover o intercâmbio cultural entre Brasil e países da África, dentro da região Sul Catarinense.
6. Dar condições de continuidade e assistência para o grupo folclórico “Dança da Etnia Negra” de Criciúma.
7. Dar condições de continuidade e assistência para coral da Etnia Negra de Criciúma.
8. Incentivar excursões a lugares históricos ligados as etnias negras no Brasil⁶⁵.

Segundo o Estatuto, a Associação dedicava-se a promoção daquilo que caracterizam como “cultura negra”. De acordo com Domingues as Associações tinham um cunho “assistencialista” recreativo e/ou cultural, e muitas vezes agregavam uma determinada classe

⁶³MOURA, Enilson Simões. Apud MANENTI, Tamara Domingos. **Religiosidade, carnaval e movimento negro em Criciúma (1950-1980)**: o que a imprensa local tem a dizer sobre isso? Criciúma: UNESC, 2005, p. 20.

⁶⁴MANENTI, 2005,p. 20.

⁶⁵Estatuto da Etnia Negra de Tradição e Cultura, Acervo do Arquivo Público Municipal de Criciúma, fichário nº 31.

de trabalhadores/as afrodescendentes contando com muitos/as adeptos/as⁶⁶.

É importante frisar que a Associação da Etnia Negra no período pesquisado não assumiu um caráter político partidário, apesar de alguns membros exercerem carreira política, como o caso do vereador Claudenir Crispim (ARENA, PDS). O que foi possível constatar é que o envolvimento com a política era algo “separado” da atuação na instituição, o que não significa que no exercício do cargo eram indiferentes às necessidades das populações de origem africana.

O não envolvimento com a política nos leva a princípio a algumas hipóteses: o receio de resistências de fora do grupo, pois Criciúma era vista como a “Cuba brasileira” devido às inúmeras greves de mineiros e a atuação do sindicato⁶⁷; a segunda hipótese é de que como em Criciúma os/as afrodescendentes eram minoria em relação aos/as brancos/as seria uma forma de não dividir o grupo por diferenças partidárias ideológicas; como também é possível que a tendência política não fosse explícita devido ao contexto da cidade na época⁶⁸.

Criciúma nas décadas de 1950 a 1980 e início dos anos 1990 ficou conhecida no cenário estadual e nacional pelas lutas sociais, populares e sindicais e pelas frequentes mobilizações de trabalhadores/as, pois os movimentos eram considerados vanguardistas. A cidade recebeu a alcunha de “ABC” de Santa Catarina – devido a militância sindical – e em alguns momentos esses conflitos tomavam grandes proporções extrapolando os contornos territoriais da cidade. Criciúma é uma cidade de conflitos com uma tradição trabalhista de esquerda (PT, PCB). Boa parte dessas disputas iniciava entre os mineiros devido às crises cíclicas do carvão – assunto esse que será melhor explorado no próximo capítulo –, ocorriam demissões de funcionários o que gerava greves que atingiam outros setores como a cerâmica e o comércio.

Se um grupo de trabalhadores/as entrava em greve numa fábrica de cerâmica, muitas vezes os mineiros e os/as trabalhadores/as do comércio aderiam a greve, e o mesmo ocorria

⁶⁶DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.**2007, p. 100-122. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>. Acessado em junho de 2009.

⁶⁷Sobre as greves dos mineiros há uma vasta produção, dentre as quais destaquei duas obras: VOLPATO, Teresinha Gascho. **A piritita humana: os mineiros de Criciúma.** Florianópolis: Ed. da UFSC/ALESC, 1984; CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964).** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

⁶⁸Em outras regiões, como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, algumas organizações do Movimento Negro assumiram posições políticas partidárias. Ver: ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988).** Bauru: EDUSC, 1991.; RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez.** São Paulo: Selo Negro, 2010. – Retratos do Brasil Negro, coordenado por Vera Lúcia Benedito.; SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **O Movimento Negro e o Estado (1983-1987): O caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo.** Tese de Mestrado em Ciências Políticas. Campinas: UNICAMP, 2001.

quando os mineiros fechavam uma mina e declaravam greve, praticamente toda a “cidade parava”.⁶⁹ A reunião desses fatores contribuiu para que as elites dirigentes da cidade – empresários, políticos, diretores de jornais e comerciantes – buscassem alternativas afim de conter esses conflitos, seja responsabilizando as greves pelos problemas sociais da cidade, e não como consequências destes; e caracterizando líderes sindicais e militantes de partidos de esquerda como baderneiros desequilibrados. A junção desses elementos pode ter influenciado os/as afrodescendentes a terem cautela no terreno da política partidária, para que essa imagem negativa não fosse vinculada ao grupo.

As atividades da Associação, além das questões presentes no Estatuto, concentravam-se nas apresentações da “etnia negra”, no gerenciamento do restaurante anualmente na Festa das Etnias, como também no combate ao racismo na cidade, atividade essa que Clotildes Lalau tomou a frente durante sua vida.

1.4 TEXTOS E ARTIGOS

Clotildes empenhou-se grandemente em combater o racismo tanto na militância no Movimento Negro como no espaço escolar na condição de professora e depois como diretora. Analisarei agora um episódio ocorrido na Escola Joaquim Ramos onde ela atuava na direção:

Estávamos na Biblioteca escolar a fornecer orientações a uma turma de alunos que estava atarefada a fazer um trabalho de pesquisa. Eis que entra alguém a nossa procura. Tratava-se de um professor que vinha trazer uma queixa e ao mesmo tempo solicitar nossas providências no tocante ao comportamento de uma aluna da 5ª série que havia agredido a mordidas um dos seus colegas. Com o auxílio do elemento de apoio, que não raras vezes junto à Direção como um orientador educacional tivemos uma conversa com a menina e com os professores que ministravam aulas em sua classe. Pois bem, pela conversa que tivemos com os Srs. Professores tomamos conhecimento que das 45 alunas que fazem parte daquela turma somente dois são negros: a aluna em pauta e mais um aluno. Os demais todos brancos. Até aí tudo normal. Mas o que estava ali a acontecer e que não era normal é que não chamassem a criatura pelo nome, sendo que volta e meia aparecia alguém que a chamava de Negra Macaca. Esse tratamento por parte dos colegas de classe e mais alguns problemas que a família tem em casa (pois problemas, quem não os tem?) gerou tamanha revolta na criança que passou a agredir o companheiro na primeira oportunidade em que recebeu o devido tratamento. Chamamos a atenção da pequena fazendo-a sentir que uma agressão não justifica a outra e demos-lhes uma série de bons conselhos, visando a sua boa formação. Sabemos entretanto, que existe a teoria que afirma que o homem descende do macaco, agora não temos conhecimento de que exista uma que prove ser o negro descendente do macaco. Logo não podemos afirmar que o negro é macaco. O negro é um ser tão criado à imagem e semelhança do Supremo Criador, como o branco e o amarelo o são!⁷⁰

⁶⁹ TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

⁷⁰ LALAU, Clotildes Maria Martins. Nós e as nossas responsabilidades. **Jornal do Sul**, 17 de julho de 1977, p. 08.

ClotildesLalau além de denunciar o preconceito em nossa sociedade buscava trazer essas questões para o debate, procurando dessa maneira levar os/as leitores a refletirem sobre suas práticas como o próprio título deste artigo evidencia: *Nós e as nossas responsabilidades*. Ela destaca que uma agressão não justifica outra agressão, ou seja, a forma pela qual ela exercitou sua militância foi combatendo a discriminação pela denúncia e conscientização. Teve uma ocasião em que a Clotildes foi barrada na Sociedade Recreativa União Mineira, durante a formatura da primeira turma do Colégio Joaquim Ramos, na qual ela era diretora, como relata dona Janete:

Os alunos já estavam lá, já tinha começado a festa e quando ela chegou na porta, eles pediram desculpas, mas que eles não podiam entrar porque eram negros, daí o Vilson quis se impor, mas ela disse “Não, é uma ordem da sociedade e nós vamos embora” e aí quando souberam que ela era a diretora, eles queriam que ela entrasse e ela disse que não ia entrar porque, mesmo sendo diretora ela era negra. Era uma regra da sociedade e eles não iam entrar, aí eles queriam fechar esse clube racista e o outro do Baile de Debutantes, mas ela disse que não, que deixasse funcionar. Ela não aceitou, então quer dizer que ela era orgulhosa. Ela podia ter feito uma vingança, poderia ter feito, mas o que ela fez? Disse que deixassem continuar porque eles aprenderiam⁷¹.

Em relação a este acontecimento, foi possível destacar dois elementos: primeiro, ela não aceitava que sua posição social – diretora do Joaquim Ramos – lhe conferisse um privilégio em relação aos/as outros/as afrodescendentes, de acordo com seus/as filhos/as, demais familiares e amigos/as ela sempre se posicionava como afrodescendente e argumentava que sentia orgulho disso; outro elemento é a decisão de não tentar interditar o clube, o que evidencia que em sua visão a luta contra a discriminação não é uma questão de vingança e sim de justiça, não se combate uma opressão promovendo outra e sim através da conscientização⁷².

Retomando o artigo, mais a frente ela chama a atenção dos pais sobre a responsabilidade da educação dos/as filhos/as:

[...] Convictos que somos de que não é somente a escola que tem a carga a grande responsabilidade de formar integralmente os seus educandos pois que a maior obrigação é dos Srs. Pais, de vez que havemos de convir, que nossos filhos vivem a maior parte de sua vida em nossas casas, solicitamos aos Srs. pais que, em conjunto,

⁷¹LEONOR, Janete Sebastião (cunhada de Clotildes). Criciúma, 14 de março de 2011. Entrevista realizada por Juliana de Souza Krauss.

⁷²De acordo com alguns relatos de familiares da Clotildes, algumas pessoas não concordavam com essa postura, pois preferiam bater de frente com os/as brancos/as dando-lhes o mesmo tratamento que recebiam.

façamos um trabalho de conscientização de que por uma série de razões, entre as quais o humanismo e educação, devemos tratar com respeito o nosso semelhante seja ele branco, negro ou amarelo, católico ou protestante, pobre ou rico! [...] A maior parte dos nossos erros é ocasionada por falta de orientação. [...] Pois bem, vamos nos unir numa maior disposição de melhor orientar nossos estudantes, pois que conforme bem o sabemos são esses pequeninos de hoje que amanhã ocuparão as lideranças de nossa comunidade, serão responsáveis pela melhora do mundo em que vivemos! Haveremos de nos lembrar sempre que pesa sobre os nossos ombros a grande responsabilidade de bem conduzir os nossos filhos, orientando-os com carinho e mesmo energia, quando se fizer necessário e aproveitando a pujança da juventude encaminhar seu dinamismo para o lado certo e bom, e, estaremos convictos de que assim agindo estaremos cumprindo o nosso dever perante a Deus e a Pátria, a quem tanto devemos! [...] Concitamos pois aos Srs. Pais a tomar parte dos estudos, visando um melhor aproveitamento escolar, tornando-os cientes da sua responsabilidade e por certo haveremos de viver dias bem melhores, satisfeitos sobretudo por bem haveremos cumprindo o nosso dever!⁷³

Este texto fornece alguns pontos importantes para a análise. Primeiro, o empenho e o comprometimento com a educação podem ser compreendidos em parte pela sua formação como professora normalista. As normalistas eram educadas para exercerem a docência como um sacerdócio tendo sempre em mente que “*ser professora é ter uma missão, acima das condições de trabalho e das conjunturas sociais*”⁷⁴; a educação era vista para além dos conteúdos ministrados em sala de aula, pois ensinava-se nas escolas normais que a professora tinha como responsabilidade formar futuros cidadãos. Essa concepção sobre a educação está presente em diversos textos de Clotildes, e no texto acima podemos evidenciar essa visão quando ela convida o/a leitor/a, a fazer um trabalho de conscientização no qual o humanismo e a educação são o fio condutor para tratar com respeito as diferenças de classe, étnicas e religiosas.

A maioria dos textos que Clotildes Lalau escreveu é marcada por uma forte influência religiosa, pois a militante era católica praticante. Esse elemento ganhava muito destaque especialmente nos textos-denúncia:

[...] Quando velhos olhamos saudosamente para os dias de nossa infância e juventude... E, esse meditar constante, leva-nos à reflexão. E hoje vamos refletir sobre a oração que o Senhor nos ensinou: - O PAI NOSSO.
Será que quando rezamos o Pai Nosso, tomando o Criador por Pai, já meditamos que, conseqüentemente, estamos admitindo que os demais seres humanos, criados à sua imagem e semelhança são também seus filhos e obviamente nossos irmãos? O que será mais fácil – ser irmão do presidiário, do bêbado, da prostituta, do negro, do pobre, do índio ou rezar o Pai Nosso hipocritamente?

⁷³LALAU, Clotildes Maria Martins. Nós e as nossas responsabilidades. **Jornal do Sul**, 17 de julho de 1977, p. 08.

⁷⁴SOUZA, Ione Celeste. **Garotas tricolores, deusas fardadas**: as normalistas em Feira de Santana, 1925-1945. São Paulo: EDUC, 2001.

Alguns, dentre muitos (embora não seja fácil) procuram dentro da sua limitação de pessoa humana, rezar o Pai Nosso como Cristo ensinou: outros o fazem com uma hipocrisia de MESTRE! E isto infelizmente podemos sentir através do fato que marcou a todos nós, que procuramos ser gente, e que tivemos o dissabor de saber que aconteceu no dia 24 próximo passado na SOCIEDADE RECREATIVA CITY CLUB, na nossa querida Criciúma, ironicamente chamada a Capitão do Carvão, o mineral “negro”. Pois bem, conforme comentaram muitos e através de crônicas informaram outros, embora tenham sido convidados de honra, para o baile das belas meninas moças, que faziam seu debut, dois dos Cadetes dos trinta e quatro vindos da Corporação do vizinho Estado do Rio Grande do Sul, foram discriminados pelos pais das jovens com quem deveriam dançar a valsa, pelo simples fato de serem negros. Porém aqueles que os discriminaram, não permitindo que suas filhas com eles bailassem, rezam diariamente o Pai Nosso, frequentam com assiduidade a igreja, participam do movimento religioso, dão até palestras, pregam a religião, levam a palavra de Deus para os menos cultos, ou seja os mais ignorantes... Creio que uma pessoa por mais ignorante que seja não convida alguém para vir a sua casa e sem motivo que justifique, a trata mal ou manda embora.

Será que os Cadetes Negros não são filhos de Deus? Será que não são seres humanos como os demais?

Onde ficam a educação, a sensibilidade, o humanismo, o sentimento de respeito e o amor fraterno dessa gente?⁷⁵(Os grifos são do próprio texto)

Clotildes utilizava o discurso cristão do amor fraternal para combater o racismo, visto que a maioria das pessoas que cometiam tais atos, ao que parece, eram cristãos/ãs. De acordo com seu filho mais velho Wilson, por muito tempo sua mãe praticou o catolicismo, mas com o aprofundamento na militância antirracista e com as leituras sobre aspectos culturais africanos e afro-brasileiros, ela passou a frequentar terreiros a participar de manifestações religiosas de matriz africana. Essa mudança proporcionou a ela atritos com os padres da cidade, familiares e afrodescendentes cristãos⁷⁶.

A prática de religiões de matriz africana foi imprescindível para muitos/as militantes, pois representava “um retorno às raízes”, o reverenciamento aos ancestrais como foi para Lélia González⁷⁷, Sueli Carneiro⁷⁸, entre outros.

Voltando ao artigo, o texto refere-se a um episódio ocorrido na Sociedade Recreativa City Club, da qual ela ficou sabendo por meio de uma carta publicada na Tribuna Criciumense escrita por um dos sócios do clube:

⁷⁵Este artigo foi publicado em dois jornais: LALAU, Clotildes Maria Martins. Refletindo... **Tribuna Criciumense**, 12 de setembro de 1987, p. 12; LALAU, Clotildes Maria Martins. Refletindo... **Jornal da Manhã**, 15 de setembro de 1987, p. 04.

⁷⁶Esses conflitos que a Clotildes enfrentou se tornam difíceis de se explorarem, pois as pessoas preferem não falar desse assunto

⁷⁷RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Retratos do Brasil Negro, coordenada por Vera Lúcia Benedito).

⁷⁸BORGES, Rosane da Silva. **Sueli Carneiro**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Coleção Retratos do Brasil Negro, coordenado por Vera Lúcia Benedito).

Venho apresentar a sociedade de Criciúma, minha versão dos fatos lamentáveis em que fui envolvido, infelizmente, no decorrer do baile de Debutantes do City Club, no último sábado.

[...] Encontrava-me no baile na qualidade de sócio do Clube e pai de uma das debutantes, a Denise.

Em determinado momento, minha filha Deyse veio até nossa mesa e comunicou-me que os Cadetes do Colégio Militar de Porto Alegre, que aqui tinham vindo a convite do Clube, para abrilhantar a festa, estavam reunidos em uma sala, revoltados com a discriminação racial que alguns de seus colegas, que eram de cor, haviam sofrido.

Incontinentemente, dirigi-me à sala da mencionada reunião, com o objetivo de acalmar os ânimos, já que entre os cadetes, estava um, o Francisco da Silva Pereira, que é filho de meu querido e velho amigo, o Dr. Francisco de Paula Credidio Pereira.

Lá chegando, declarei a todos, dirigindo-me ao líder dos cadetes, o estudante Alexis, que as discriminações raciais teriam sido praticadas por uma minoria, e que nós, a grande maioria, as repudiávamos, e apelávamos para que eles, em sinal de grandeza e superioridade de espírito, permanecendo na festa até o seu final.

[...] Na oportunidade, julgamos, o Presidente do Clube e eu que era necessário levar ao conhecimento público de todos os presentes a ocorrência das atitudes indignas de alguns poucos, que, infelizmente não sabem se portar como pessoas civilizadas e educadas e praticam atitudes execráveis, sem pensar na maldade e sofrimento que causarão aos seus irmãos que por acaso não tenham a mesma cor de sua pele. [...] por solicitação do Presidente do City Club, que interrompeu a orquestra, me manifestei em nome do Clube, contra as atitudes racistas praticadas, que além de serem desumanas, são capituladas como crime pelas nossas leis. E bom, que saibam os racistas que ao praticarem qualquer ato discriminatório contra seus irmãos de cor diferente, estão praticando um delito punível com detenção⁷⁹.

A diretoria do clube manifestou-se rapidamente contra a discriminação ocorrida, esse acontecimento teve muita repercussão na cidade a ponto de o artigo de Clotildes ter sido publicado em dois jornais concorrentes sem alterações. Este texto foi o último que ela escreveu antes de seu falecimento em 21 de setembro de 1987.

Retomando a análise do artigo da Clotildes, no decorrer da denúncia da discriminação sofrida pelos Cadetes afrodescendentes, ela contextualizava a situação em que as populações de origem africana se encontravam no período do pós-abolição, enfatizando que durante o cativo o trabalho escravo sustentou a economia do país:

Eu só queria lembrar aos Srs. Discriminadores que o negro fez muito por este país, que com seu sangue, suor, lágrimas e trabalho levantou esta Nação, nada recebendo em troca, pois embora estejamos há quase cem anos de abolição, ocorrido na nossa Criciúma, demonstra como ainda nos negam o direito ao respeito, dignidade humana e, conseqüentemente liberdade! Ainda não recebemos aquilo a que direito temos por justiça, pelos serviços prestados a esse BRASIL! O amor que a Mãe Negra transmitiu ao filho do “Sinhô”, quando deixando com fome seu próprio filho, alimentou o “Sinhozinho”, ainda nos é negado em pleno século da abolição.

Sim 100 anos, são passados e os negros ainda não tiveram o direito de ocupar seu espaço. Dificilmente encontramos um negro bancário, escriturário nas grandes empresas, Secretários Municipais, Estaduais e Ministros e há bem pouco tempo é que, em nossa cidade, alguns balconistas. Mas não é que não tenhamos negros formados em nossa terra!

⁷⁹SANTOS, Arq. Manoel Urbano C. dos. Racismo, **Tribuna Criciumense**, 29 de agosto de 1987, p. 12.

E convém que se diga que quando um negro chega a se formar é porque ele é realmente bom, pois a sua própria escola o discrimina. Mas poucas são as pessoas conscientes que o negro é um ser como outro qualquer, dotado de inteligência e raciocínio e como tal também possuidor de capacidade e, não raras vezes, inteligência invulgar. Entretanto lhe é vetado o direito de doar sua contribuição, participando mais ativamente nessas áreas de trabalho.

Não se ignora quando se usa a capacidade do negro é para que seu irmão branco suba mais um degrau; (toma-se) o seu parecer, a sua ideia, usa-se em favor de outro e ele prossegue na obscuridade.

Até quando meu Deus, permanecerá esta discriminação tão infame e às vezes tão gritante?

Oxalá a nova Constituição adote providências mais drásticas e as cobre, afim de que vejam coibidos tais abusos e sejam drasticamente punidos os criminosos. Só assim os negros terão direito a viver condignamente neste país que não pediram para habitar, mas muitos labutam para construí-lo.

Por isso peço aos Srs. Racistas: REFLITAM... REFLITAM muito e após esta reflexão conclua-se se são de fato gente e sobretudo gente sincera e digna, capaz de rezar o Pai Nosso, sem hipocrisia, com amor e fraternidade, conforme o Senhor nos ensinou⁸⁰.

Nesta segunda parte do texto pode-se destacar dois pontos importantes para análise. Primeiro a reprodução de uma das imagens construídas em torno das mulheres afrodescendentes: a *mãe preta*. Apesar das críticas contra as manifestações da opressão racista, ao que parece Clotildes não problematiza a atuação dessas mulheres, na medida em que vê a execução dos afazeres das amas como o exercício do “amor” e da “bondade” para com os/as filhos/as dos/as senhores/as e não enquanto uma obrigação imposta pelo sistema escravocrata⁸¹. Como coloca Oliveira Silveira:

Se de um lado a mãe preta representa a mulher negra mãe, de outro vem a ser um símbolo da submissão representando o negro prestativo, humilde, serviçal, dominado, imagem negativa estritamente ligada ao passado escravo. Essa imagem deve ser banida no momento em que o negro precisa se valorizar, assumindo sua origem étnica, seus valores, sua dignidade, sua condição de homem livre em igualdade com os demais brasileiros⁸². *Explorar usando o Abdias*.

O segundo ponto a ser destacado é como o espaço escolar discrimina as populações de origem africana, restringindo a elas o acesso à educação. Pois a educação foi pensada para essas populações como forma de mantê-las em subalternidade em relação aos/às brancos/as, como meio de manter a hierarquia racial e social construída durante a sociedade escravocrata⁸³.

⁸⁰LALAU, Clotildes Maria Martins. Refletindo..., 1987, p. 04.

⁸¹BARRETO, 2005, 39.

⁸²SILVEIRA, Oliveira. Ventre livre e corpo escravo. In: Versus. n.25, São Paulo: Versus, 1978, p. 42.

⁸³LUCINDO, 2010.

A preocupação com a discriminação racial, não era a única manifestação preconceituosa que a militante combatia. Em outro texto ela chama a atenção para outros tipos de preconceitos que permeavam a sociedade em sua época:

Somos todos iguais perante Deus, o Supremo Criador, afirmamos não raras vezes. E vamos adiante quando pregamos que como cidadãos brasileiros que somos, também iguais perante a constituição. Mas o certo é que só nos consideramos verdadeiramente irmãos e unidos na hora do sofrimento, da dor intensa. É impressionante ver como nos irmanamos nos momentos difíceis. Erguemos a Deus, unidos, as nossas preces ardentes e com fervor incomum, lhe pedimos o auxílio de que estamos a necessitar. Nesta hora de angústia, o negro une-se ao branco, o branco liga-se ao índio, o rico une-se ao pobre, o culto ao analfabeto, o alto funcionário ao varredor de ruas. Entretanto passado o perigo, tudo volta ao seu primitivo lugar. E quando aquele mais humilde, por ventura, ousa querer juntar-se ao mais graduado, vem logo a famosa observação: - É bom que cada um reconheça o seu lugar! Mas onde está o seu lugar? Ou por outra como devem ser as pessoas que se colocam neste lugar? Como valorizamos a pessoa humana? Para muitos apenas pela posição financeira; para outros, pela origem familiar, para muitos, felizmente, pelo que o indivíduo é em si, seus dotes morais e intelectuais, seu modo de ser e de se conduzir dentro da comunidade em que vive. O verdadeiro valor da pessoa está no que ela é e não no que ela possui financeiramente e no que os outros fizeram por ela. [...] Já que como cristãos que somos, filhos do mesmo Deus e da mesma Pátria, por que não nos irmanamos realmente, evitando tantos preconceitos bobos que não raras vezes temos? Quantas vezes recomendamos aos nossos filhos: - Não quero que você passeie por aí com aquele camarada, seu colega de aula. Para ir à escola ainda vá, mas para passeios e reuniões, não vou admitir! E por que não? Porque o colega do nosso filho, pertence a uma outra religião que não é a nossa, reside numa casa mais humilde, seus pais são pobres, eles não pertencem a mesma camada social que a nossa! Será justo esse nosso proceder ou deveríamos antes de tudo, averiguar as suas condições morais?⁸⁴.

O texto acima, e também a lembrança daqueles que conviveram com ela, demonstra o quanto Clotildes sensibilizava-se com a discriminação, solidarizando-se com outras causas além das questões raciais. Essa postura caracterizou muitos/as militantes do Movimento Negro, o que também não significa afirmar que as pessoas são isentas de manifestações preconceituosas de outras naturezas, seja de gênero, moralistas, entre outros.

Além de escrever artigos denunciando as práticas racistas, Clotildes Lalau fazia pronunciamentos nas emissoras de rádio da cidade, como nos relata dona Maria:

Se ela tomasse conhecimento iria para o rádio! Se ela tomasse conhecimento ela tomava providência, não tinha uma organização igual como tem agora que a etnia negra tem advogado e tem tudo, não era assim! Na época a autoridade maior que tinha era ela, mais desenvolta, que tomava mais providência das coisas. O que nós reclamávamos muito era exatamente a não aceitação em emprego, em trabalho mesmo que tivesse a capacidade porque sabemos de pessoas que fizeram testes em bancos, para lojas e coisas assim que depois não foram chamadas porque eram negras⁸⁵.

⁸⁴LALAU, Clotildes Maria Martins. **Nós e nossos preconceitos**. Op. Cit.

⁸⁵LIMA, Maria. Apud: KRAUSS, 2007, p. 30.

1.5 TULIPA NEGRA

De acordo com seus/suas colegas e familiares, Clotildes realizou vários pronunciamentos nas rádios⁸⁶, ela passou a ser conhecida na cidade pelo pseudônimo de *Tulipa Negra*:

Então *Tulipa Negra* era o terror da cidade! Ela fez um texto criticando duramente o posicionamento do clube (que não permitia a entrada de negros), o interessante é que esses clubes da elite de Criciúma, ainda continuavam a não permitir que negros entrassem no clube, mas eu entrava porque eu era filho da *Tulipa Negra* e podia pintar uma outra correspondência detonando e eles se sentiam incomodados e eu não tinha problema nenhum para entrar nesses clubes. Dado a importância que a minha mãe tinha dentro do contexto social de Criciúma, e a importância que a minha mãe tinha e da influência que ela tinha nesse contexto social. A minha mãe quis incluir nós negros dentro de uma sociedade que de repente não servia para o negro⁸⁷.

Como já havia dito anteriormente, as ações de Clotildes tinham como objetivo principal inserir as populações de origem africana dentro da sociedade que os/as discriminava, e combater incisivamente o racismo.

Infelizmente não consegui localizar nenhum texto assinado pela Tulipa Negra, pois ao que parece o pseudônimo era utilizado nos pronunciamentos na rádio, a única menção ao termo foi um anúncio de um filme europeu da década de 1960, protagonizado por Alan Delon, no qual a chamada particularmente despertou a atenção:

Ação! Suspense! Emoção! As mais arrojadas aventuras, eletrizando o público como poucas vezes.
Aí vem o Terror de Paris: “A TULIPA NEGRA” enganando a todos com sua audácia e habilidade!
Protagonistas: Alain Delon, Virna Lise e Dawn Addams.
Amanhã – Dia 27 no cine Rovaris: às 14, 16 e 20 horas⁸⁸. (Grifos do texto)

Talvez a dificuldade de encontrarmos os textos assinados pela Tulipa Negra se deva ao anúncio deste filme, possivelmente ela pode ter evitado usar o pseudônimo para não serem feitas comparações e não ser vista como aquela que “engana a todos com audácia e

⁸⁶Como já havia dito em outra nota, existiam duas estações de rádio em Criciúma a Eldorado e a Difusora, infelizmente não pude conseguir detalhes acerca desses pronunciamentos tais como: dia, hora, programa e emissora escolhida.

⁸⁷LALAU, Wilson Martins, idem p. 31.

⁸⁸A Tulipa Negra, **Tribuna Criciumense**, 26 de agosto de 1967, p. 10.

habilidade”, o que conseqüentemente desautorizaria sua fala. Devemos levar em consideração a possibilidade de que nem todas as pessoas que leram o anúncio tenham assistido ao filme.

O filme⁸⁹ em questão se passa na França pré-revolução e narra a história de dois irmãos gêmeos idênticos com personalidades diferentes, um deles era o conde Guillaume de Saint Preux que frequentava a corte francesa e era um justiceiro mascarado conhecido como *Tulipa Negra*, pois sempre deixava a flor durante seus ataques, roubava os nobres e dava a pilhagem para os pobres. Quando o Chefe de Polícia Rosellón fere sua face para desmascará-lo, Guillaume manda buscar seu irmão Julian para assumir sua identidade. Julian une-se a um grupo de revolucionários que sequestram o príncipe e o fazem assinar uma procuração passando o comando do exército para o líder do grupo. Este ordena que o exército real marche para Marselha e não para Paris, impedindo que o exército contenha a tomada da Bastilha.

Julian é capturado pela polícia e condenado a forca por conspiração contra a coroa e pelo rapto do príncipe, seu irmão troca de lugar com ele e morre em seu lugar. Ele aparece no baile em homenagem a sua morte revelando que ele é o *Tulipa Negra* e que a Revolução triunfou em Paris e que a França não está mais sob o domínio da nobreza, todos/as ficam espantados/as por ele estar vivo, a nobreza foge e Julian – que todos/as acreditam ser Guillaume, é aclamado como o responsável pela vitória da Revolução Francesa e o povo grita: *Viva o Tulipa Negra!!!* O filme encerra sem que ninguém, nem mesmo a mocinha (par romântico de Julian), saiba sobre os gêmeos.

Há também a possibilidade de que a Tulipa Negra tenha sido usada apenas nas denúncias nas rádios, pois Clotildes costumava escrever um texto antes de fazer o pronunciamento, mas estes textos acabaram se deteriorando com o tempo e alguns se perderam⁹⁰.

A escolha deste pseudônimo pode estar vinculado ao processo de produção da planta⁹¹, como também à lenda persa sobre uma moça que teve seu amor rejeitado e fugiu para o deserto, e quando suas lágrimas tocaram as areias nasceu uma tulipa negra⁹².

⁸⁹ **A Tulipa Negra.** Título original: *La Tulipe Noire*; país: França; gênero: ação, aventura, comédia. Intérpretes: Alan Delon, Virna Lisi, Akim Tamifoff, Laura Valenzuela, Adolfo Marsillach, Dawn Addams, José Jaspe, José Luis Pellicena, Enrique Ávila, Yvan Chifre e Santiago Ontañón. Direção: Christian-Jaque Roteiro: Christian-Jaque, Paul Andréota, Henri Jeanson, Produção: Georges Cheyko, 1965.

⁹⁰ Esses textos ficavam com a filha mais velha de Clotildes, Normélia.

⁹¹ Planta nativa da Europa e da Ásia, sua denominação vem do turco cujo significado é turbante. A Tulipa é a designação comum a diversas plantas bulbosas pertencentes à família das liliáceas, do gênero *Tulipa*, que possui cerca de cem espécies. A planta tem raiz em forma de bulbo da qual se ergue um talo, geralmente único, terminado em flor com aspecto de campânula. Suas folhas lanceoladas, duas ou três, despontam na base do caule. A fruta da tulipa é uma cápsula com muitas sementes. É muito apreciada na horticultura pela variação das cores e a facilidade de cruzamento entre suas espécies, essas hibridações possibilitaram cerca de quatro mil variedades da flor. A tulipa negra é obtida através de um processo de enxerto (offset) clonando e modificando geneticamente o clone da planta original, processo muito delicado e difícil o que torna essa variedade rara. Fonte:



Imagem 6: Tulipa Negra

Fonte: <http://janaemimi.blogspot.com/2011/03/tulipa-negra.html>
Acessado em fevereiro de 2012.

Como também há possibilidade da inspiração ter vindo do romance de Alexandre Dumas (pai) *A Tulipa Negra*⁹³. Nesta obra o autor narra a história do botânico holandês Van Baerle principal cultivador de tulipas da Europa, ele era aficionado pelas tulipas não permitindo que ninguém, nem seus criados chegassem perto de suas flores. Ambientado no sul da Holanda em uma cidade chamada Dordrecht, em 1672, o romance tem como pano de fundo a disputa entre Holanda e Portugal pela produção da tulipa.

Quando a Associação Hortícola de Haarlem promove um concurso oferecendo um prêmio para quem desenvolvesse a primeira tulipa negra, Van Baerle sente-se desafiado a realizar o feito. Depois de muitas tentativas frustradas, ele consegue criar um bulbo que acredita ser inteiramente negro. Mas, ele acaba sendo preso injustamente e na prisão conhece Rosa, a filha do carcereiro, e lhe pede ajuda para cultivar a tulipa negra. Como a moça não sabia ler e escrever e ela era a sua única chance de cultivar a planta, ele então a ensina a ler e escrever escondido todas as noites, em troca ela cuida da planta em seu quarto. Com o passar do tempo eles ficam mais próximos devido ao cultivo da tulipa, e Rosa sempre lhe narra os

VÁRIOS COLABORADORES. **Nova Enciclopédia Barsa**. São Paulo: Barsa Consultoria Editorial Ltda., 2001. Vol. 14, p. 196.; www.florencanto.com.br/Tulipas.aspx?flores=Tulipas, Acessado em fevereiro de 2012.

⁹²http://poetryblacktulip.blogspot.com.br/2009/11/lenda-da-tulipa-negra_26.html, Acessado em maio de 2012.

⁹³DUMAS, Alexandre. **A Tulipa Negra**. São Paulo: FTD, 2004.

progressos da tulipa negra. No momento em que a flor cresce ela é roubada por um adversário de Baerle.

Rosa enfrenta a todos, inclusive seu pai para impedir que o impostor ganhe o prêmio. Depois de muitas brigas e disputas Van Baerle consegue provar que é o verdadeiro criador da tulipa negra e ganha o prêmio. Ele e Rosa passam a dedicar suas vidas a produzir outras variedades e cores de tulipas.

Como Clotildes Lalau, segundo seus filhos, apreciava muito literatura, a hipótese do romance de Dumas ter servido de inspiração para o uso do pseudônimo torna-se plausível.

Como foi possível acompanhar neste capítulo a militância de Clotildes no Movimento Negro foi muito intensa, tanto no que se refere ao combate ao racismo, como na promoção e divulgação de aspectos culturais africanos e afro-brasileiros.

Para uma compreensão mais ampla da atuação de Clotildes no Movimento Negro faz-se necessária a análise sobre a Sociedade Recreativa União Operária e o processo de “etnização” de Criciúma, que teve como resultado as festas organizadas por cada etnia, no qual o casal Lalau estava entre os/as organizadores/as da Festa da Etnia Negra. Assuntos esses que serão abordados no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

OS/AS AFRODESCENDENTES DE CRICIÚMA

Neste capítulo tratarei sobre a importância da Sociedade Recreativa União Operária para os/as afrodescendentes criciumenses enquanto um espaço de recreação e resistência; os congressos, palestras e debates promovidos pela Clotildes no clube, com a finalidade de discutir a situação das populações de origem africana no mercado de trabalho; a educação como forma de ascensão social, e como combater a discriminação racial; aspectos econômicos e sociais de Criciúma, a etnização da cidade e como as populações de origem africana foram inseridas nesse processo; a realização da I Festa da Etnia Negra e posteriormente o estande da Etnia Negra na Quermesse das Etnias; as viagens realizadas por Clotildes para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, com a finalidade de conhecer aspectos culturais afro-brasileiros para apresentá-los nas atividades desenvolvidas pelo Movimento Negro de Criciúma.

2.1 A SOCIEDADE RECREATIVA UNIÃO OPERÁRIA

O espaço da Sociedade Recreativa União Operária foi muito importante para a trajetória de Clotildes Lalau, pois nele que muitos afrodescendentes se reuniam para festividades, palestras e debates. Nestas ocasiões tornou-se possível realizarem trocas de experiências entre si⁹⁴.

A Sociedade Recreativa União Operária foi fundada em 14 de abril de 1937 no bairro Vila Operária, que mais tarde passou a chamar-se Operária Velha, e atualmente, é conhecido como Santa Bárbara. Inicialmente denominava-se União Operária Foot-ball Clube, devido ao time de futebol daquele bairro, o Atlético Operário; era ao mesmo tempo sede do time de futebol e sociedade recreativa, sendo sua formação composta apenas por afrodescendentes.

A construção do clube foi financiada pela Companhia Carbonífera de Araranguá (CBCA), que doou o terreno e auxiliou com o material para a construção do espaço⁹⁵. Como já foi dito anteriormente havia segregação entre brancos/as e afrodescendentes nos clubes

⁹⁴BERNALDO, Pedro Paulo. **A Sociedade Recreativa União Operária: um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra criciumense (1950-1970)**. Criciúma: UNESC, 2005. 53 f. Monografia (Especialização em História Social e História Cultural) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2005.

⁹⁵ROSA, Júlio César. **União Operária: resistência e manifestação cultural negra em Criciúma na década de 30**. Criciúma: UNESC, 2006. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2006, p. 24-25.

dançantes, por este motivo foi construído um clube voltado para as populações de origem africana, já que nem todos os clubes admitiam a entrada de afrodescendentes.

Como a sede do Operário Foot-ball Clube não comportava mais o número de membros/as, em 1945 a CBCA doou o terreno ao lado do campo para a construção de uma nova sede que passou a chamar-se Sociedade Recreativa União Operária⁹⁶. Além de ser um espaço de lazer, onde eram realizados bailes, jantares e festas, ele se constituiu num espaço de luta e resistência.

A necessidade de espaços recreativos para os/as afrodescendentes não ocorreu apenas em Criciúma, pois a proibição de frequentar clubes ditos de brancos ocorreu em todo o país. Podemos destacar como exemplos: o Grêmio Recreativo Kosmos ea Sociedade Recreativa Elite da Liberdade ambas de São Paulo, o Renascença no Rio de Janeiro, o Floresta Aurora em Porto Alegre, entre outras⁹⁷. Essas associações culturais essencialmente são:

[...]formas de conquistar espaços políticos, em especial como lugar possível para a elaboração dos discursos de combate ao racismo. Esse tipo de associação não impediu, e, sim, permitiu que grupos de negros se organizassem socialmente, ocupassem postos de poder e participassem dos principais “momentos históricos” na história do Brasil por todo o século XX⁹⁸.

Diferente do que aconteceu com os clubes dos/as brancos/as, a Sociedade Recreativa União Operária passou a permitir a entrada de brancos/as com algumas restrições:

Às vinte horas e trinta minutos do dia oito de janeiro de mil novecentos e setenta e quatro, na Sociedade Recreativa União Operária, deu-se início a reunião dos Diretores. [...] foi discutido a entrada do Branco **não associado**, ficando resolvido que: O casal só entrará se for conhecido pelos Diretores ou apresentado por seus Sócios, se caso trouxerem filho(s) também entrarão. Os solteiros só se caso namorarem com filhos de Associados e o mesmo ser apresentado pelo Pai da guria ou do rapaz só poderá entrar se o Associado estiver quite com a Sociedade⁹⁹. (Grifo meu).

⁹⁶SIMIANO, Mariléia. **A Sociedade Recreativa União Operária**: um estudo sobre um território negro na cidade de Criciúma. Florianópolis: UDESC, 2002. 40 p. Monografia (Especialização em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

⁹⁷Existiram e ainda existem inúmeras sociedades recreativas de afrodescendentes pelo país, no entanto meu objetivo não é fazer uma análise detalhada sobre essa forma de associação e sim analisar como o espaço do clube contribuiu para as diversas organizações das populações de origem africana em Criciúma. Abordarei este tema brevemente.

⁹⁸PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **As Associações dos Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista**: Movimentos Negros, Cultura Política no Brasil Republicano (1915 a 1945). Belo Horizonte: Editora Gráfica DalianaLtda, 2006, p. 92.

⁹⁹Sociedade Recreativa União Operária, 08/01/1974, Jorge Luiz Machado, Livro Ata nº 3, p. 105. Acervo da Sociedade Recreativa União Operária.

A análise desta ataevidencia as estratégias políticas adotadas pelos/as afrodescendentes, que só poderiam entrar nos clubes dos/as brancos/as durante o carnaval¹⁰⁰. Por outro lado, no Clube União Operária era permitida a entrada de brancos/as em situações especiais. Essa postura em relação aos/às brancos/as não se limitava ao espaço dos clubes, como constano capítulo anterior: o Grupo Afro-Brasileiro era aberto a todos/as, e quando faziam algum seminário ou apresentação cultural, que geralmente ocorria nas dependências da Sociedade Recreativa União Operária, o convite era estendido aos/às brancos/as. Em seus pronunciamentos no clube, como em seus artigos¹⁰¹, Clotildes Lalau sempre enfatizava a importância de se respeitar as diferenças e que toda a discriminação devia ser evitada¹⁰².

Destaqueino texto o não associado, pois ao que parece abre precedentes para a possibilidade de brancos/as associarem-se ao Clube caso tivessem uma relação próxima a diretoria ou a sócios que pagassem mensalidade. Nos livros ata não achei nenhuma menção a associados/as brancos/as durante o período de segregação entre os clubes. Hoje há diversos sócios/as brancos/as que possuem quase todos os direitos dos/as afrodescendentes, não podendo apenas compor cargos administrativos no clube¹⁰³.

A Sociedade Recreativa União Operária sediava congressos, seminários, palestras e debates sobre a educação das populações de origem africana, aspectos culturais afro-brasileiros e africanos, formas de combater as manifestações racistas ocorridas na cidade e propunha criar mecanismos que possibilitassem a ascensão dos/as afrodescendentes¹⁰⁴. Esses encontros e seminários foram em grande parte organizados por Clotildes no decorrer das décadas de 1960-1980, sendo algumas palestras ministradas por ela que ganhou o título de oradora oficial do clube.

Ela (Clotildes) que organizava as reuniões, ela convidava algumas pessoas de fora também para fazer as palestras e havia debates. As pessoas que sofriam racismo faziam declarações sobre o que tinham passado, das brincadeiras que a nós

¹⁰⁰Havia um costume na cidade que durante o carnaval os blocos dos/as brancos/as e dos/as afrodescendentes visitavam todos os clubes e agremiações do município, retornando a segregação no término do carnaval. Ver: SIMIANO, 2000, p. 24.

¹⁰¹LALAU, Clotildes Maria Martins. Nós e nossos preconceitos. **Jornal do Sul**, 25 de junho de 1977, p. 10.; LALAU, Clotildes Maria Martins. Um convite especial para você. **Jornal do Sul**, 9 de julho de 1977, p. 08.

¹⁰²Nem todos/as afrodescendentes concordavam com essa postura, em algumas atas do clube, alguns/as sócios/as reclamam da permissão dada aos/ brancos/as pois, no União Mineira e outros “clubes de brancos” era vedada a entrada de afrodescendentes. No final da década de 1970 volta-se a proibir a entrada de brancos/as nas dependências do União Operária.

¹⁰³Sobre essa questão, segundo dona Onélia restringir os cargos de direção do Clube aos/as brancos/as, é uma forma de manter o União Operária como um território afrodescendente, por mais que muitos brancos/as transitem por esse espaço. Como minha pesquisa aborda o período de 1958-1987, não cheguei a verificar a relação de sócios nas décadas posteriores, não pude portanto fazer o levantamento da quantidade de sócios brancos/as, pois as restrições para filiação se extinguíram no início da década de 1990.

¹⁰⁴BERNALDO, 2005.

sofríamos que às vezes aturávamos da sociedade, dos amigos. Mas ela sempre ensinava a maneira correta. Dava exemplo dela, de como combater este tipo de racismo! Era preciso estudar, estudar era o lema dela, porque era estudando que aprendíamos a nos defender e a combater, e é dessa maneira até hoje é assim. Graças a Deus hoje as nossas crianças, as delas então nem se fala, já eram conscientes porque já tinham dentro de casa a conscientização já era formada ali dentro¹⁰⁵.

Já houve vários, vários encontros inclusive com palestrantes de outros Estados, até com os daqui vários encontros, para tentar unir ou reunir a comunidade negra para encaminhar o mesmo assunto, vários já houve vários! E tem sido ultimamente os encontros da COPIRC que é um órgão vinculado à Secretária da Educação do Estado¹⁰⁶.



Imagem 7: Wilson, Clotildes e alguns/mas sócios/as do Clube União Operária
Sem data (aproximadamente início da década de 1980)
Acervo da Sociedade Recreativa União Operária

De acordo com as falas acima, o papel do Clube União Operária não se limitava a um espaço de lazer e entretenimento para as pessoas que o frequentavam, mais do que isso, representava e ainda representa um lugar onde as populações de origem africana sociabilizam/vam suas experiências, lutam/vam contra o preconceito, criam/vam mecanismos para se inserirem na sociedade que os/as marginaliza/va.

Um ponto importante a ser destacado sobre a Sociedade Recreativa União Operária é a atuação feminina. Inicialmente as mulheres pouco participaram da diretoria do clube, mas após a construção da nova sede em 1945 elas tiveram mais visibilidade dentro do União Operária. Passaram a ocupar cargos na secretaria, tesouraria e se responsabilizaram pela

¹⁰⁵LEONOR, Janete Sebastiana. Criciúma, 14 de março de 2010. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

¹⁰⁶ROSA, Onélia Alano da. Criciúma, 29 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

organização de bailes e promoções. Dentre as mulheres que se destacaram na Sociedade Recreativa, além da Clotildes, podemos destacar Onélia Alano da Rosa, a primeira mulher a assumir a presidência do Clube, segundo ela:

Eu fui secretária, eu fazia papel de presidente, tesoureiro, ir à secretária, eu ia resolver as coisas, eu procurava trazer as festas para ali, ajudava a promover o baile de debutantes, nós fizemos muitos! E outras promoções como a escolha da *Mulata da Difa*, *A Mais Bela Mulata*, ultimamente a *Mais Bela Negra*, [...] Assumi a presidência e tratei ou tentei mudar as coisas que vinham acontecendo que eu não concordava, e fiz uma administração ao meu estilo! Eu trabalhei trinta anos no Serviço Público Federal e nós tínhamos que obedecer a uma ordem, tínhamos que ter posição firme para determinadas atitudes. Dentro do Estatuto eu tratei de direcionar a administração da Sociedade. Muitos não gostaram, uns acharam metida! Outros acharam durona! Mas eu fiquei quatro anos e oito meses, graças a Deus eu consegui, eu tive apoio dos ex-presidentes, dos sócios e de ex-diretores, dos diretores da minha época, eu tive muito apoio!¹⁰⁷

Quando se analisa a fala da dona Onélia, percebe-se que muitos apoiaram a sua direção e outros parecem ter se incomodado com tal administração. Durante a leitura das atas de reuniões do Clube, um dado nos chamou a atenção, o fato de que todos os ex-presidentes tinham administrações de um ano e ao término eram realizadas eleições para composição da nova diretoria. Não havia reeleições para o cargo de presidente, pois sempre eram escolhidos candidatos diferentes para concorrer, e somente depois da troca da presidência um ex-presidente poderia candidatar-se novamente ao cargo. Com Onélia foi diferente, sendo ela a única que esteve no cargo da presidência consecutivamente sem intervalos de gestões. Segundo dona Onélia, isso ocorreu, pois as dificuldades financeiras enfrentadas pelo clube aliado ao baixo número de sócios/as levamos/as associados/as a entrarem em acordo para que ela se mante-se na presidência até amenizarem a situação¹⁰⁸.

No que se refere à Sociedade Recreativa União Operária é importante frisar que, nem todos/as os/as afrodescendentes da cidade frequentavam o clube, alguns/mas por morarem em bairros afastados e outros por identificar o clube e seus/as frequentadores/as como “elite”¹⁰⁹, o que também não significou que apenas os/as que ascenderam socialmente participavam das atividades do clube. Talvez a resistência seja pelo pagamento do ingresso e da mensalidade para sócios, além das normas de condutas exigidas pelo clube. A preocupação com a “moralidade” caracterizou as Sociedades Recreativas formadas por afrodescendentes:

¹⁰⁷ ROSA, Onélia Alanoda. Entrevista citada.

¹⁰⁸ ROSA, Onélia Alano da. Entrevista citada.

¹⁰⁹ Elite no sentido de letrados: possuíam emprego fixo e exerciam profissões como advogados, vereadores, músicos, professores, engenheiros e médicos.

[...] no Centro Recreativo Dansante Defensor da Pátria, poderiam fazer parte do quadro associativo “todas as pessoas de ambos os sexos e de reconhecida idoneidade moral”; o estatuto reforça a condição moral entre os sócios contribuintes, afirmando que para se tornar um destes o candidato deveria ter “bom comportamento moral e civil”. Também não era permitida a entrada de pessoas de atos duvidosos nas festas, nem mesmo como convidadas¹¹⁰.

[...] cada sociedade elaborava suas regras relativas às danças e ao comportamento dos sócios. Um diretor do Centro Smart chegou a ser suspenso no Paulistano por ter discutido com sua companheira em público. A diretoria do Kosmos ainda foi advertida por ter permitido que uma “dama” não sócia fosse dançar a valsa das sócias. As sociedades eram regidas por normas votadas em assembleias e impostas pelos diretores e fiscais de salão. As condutas dos sócios não eram seguidas apenas nos salões, pois algumas sociedades exigiam uma postura moral que deveria ser exercida em qualquer espaço social. Um artigo no jornal *O Kosmos* traz uma série de regras comportamentais para os “homens de cor”. Eles deveriam saber rir, falar, comer, vestir e sentar, para frequentarem os lugares “chics da sociedade”¹¹¹.

Hoje não há mais esta preocupação. Todos os que chegam ali no clube entram. Antes era muito diferente. Por exemplo: se chegassem duas moças e alguém conhecia uma delas que não se comportava bem ou que tivesse um filho solteira, as duas eram chamadas à secretaria. E aquela que levou a outra, se fosse filha de sócio, “iria ter” com o pai. Porque a menina levou alguém que não era digno de frequentar o clube¹¹².

A preocupação com a “moral e os bons costumes”, marcaram as associações dos/as afrodescendentes em todo o país, e em Criciúma não foi diferente. Alguns/mas autores/as¹¹³ argumentam que essa preocupação em adequar as populações de origem africana aos padrões sociais “brancos” foi uma forma de inserção dos/as afrodescendentes na sociedade e uma forma de não reproduzir estereótipos negativos que eram atribuídos a essas populações, sobretudo às mulheres.

O Clube União Operária, depois de alguns anos, apresentou a necessidade de expansão, pois o mesmo não comportava mais o seu número de frequentadores/as, já que não eram apenas os/as afrodescendentes de Criciúma que participavam dos bailes e jantares.

[...]Anos 70, 80 assim todos os afrodescendentes, ali era o ponto de encontro da comunidade afrodescendente, agora se diziam que eram o ponto de encontro da “negrada” [...]então a comunidade se reunia ali! Inclusive Tubarão, Laguna, de

¹¹⁰LUCINDO, 2010.

¹¹¹SIMÕES, Antônio Liberac Cardoso Pires. **As Associações dos Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista: Movimentos Negros, Cultura Política no Brasil Republicano (1915 a 1945)**. Belo Horizonte: Editora Gráfica DalianaLtda, 2006, p. 60.

¹¹²LIMA, Maria. Apud: SIMIANO, 2000,p. 21.

¹¹³DOMINGUES, Petrônio. “Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil”. **Cadernos Pagu**. Campinas. Nº 28, p. 345-374. janeiro/ junho/2007; SILVA, Joselina da. **Renascença, lugar de negros no plural: Construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ. 2000. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000; PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **As Associações dos Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista: Movimentos Negros, Cultura Política no Brasil Republicano (1915 a 1945)**. Belo Horizonte: Editora Gráfica DalianaLtda, 2006; para citar apenas alguns.

Lauro Müller as festas, as boas festas, os bons bailes era aqui no União Operária (Criciúma)¹¹⁴. E os negros vinham mesmo!¹¹⁵

Os clubes União Mineira e União Operária, mais do que um clube de brancos/as em contraposição ao clube de “negros/as”, marcavam espaços territoriais significativos. Em termos geográficos os dois clubes se localizam próximos um do outro¹¹⁶. O clube União Mineira é representado pela Tribuna Criciumense¹¹⁷ como um clube de elite sendo vários os artigos que afirmam que o “melhor da sociedade cricumense” encontra-se no União Mineira, o que nos remete além da questão “étnica”, pois possivelmente temos uma questão de classe. A própria denominação dos clubes leva a reflexão de quem seriam os mineiros e os operários? Não havia operários brancos? Ou mineiros afrodescendentes? Essas questões necessitam de um estudo aprofundado que ainda não foi realizado em Criciúma.

Retomando o ponto anterior, como o terreno para a construção da nova sede da Sociedade Recreativa União Operária foi doado pela CBCA, houve a necessidade de legalizar este terreno junto a Prefeitura Municipal de Criciúma, porque esta exigia um contrato de compra e venda. Este fator foi um dos empecilhos para a construção do clube.

Devido às deficiências administrativas dessa diretoria e da posterior foram muitos os entraves para a construção da nova sede. Um deles, possivelmente o maior, foi a legalização do terreno doado pela Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá (CBCA) junto a Prefeitura Municipal de Criciúma, pois a mesma exigia um contrato de compra e venda. A empresa dirigida, na época, pelo Sr. Sebastião Campos Neto impôs condições para transferir o terreno. “A condição principal era que a construção da nova sede fosse feita em dois anos. Alegava o Sr. Sebastião Campos Neto que a diretoria do clube não era idônea”¹¹⁸.

A última sede, diferente das anteriores, não era de madeira, e para sua construção foram realizados mutirões devido às dificuldades do pagamento da mão de obra¹¹⁹. Essas circunstâncias levaram alguns/mas membros/as a tentarem conseguir financiamento junto ao Governo do Estado. Nessa comitiva estavam o casal Lalau, pois Vilson era um dos diretores do clube e foi presidente da Sociedade Recreativa União Operária em 1961. O grupo

¹¹⁴Havia em Laguna um clube de afrodescendentes que também se chamava União Operária. Para maiores informações ver: ROSA, Júlio César da. **Socialidades e territorialidade: a construção de sociedades de afrodescendentes no sul de Santa Catarina (1903/1950)**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em História – Área: História do Tempo Presente) Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

¹¹⁵ROSA, Onélia Alano da. Criciúma, 29 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

¹¹⁶O Clube União Mineira localiza-se na Praça Ernesto Lacombe, nº 48, Santa Bárbara; já o Clube União Operária na Rua Sampaio Viana, nº 222, Santa Bárbara; cerca de 600 m de distância um do outro.

¹¹⁷Tribuna Criciumense, 1960-1987.

¹¹⁸SIMIANO, 2000, p. 21.

¹¹⁹SIMIANO, 2000, p. 21-22.

conseguiu uma audiência com o Governador do Estado no Palácio do Governo em Florianópolis, sendo a ata dessa reunião redigida por Clotildes:

Aos vinte e sete dias do mês de setembro de 1976, no Palácio do Estado estiveram reunidos os membros da Diretoria da Sociedade Recreativa União Operária, abaixo assinado o Secretário da Indústria e Comércio, Dr. Sebastião Neto Campos, o Deputado Federal Ademar P. Ghisi, o Engenheiro Bertoldo, o Senhor Jorge Uliana Filho e S. Excelência o Governador Antônio Carlos Konder Reis, para solicitar ao Governo do Estado uma ajuda financeira para a construção da nova sede, ora em obras.

Fazendo uso da palavra o Sr. Presidente Sr. João Luiz solicitando ao Sr. Governador um auxílio, fez uma exposição dos motivos, ao que sua Excelência informa que no dia 03 próximo fará realizar uma reunião na atual sede da Sociedade, a fim de poder se pronunciar de forma mais positiva, e estudar a maneira de realizar o convênio¹²⁰.

Como pode-se perceber na ata acima, o grupo conseguiu articulações políticas importantes, como Sebastião Neto Campos que além da Secretaria da Indústria e Comércio era na época, suplente do cargo de Deputado Estadual pelo partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA); Deputado Federal Ademar Paladini Ghisi, da ARENA; Jorge Uliana Filho, empresário criciumentense que se elegeu vereador de Criciúma nas eleições de 1977 pela ARENA; e o governos Antônio Carlos Konder Reis, do partido da União Democrática Nacional (UDN).¹²¹

Apesar da ajuda financeira concedida pelo Governo do Estado, as obras foram concluídas apenas em 1980¹²², sendo a nova sede inaugurada durante os festejos de comemoração do Centenário da cidade. As comemorações do Centenário da cidade foram muito importantes para os/as afrodescendentes e a população em geral, pois foi nesse momento que a história da cidade passou a ser contada pelos “grupos étnicos” que a colonizaram e não apenas pelo carvão.

¹²⁰Palácio do Estado Florianópolis, 27/09/1976, Clotildes Maria Martins Lalau. Livro Ata nº 3, acervo da Sociedade Recreativa União Operária, p. 136.

¹²¹As articulações políticas foram muito importantes para os/as militantes do Movimento Negro de Criciúma, especialmente para o casal Lalau, pois foi através delas que conseguiram apoio e respaldo para concretização de algumas das ações, como a indicação de Vilson pelo Espiridião Amim, para a diretoria do CIS, por exemplo.

¹²²SIMIANO, 2000, p. 23.

2.2 AS POPULAÇÕES DE ORIGEM AFRICANA E A “ETNIZAÇÃO” DE CRICIÚMA

De acordo com Arns¹²³, a colonização de Criciúma ocorreu em 1880 por vinte e duas famílias italianas vindas da região de Veneza, Beluno e Treviso, sendo que os demais grupos “étnicos” vieram para a cidade por volta de 1913 com a extração do carvão:

Com este novo componente econômico em Criciúma, que garantia, ou, melhor dizendo, oferecia uma estabilidade financeira, melhores salários, a vinda de outros grupos étnicos para a mesma se tornou intensa, pois é inato do ser humano buscar uma condição de vida que lhe proporcione maior conforto, estabilidade, segurança, etc. Atraídos por esta nova fonte de riqueza alguns anos depois, em 1891, chegaram as primeiras famílias de poloneses, que irão se fixar na área leste da futura cidade de Criciúma, que hoje compreende as localidades: Linha Batista, Linha Anta e Linha Cabral. Os primeiros alemães chegaram à região vindos de Vargem Grande e do Vale do Braço do Norte, nos princípios do século XX e foram fincar suas raízes no lado nordeste, municípios que na atualidade são: São Bento e Forquilha. As outras etnias africanas, portuguesas e árabes chegaram no transcorrer do século XX¹²⁴.

Como se pode observar na citação acima, a autora faz uma abordagem totalmente tradicional sobre a colonização de Criciúma, ignorando a presença da população indígena Xokleng que habitava a região antes da chegada dos/as colonizadores/as, por exemplo. A análise dessa obra será realizada mais a frente quando tratareisobre as comemorações do centenário da cidade. Abaixo, segue mapa de localização da cidade de Criciúma.



Mapa 1: Imagem 8: Santa Catarina com destaque para o Município de Criciúma

¹²³ ARNS, Otília. **Criciúma 1880 – 1980: A Semente Deu Bons Frutos**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1985.

¹²⁴ ARNS, 1985, p. 81-111.

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Criciúma¹²⁵



Mapa 2: Imagem 9: Região de Criciúma
Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Criciúma¹²⁶

Na primeira metade do século XX a economia cricumense era pautada na extração do carvão. A atividade carbonífera foi determinante para o crescimento urbano da cidade. Apesar de o carvão ter sido descoberto em Criciúma no final do século XIX e sua extração iniciada em fins da década de 1910, o auge da sua exploração ocorreu a partir da Segunda Guerra Mundial, pois a conjuntura internacional e nacional favoreceu a exploração do carvão mineral.

O aumento da produção carbonífera no Brasil, em especial em Santa Catarina, deu-se devido a dois fatores preponderantes: o carvão estrangeiro foi substituído pelo nacional já em décadas anteriores, mas tal fato se acentuou devido aos conflitos decorrentes da Segunda Guerra Mundial; o segundo fator foi a demanda das novas indústrias, destacando-se a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), como também a usina de Volta Redonda. Como a CSN foi a principal fonte consumidora do carvão mineral, a produção carbonífera catarinense foi favorecida, especialmente por ser a única a possuir carvão coqueificável¹²⁷, tendo sua produção crescido em cerca de duzentas mil toneladas no ano de 1939 para mais de um milhão em 1948. Santa Catarina foi o maior produtor nacional de carvão durante esse período,

¹²⁵ <http://www.criciuma.sc.gov.br/conteudo.php?codigo=94&secretaria=30>

¹²⁶ <http://www.criciuma.sc.gov.br/conteudo.php?codigo=94&secretaria=30>

¹²⁷ Quando o carvão mineral é submetido a altas temperaturas na ausência do oxigênio – para evitar a combustão – libera gases presentes em sua estrutura dando origem a um resíduo sólido poroso e infusível denominado *carvão coque* ou apenas *coque*.

a sua participação na produção nacional cresceu de 20% em 1939 para cerca de 80% em 1962¹²⁸.

A maioria da produção carbonífera do estado era concentrada no município de Criciúma, gerando um grande aumento econômico e populacional. Segundo Carlos Carola,¹²⁹ entre 1940 e 1950 a população passou de 27.753 para 50.854 habitantes. A elevação do contingente populacional na região carbonífera ocorreu, entre outros fatores, graças aos discursos que enalteciam as vantagens da vida promissora no “eldorado do ouro negro”. Diversos grupos que dependiam da colheita e da pesca se viram atraídos pelas promessas das carboníferas de remuneração regular e a possibilidade de um teto para morar¹³⁰.

O teto era oferecido pelas Companhias Mineradoras, que foram responsáveis pela construção das casas operárias próximas as carboníferas. Normalmente estas habitações eram destinadas aos/às trabalhadores/as casados, sendo necessário que um dos membros da família trabalhasse na mineradora e tivesse um bom comportamento. Diversos bairros na cidade foram constituídos pelas carboníferas, tais como: Próspera, Metropol, Boa Vista, Mina União, Cidade Mineira Nova, Mina do Mato, Mina do Toco, entre outros.

Nessas vilas operárias, assim como nas minas, havia nítidas divisões de classe, étnicas e de gênero. Tais divisões perpassavam as moradias, estendendo-se também para os espaços de sociabilidade e lazer, ou seja, bailes, festas e “domingueiras”. Os/as descendentes de europeus/as não se misturavam com os/as descendentes de africanos/as, havendo clubes para brancos/as e outros para afrodescendentes. Em algumas vilas existia apenas um clube para ambos, sendo o mesmo dividido por uma cerca de farrapo no qual brancos/as ficavam de um lado e afrodescendentes de outro. Esses bailes eram vigiados por seguranças que tinham como função impedir “invasões” de espaço e brigas entre os participantes¹³¹.

A exploração do carvão marcou não apenas a economia como também a cultura da cidade. Como essa atividade trouxe vários problemas não apenas no âmbito ambiental, na medida em que poluiu os rios, o ar e desmatou a região; como também nos momentos no qual ocorriam crises no setor que ocasionava instabilidade econômica, “surgia, assim, nessa época,

¹²⁸NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: Processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 241 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, p. 24.

¹²⁹CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

¹³⁰CAROLA, 2002.

¹³¹CAROLA, 2002, p. 156.

o tema da diversificação industrial como um dos elementos da nova modernidade que se desejava, buscando questionar a completa dependência do carvão”¹³².

A questão da diversificação apareceu não apenas vinculada ao âmbito econômico, pois também questionava as características que a cidade possuía no período. As crises cíclicas da produção carbonífera, e a dependência das políticas oficiais de energia atingiam toda a cidade e a região, que eram dependentes economicamente do carvão, sendo que a diversificação surgiu como um componente da cidade moderna, já que a modernidade pressupunha a existência de outras indústrias na cidade, além das carboníferas. Houve a necessidade de atrair fábricas e ampliar o comércio, pois os estabelecimentos industriais e comerciais, devido as suas instalações e aparelhamento, conferiam um “aspecto de vida moderna à cidade”¹³³.

Juntamente com a questão econômica veio a necessidade de construir um discurso em torno dos/as imigrantes. Em 1955, José Pimentel iniciou uma campanha para a construção de um monumento que homenageasse os imigrantes, pois para ele os/as primeiros/as imigrantes foram responsáveis por instaurar as bases do progresso na cidade¹³⁴.

Esses/as primeiros/as imigrantes, aos quais as elites¹³⁵ conferem a responsabilidade pelo progresso da cidade são os/as italianos/as, por supostamente terem sido os/as primeiros/as a habitarem o local¹³⁶, a eles/as é atribuída a descoberta do carvão. Apesar da presença de outros grupos na cidade, seus dirigentes retratavam Criciúma como uma cidade italiana.

A preocupação por parte das elites em exaltar os/as imigrantes que colonizaram a cidade, em especial os/as italianos/as, teve início com Pimentel na década de 1950, mas somente no final da década de 1970 foi consolidado devido as comemorações do centenário da cidade. Esse acontecimento foi considerado pelas elites o momento propício para “recontar a história da cidade”. A produção historiográfica oficial encomendada pela Prefeitura Municipal da Cidade abordou o passado na perspectiva da exaltação dos ditos “grupos étnicos”, que colonizaram Criciúma.

A obra encomendada pela Prefeitura foi o livro *A Semente deu Bons Frutos: Criciúma 1880-1980* da pesquisadora Oflia Arns. Nesse livro a autora aborda alguns grupos que

¹³²NASCIMENTO, 2006, p. 54.

¹³³NASCIMENTO, 2006, p. 55.

¹³⁴PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. **Tribuna Criciumense**, Criciúma, 01 de ago. 1955, p. 1-4.

¹³⁵Inicialmente a elite cricumense, era composta apenas pelos donos das mineradoras e os comerciantes, mas devido às crises do carvão e, em seguida, com a diversificação da economia foi possível um pequeno número de famílias e personalidades a exercerem um domínio quase absoluto sobre a vida econômica, política e cultural de Criciúma.

¹³⁶As produções oficiais acerca da história da colonização da cidade tendem a ignorar a presença das populações indígenas que habitavam a região antes da chegada dos/as italianos/as que dizimaram esses povos nativos.

contribuíram para o crescimento e desenvolvimento da cidade. A obra segue um viés tradicional prendendo-se a datas e acontecimentos, enfatizando a origem e os/as pioneiros/as fundadores da cidade, na perspectiva de exaltação e mitificação dos *vultos ilustres*. É importante destacar que essa foi a primeira obra acerca da cidade no qual as populações de origem africana são retratadas¹³⁷, ainda que brevemente: no referente a “etnia negra” cita-se o primeiro narrador afrodescendente, o primeiro advogado, os primeiros encontros de professores (encontros estes organizados por Clotildes Lalau¹³⁸). Diferente dos demais “grupos étnicos” (italianos, poloneses, alemães, portugueses¹³⁹), os/as afrodescendentes são retratados/as como se não tivessem procedência, salienta-se apenas a cor como algo exótico. “A figura do negro é encontrada em todas as cidades e vilas sul-catarinenses. Dotado de talento artístico, principalmente para a música [...] para qual possuem um talento inato”¹⁴⁰. O talento para a música “inato” dos/as descendentes de africanos/as é para Arns a principal contribuição do grupo para a história da cidade.

Segundo Ilka Boaventura Leite (1996), essa prática de invisibilização das populações de origem africana é um fenômeno que ocorre no estado de Santa Catarina, o qual é justificado pela presença demográfica “pouco expressiva” se comparado quantitativamente aos/às brancos/as. A tendência das elites do estado de ignorar a presença dos/as afrodescendentes tem como finalidade apresentar aos “de fora” a imagem de que Santa Catarina é “um pedaço da Europa no Brasil”.

A invisibilidade do negro é um dos suportes da ideologia do branqueamento, podendo ser identificada em diferentes tipos de práticas e representações. [...] Ou seja, não é que o negro não seja visto, mas sim que *ele é visto como não existente*. É interessante observar que este mecanismo, [...] ocorre em diferentes regiões e contextos, revelando-se como uma das principais formas de o racismo se manifestar. Como *um dispositivo de negação* do Outro, muitas vezes inconsciente, é produtor e reproduzidor do racismo. A invisibilidade pode ocorrer no âmbito individual, coletivo, nas ações institucionais, oficiais e nos textos científicos¹⁴¹.

¹³⁷ Anteriormente à obra de Arns, as produções historiográficas sobre a cidade foram voltadas em grande parte para a “etnia italiana”. Escritas por memorialistas, essas obras exaltavam a fundação da cidade pelas 22 famílias italianas, a descoberta do carvão, além da biografia de dois imigrantes italianos: Giacomo Sônego, Marcos Rováris. Ver: PIMENTEL, José. **Criciúma: amor e trabalho**. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974; BELLOLI, Mário. **Jubileu de Prata Comércio Esporte Clube (1947/1972)**. Criciúma: Empresa Sampaio Editora, 1972; PIMENTEL, José; BELLOLI, Mario. **Tímido ensaio biográfico: Giacomo Sônego**. Criciúma: Gráfica Líder, 1972; PIMENTEL, José; BELLOLI, Mario. **Mini Biografia de um pioneiro**: Marcos Rováris. Criciúma: Tipo Arte, 1979.

¹³⁸ Geralmente a Clotildes era responsável por eventos ligados a educação e as populações de origem africana.

¹³⁹ O livro aborda apenas 5 grupos, posteriormente os/as árabes foram incorporados como a “sexta etnia” e os/as espanhóis/as como sétima.

¹⁴⁰ ARNS, 1985, p. 105.

¹⁴¹ LEITE, Ilka Boaventura (org). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 41.

O referido livro abriu caminho para um novo discurso¹⁴² sobre como Criciúma torna-se “a Cidade das Etnias”. Concebido na administração de Algemiro Manique Barreto (1973-1977) serviu para a “semeadura” da “Cidade das Etnias”, que se consolidou na gestão de Altair Guidi seu correligionário do Partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que assumiu a prefeitura em 1977¹⁴³.

O conceito de etnicidade utilizado nos trabalhos sobre a cidade pela ótica da etnicidade¹⁴⁴ é o que se aproxima da perspectiva de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart¹⁴⁵:

[...] a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciados. Essa definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se* e a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma *origem comum e realçados* nas interações raciais¹⁴⁶.

Nas décadas de 1960 e 1970, a cidade recebe críticas da imprensa local, devido a poluição provocada pelo carvão, os dirigentes viram a necessidade de melhorar a imagem de Criciúma, construindo uma nova representação da cidade que não mais fosse identificada com o carvão. A imagem da cidade não deveria mais ser retratada pela poluição, devastação ambiental e sujeira nas ruas causadas pela pirita¹⁴⁷. A preocupação com o meio ambiente foi muito intensa nesse período e as elites dirigentes construíram uma nova representação da cidade. Essa nova classe média em Criciúma construiu uma nova representação da cidade no qual os demais grupos, e não somente os/as italianos/as deveriam se ver contemplados: a saída encontrada pelas elites foi o discurso em torno da etnicidade.

Este discurso emergiu centrado na atribuição de pertencimentos se operacionalizou tendo como ponto de partida a noção de origem. Centralizando-se na figura do imigrante e valorizando o grupo social formado pelos seus descendentes, esse discurso perpassou a figura dos/as imigrantes, dos/as colonos/as até chegar ao grupo étnico.

¹⁴²O discurso é compreendido enquanto construção histórica e social com a finalidade de produzir verdades.

¹⁴³Altair Guidi teve seu 1º mandato de 1977-1983, retornando à prefeitura para seu 2º mandato em 1989-1993.

¹⁴⁴Dentre esses trabalhos podemos destacar as teses de Dorval Nascimento e Emerson Campos.

¹⁴⁵Consultar nas referências ao final desta dissertação os trabalhos dos/as pesquisadores/as que abordam a cidade de Criciúma.

¹⁴⁶POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998, p. 141.

¹⁴⁷Dejeto oriundo do carvão.

Esse processo de “etnização” desses grupos no referente às populações de origem africana assume uma peculiaridade em relação aos demais, pois os/as afrodescendentes se classificavam e eram classificados como a “etnia negra”. Para as populações de origem africana de Criciúma, o que podemos constatar durante a pesquisa, o termo “negro” era visto como algo pejorativo como coloca a senhora Onélia Rosa: “Do centenário (Centenário de Criciúma), pra cá é que as pessoas passaram a aceitar, a não se ofender ao serem chamadas de negras”¹⁴⁸. Anteriormente se usava expressões como morenos/as e homens e mulheres “de cor”. Os/as afrodescendentes de Criciúma incorporaram e resinificaram o termo “negro” positivando-o e esse processo esteve vinculado ao contato com militantes do Movimento Negro de outras cidades catarinenses e de outros estados do Brasil. A senhora ClotildesLalau teve um papel fundamental nesse processo:

Sabe o que eu quero dizer, se encolhia, não se assumia como negro de peito aberto, tanto que se alguém chamasse de negro, a gente achava ruim e com as conversas, com aquelas palestras que ela (Clotildes) fazia na Operária, ela embutiu em nós um orgulho de raça, ela embutia na gente uma maneira diferente de ver a raça da gente, de a gente amar a raça e de se fazer respeitar [...] A gente aprendeu com ela, através das palestras que ela deu, muitas palestras, para quem tinha cultura e para quem não tinha, para quem estudou e quem não estudou, para as pessoas mais velhas. Ela ia buscar, ela mandava convite. Ela convidava e as pessoas iam. Ela foi fazendo aquelas palestras e foi dando coragem, ensinando a maneira de nós agirmos, os direitos que nós tínhamos¹⁴⁹.

Clotildes se empenhou em fazer com que as populações de origem africana se orgulhassem de sua origem e não se intimidassem diante das discriminações que sofriam. Nesses debates e congressos que ocorriam no espaço do Clube União Operária, ela enfatizava a importância em se ter orgulho “da raça”, o que significa que as populações de origem africana se percebiam através destes dois discursos sendo que os mesmos se intercalavam.

A questão da raça é percebida como um conceito que não corresponde a uma realidade natural. E sim como uma forma de classificação social, que tem como base a atitude negativa frente a determinados grupos sociais “informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado”¹⁵⁰. Ou seja, a raça existe apenas no plano social.

Este termo passou a designar um grupo de indivíduos que numa dada sociedade, é definido socialmente como diferente de outros grupos devido a certas diferenças físicas reais ou hipotéticas. Portanto, os fenótipos serviriam de base ganhando sentido social através de

¹⁴⁸ Apud: SIMIANO, 2002, p. 27.

¹⁴⁹ LEONOR, Janete Sebastião (cunhada de Clotildes). Criciúma, 14 de março de 2010. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

¹⁵⁰ GUIMARÃES, 1999, p. 11.

crenças, valores e atitudes. Quando não há marcas físicas, os grupos deveriam ser chamados de étnicos. Mesmo havendo diferenças problemáticas entre grupos étnicos e grupos raciais esses grupos:

Podem ser distinguidos uns dos outros pelas características físicas e de comportamento de seus membros, mas podem também distinguir-se em termos de as bases do seu comportamento serem consideradas pelas outras pessoas como determinadas e imutáveis (no caso da “raça”) ou como indeterminadas e flexíveis (no caso das etnias)¹⁵¹.

A etnicidade é um aspecto das relações sociais entre os indivíduos que se consideram culturalmente diferentes de integrantes de outros grupos com os quais se mantêm relações e interações culturais regulares. A etnicidade também pode ser definida como uma identidade social que se caracteriza por um parentesco fictício ou metafórico.

Portanto os grupos raciais seriam uma forma particular de grupos étnicos, no qual a ideia de “raça” teve sua gênese numa determinada etnicidade, ou sendo que a mesma preexistente a sedimentou¹⁵².

Tratar as populações de origem africana como um grupo étnico, traz algumas implicações. A utilização do termo “etnia” seria uma forma de fuga ao pensamento pautado em características fenotípicas que se encontram reestabelecidas em utilizações cotidianas, por meio de expressões como “problemas étnicos” ou “minorias étnicas” – o que não se aplica aos/às afrodescendentes no Brasil, pois mais da metade da população possui descendência africana.

A noção de grupo étnico não se deixa captar com facilidade. Não é possível reter, com elementos exclusivos da definição, a existência de um único idioma, de uma única raça, de uma única religião, nem mesmo a existência de um território comum, o espaço como área territorial e categoria de permanência, a consciência de pertencimento e a vontade de viver em conjunto como expressões de uma certa comunidade cultural.

Não é suficiente verificar objetivamente os traços raciais, religiosos e linguísticos para apreender concretamente a noção de grupo étnico em um determinado local. É necessário saber em que proporção esses traços diferenciais dão lugar à tomada de consciência e às reivindicações coletivas de uma determinada identidade¹⁵³.

A utilização do termo neste trabalho ocorre, pois a cidade construiu discursos em torno da etnicidade. Tais discursos tiveram como ponto de partida a inauguração do “Monumento

¹⁵¹REX, John. Apud GUIMARÃES. Antônio Sérgio. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 25.

¹⁵²GUIMARÃES, 1999, p. 26.

¹⁵³D’ADESKY, 2001, p. 39.

ao Imigrante” em 1966, dedicado às três “etnias” que supostamente fundaram a cidade. Segundo Émerson César de Campos:

O projeto desenvolvido por Fernando da Cunha Carneiro foi pensado, segundo palavras do próprio arquiteto, “*com três colunas mestras para lembrar as três etnias fundadoras de Criciúma: a italiana, a alemã e a polonesa*”. Estava iniciada a pedagogia étnica e o falar dela. Como vimos, os números ainda são modestos, apenas três etnias fundadoras, colonizadoras e pioneiras¹⁵⁴. (Grifos do autor)



Imagem 10: Monumento ao Imigrante – Rua Seis de Janeiro
Fonte: CAMPOS, 2003, p. 176.

Durante a realização dos festejos do Centenário da cidade cada “grupo étnico” ficou responsável por organizar uma festa exaltando as “características” de sua “etnia” e

¹⁵⁴CAMPOS, Émerson César. **Territórios deslizantes:** recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002). Florianópolis: UFSC. 2003. 222 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003, p. 174.

homenageando um santo católico¹⁵⁵ ligado ao seu grupo. Como já foi dito anteriormente, nesta ocasião participaram apenas as etnias: negra, portuguesa, polonesa, alemã, italiana.

As festas realizadas pelas etnias foram promovidas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), através da Divisão de Cultura e Comissões específicas de cada grupo étnico. Apesar das festas poderem ter fins lucrativos, estes deveriam ser revertidos a Entidades Benéficas ou se tornarem de utilidade pública para a cidade de Criciúma, e era a SMEC que determinava quais entidades receberiam os lucros de cada festa, como também estabelecia a percentagem da distribuição¹⁵⁶.

Cada grupo tinha uma Comissão Organizadora formada por: presidente, vice-presidente, secretário, dois tesoureiros, e um conselho fiscal com quatro integrantes. Um terço dos membros para compor a comissão era indicado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura. As funções que deveriam ser desempenhadas pelos membros consistiam em elaborar uma programação para a festa e submetê-la para a aprovação da SMEC, desenvolver a programação planejada, assumir despesas decorrentes das festas e dividir os lucros das entidades previamente determinadas.

A “etnia negra” realizou sua festa no mês de maio e homenageou Santo Antônio. Cada etnia homenageou um santo. A escolha de Santo Antônio pode estar vinculada ao fato de que o santo é venerado em países de língua portuguesa; outra possibilidade é que ele também é conhecido como o defensor dos pobres e oprimidos; ou talvez a escolha tenha se dado por ele ser identificado no candomblé com Ogum, o orixá guerreiro; como também há a hipótese de a maioria dos/as afrodescendentes serem devotos do santo, ou qualquer outro motivo. No referente a escolha do mês, possivelmente ocorreu em maio por conta da abolição da escravidão comemorada no dia 13 desse mês. Posteriormente, em 1989 era realizada a I Quermesse de Tradição e Cultura – hoje Festa das Etnias –, no stand da etnia negra a decoração remetia ao período da escravidão:

A I Quermesse que foi feita eu não concordei com a maneira como o Stand da etnia negra estava sendo decorado: correntes, troncos. Pra quê isso? Eu disse a eles que precisávamos mostrar o que nós tínhamos de bom, que não estávamos mais atrelados a época da escravidão. Eu não concordo, como se a escravidão fosse uma herança que eu tenho que carregar para o resto da vida. Claro que eu não posso

¹⁵⁵ Os/as organizadores/es dos festejos do Centenário de Criciúma, por algum motivo resolveram ignorar a presença de outras religiões na cidade como: evangélicos – pentecostais e protestantes e praticantes de religiões de matriz africana. Como a “etnia árabe” ainda não havia sido incorporada, conseqüentemente ignorava-se a presença islâmica.

¹⁵⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Divisão de Cultura. **Regulamento das “Festas das Etnias” Colonizadoras do Município de Criciúma**. Acervo do Arquivo Público Municipal de Criciúma, p. 1, fichário nº 22.

esquecer o que os meus antepassados passaram. Mas daí a ter que representar a etnia negra sempre relacionada a escravidão já é demais¹⁵⁷.

De acordo com a fala acima, a questão da escravidão parece ter sido significativa para boa parte das populações de origem africana de Criciúma, talvez a escolha do mês de maio para a Festa da Etnia Negra estava vinculada a abolição da escravatura.

Os lucros ganhos na Festa da Etnia Negra somaram 134 mil cruzeiros¹⁵⁸ e foram revertidos para a Sociedade Recreativa União Operária com finalidades à construção da nova sede, ao coral e ao grupo folclórico da “etnia negra”¹⁵⁹.

A Comissão Organizadora da Festa da Etnia Negra teve como presidente Maura Martins Vicência¹⁶⁰.

Na festa de 1980 eu dava aulas no Sebastião Toledo dos Santos - Colegião, e para minha surpresa as diretoras que na época eram a Aline Guimarães e a Julia Freitas, elas me chamaram [...] eu estava dando aula em uma dessas turmas no período noturno quando a diretora mandou me chamar na secretaria, e falou-me que tinha alguém ali na frente me chamando, que eu deveria me apresentar na Câmara dos Vereadores, então fui a Câmara dos Vereadores saber o que eles queriam. Então eles me disseram que eu havia sido escolhida pelos negros para pertencer a Comissão Central do Centenário, isso era em 1979, e o centenário aconteceria em 1980, o prefeito era o Altair Guidi, [...] eu havia sido escolhida para pertencer a Comissão Central, eu e o Vereador Costinha, para então fazermos os eventos que diziam respeito a Etnia Negra. Eu levei um susto! Eu nunca fui, eu era bem pacata, eu disse: - Não, eu não quero! Eu não tenho condições, não quero, eu falei a Clotildes é boa pra isso eu não! Então me disseram que quem havia sido escolhida era eu e que não poderiam mudar. [...] eu aprendi muitas coisas, muitas coisas tive que ir a luta, tivemos que fazer todo um aparato¹⁶¹.

Segundo dona Maura os/as representantes de cada etnia se reuniam para trocar conhecimentos sobre seu grupo étnico e todos/as deveriam conhecer cada uma das cinco etnias: a história, chegada ao país e à cidade, aspectos culturais e como foi a vida dos/as pioneiros/as. Como parte deste processo de conhecimento, a Prefeitura Municipal encomendou um *Questionário Histórico Sociológico* com as famílias dos/as imigrantes de cada “etnia”, realizado com o/a pioneiro/a ou com o/a descendente. Tal questionário teve como ponto central o auge da migração que ocorreu entre as décadas de 1930-1950, por conta da exploração do carvão. Essa documentação traz informações sobre o cotidiano das famílias

¹⁵⁷BITENCOURT, Arlete dos Santos. Apud: SIMIANO, 2002, p. 38.

¹⁵⁸Um jornal na época custava o equivalente a 5,00 cruzeiros e uma geladeira era anunciada nos jornais por 9.590,00 cruzeiros.

¹⁵⁹Etnia Negra distribui lucros da festa. **Tribuna Criciumense**, 05/07/1980, p. 3.

¹⁶⁰ Talvez a escolha de dona Maura para o cargo tenha ocorrido devido às viagens que Clotildes realizava para outros estados, com a finalidade de conhecer os hábitos culturais dos/as afrodescendentes de outras regiões. Sendo ela irmã de Clotildes pode ter sido a primeira opção...

¹⁶¹VICÊNCIA, Maura Martins. Criciúma, 19 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

tais como: moradia, namoro, festas, práticas religiosas, dificuldades enfrentadas quando chegaram a Criciúma, hábitos alimentares e relação com outros grupos étnicos. Segue abaixo um pequeno trecho de uma das entrevistas com descendentes dos/as pioneiros/as da “etnia negra”:

O Entrevistador(a): Maura Martins Vicência
 Nome do entrevistado(a): Zoe Domingos de Jesus
 Data: 07/12/1979
 Local de Residência do Entrevistador(a): José Bonifácio
 Cidade: Criciúma
 Estado: Santa Catarina
 Entrevistado(a): Élzio Cândido José
 Local da Residência: Criciúma
 Rua: Casimiro Milioli
 Relação com o fundador ou pioneiro: amigo
 Vinda dos pioneiros: 1910
 Como eram as casas na época dos pioneiros? Habitavam casas de barro e casas de madeira ambas de porte pequeno.
 Como eram as estradas na época dos pioneiros? Já haviam algumas estradas e outras precisavam que se abrissem picadas.
 Tinham animais selvagens? Tiveram contato com animais e plantas que haviam na região?
 Qual tipo de arma usavam para entrar no mato? Os pioneiros usavam facões e espingardas de dois canos.
 Sabe alguma história a respeito? Não
 Os pioneiros enfrentaram os bugres: Sim
 Sabe alguma história a respeito? Tinha dois homens serrando madeira para fazer casa e chegou um bugre deu uma flechada nas costas dele e ele morreu.
 Qual tipo de arma usavam para caça e pesca? Espingarda carregada e rede.
 Havia perigo de enchente? Não
 Os pioneiros tiveram problemas com a gente que lá morava para poderem se fixar? Ou não? Não, nós nos dávamos bem com todas as famílias.
 Como compravam as terras? A terra foi ganha para trabalhar, meus irmãos trabalhavam na estrada de ferro colocando dormente nos trilhos.
 Sabe alguma história a respeito? A estrada de ferro continuava, e o pessoal que ali trabalhava pegava força de sol e vento para cada estrada, passaram muitos sacrifícios.
 Sabe explicar a origem étnica da colônia do lugar que fundaram? Um matinho Chamado Cresciúma.
 Porque o pioneiro Élzio José saiu do lugar de origem? Para trabalhar na feitura da Estrada de Ferro.
 De que lugar saiu? Laguna
 Conte como foi: Nós saímos de Laguna porque lá estava ruim de se viver (não tinha mais trabalho)
 Sabe o nome de outros pioneiros? Sim
 Quais: Maria Belizário, José Alípio, ambos saíram de Tubarão a procura de serviço.
 Por que se fixaram neste lugar para fundar a colônia? Para trabalhar na Estrada de Ferro e nas minas de carvão.

Outros pioneiros: Otacílio Gomes, Pedro Paulo dos Santos, Manoel Castorinos e Bento Bibiana. Todos vieram para trabalhar nas minas, nas Estradas de Ferro e no desmatamento.

Sabe de famílias de outras línguas que se fixaram no mesmo lugar? Alemão, italiano, brasileiro.

Chegaram em que ano? Chegaram no começo da fundação.

De onde vieram? Vieram da Itália e de outros lugares do Brasil.

Porque se fixaram nesse lugar? Porque era um lugar bom para a gente morar.

Sabe o que os pioneiros e suas famílias achavam da religião? Minha mãe era católica e rezava o terço todas as noites.

O que os descendentes de pioneiros acham da religião? Alguns vão a igreja e outros não vão, ficam andando pelas estradas.

O que sabe sobre reza na comunidade dos pioneiros? Como faziam o culto de religião? Bom, iam em uma capelinha de madeira, hoje é onde mora a dona Lady, e ali ia todo mundo.

[...]

Sabe de alguém dentre os pioneiros que teve vontade de voltar ao país ou lugar do Brasil de onde veio? Alguns saíram, Manoel Teresa.

Conte como foi: A mina paralisou e eles tiveram que sair à procura de serviço. Muitos voltaram para cá. Alguns não.

O que pensava os pioneiros do país de onde vieram? Pouca coisa eram escravos vendidos e dados eram logo separados dos pais.

Quando os pioneiros se referem a sua comunidade étnica como é que eles se chamavam para se distinguir das famílias de outras línguas? Chamavam-se de brasileiros.

Que achavam das famílias de outras línguas? Eles tinham boa união com todas as famílias.

[...]

Quando foi fundada a primeira escola na comunidade dos pioneiros? Foi a dona Maria Piazza.

Quem teve a ideia? Todo mundo reuniu e combinou.

[...]

Sabe dizer o nome das figuras que se destacaram na educação ou em outras áreas como engenharia, medicina etc? Agrícola Guimaraes – músico e diretor de escola, D. Enedina dedicada professora.

E hoje? Maria Lima, Leo José, D. Clotildes, Maura e Vilson Lalau – todos professores.

[...] ¹⁶²

O questionário traz diversos aspectos sobre o cotidiano dos/as pioneiros/as buscando fazer um paralelo com os hábitos dos/as seus/as descendentes. Ao todo foram realizadas 20 entrevistas com cerca de 40 perguntas detalhadas sobre o dia-a-dia dos/as pioneiros/as¹⁶³. Um ponto que chamou minha atenção foi que em todas as entrevistas Clotildes e Vilson são apontados como os “líderes naturais” do grupo, pois não foram eleitos como o vereador

¹⁶²FICHÁRIO N° 31. **Questionário Histórico e Sociológico.** Acervo do Arquivo Público Municipal de Criciúma.

¹⁶³Infelizmente devido ao tempo não pude ler todas as entrevistas na íntegra, a maioria apenas pequenos trechos, impossibilitando dessa forma uma análise detalhada do material.

Claudenir Crispim (ARENA)¹⁶⁴.

Como havia dito anteriormente o questionário foi o mesmo para todas as etnias, ele serviu de amparo para a realização das festas étnicas, fornecendo dados importantes para a “invenção”¹⁶⁵ de costumes e hábitos, supostamente herdados dos/as ancestrais. Como argumenta Hobsbawm:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado¹⁶⁶.

Os grupos “étnicos” usaram a “invenção das tradições”, para se legitimarem em suas relações entre si, e no caso da “etnia italiana” para justificar o “controle” sobre a cidade¹⁶⁷.

A “Etnia Negra” além do questionário encomendado pela Prefeitura realizou uma pesquisa para melhor conhecer a história dos/as afrodescendentes no país. Para tanto foram feitas viagens para os estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, com a finalidade de conhecer os hábitos alimentares, costumes e práticas culturais das populações de origem africana desses lugares. Essas viagens foram realizadas por Clotildes Lalau que na época assumiu o cargo de cozinheira principal da Festa da Etnia Negra.

Clotildes cozinhou. O fogão era a lenha, nosso fogão era na parte de traz da igreja [...] Era uma alegria só! Nossa! Foi muito maravilhosa a festa que ela promoveu naquele ano, foi muito boa e 1980 foi o centenário de Criciúma, a festa do Centenário foi no Paço Municipal, nós formamos um coral da etnia negra e foi no Centenário da Criciúma que apresentamos na frente da matriz São José, eu saí da cozinha estava ajudando ela, naquela cozinha ali ela fazia além da alimentação bebida, nós fazíamos muitas bebidas ali. Também ela nos ensinou muitas coisas aqueles coquetéis, uma porção de coisas, bebidas. Ela já tinha tudo na cabeça nem era preciso livros, ela já sabia tudo mesmo! Comida e bebida, como ela viajava muito, ela se comunicava muito com o pessoal em Florianópolis, não sei dizer qual era, [...] ela tinha muita sabedoria sobre os alimentos, e comida era com ela mesmo! [...] na festa do centenário de 1980 ainda foi ali no Paço Municipal, naquele ano nós fomos à apresentação em frente a matriz São José, nosso coral, ela era ainda chefe

¹⁶⁴Esse ponto é bem interessante, pois as pessoas que estavam na organização da Festa da Etnia Negra e da aplicação do Questionário eram próximas do casal Lalau, como dona Maura irmã de Clotildes. Talvez as pessoas que foram entrevistadas tenham sido escolhidas também pelo critério de proximidade do grupo, pois o Wilson foi um dos entrevistados.

¹⁶⁵O termo invenção, neste caso, se remete a uma determinada ruptura, a certa censura, ou a um momento inaugural de uma determinada prática, evento humano, costume ou concepção. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.

¹⁶⁶HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.p. 9.

¹⁶⁷A maioria dos detentores do poder em Criciúma neste período era de origem italiana.

da cozinha. Para o coral ela comprou um tecido, ela nos fez uma roupa e nos deu e não pagamos nada¹⁶⁸.

A atuação de Clotildes na organização da festa foi muito intensa, como evidencia a fala de sua cunhada. Não apenas pelas pesquisas sobre culinária e trajes, mas também em palestras proferidas no Clube União Operária com a finalidade de falar sobre a história e os aspectos culturais das populações de origem africana. Nesse período, através dela foram feitos contatos com embaixadas de países africanos que tinham boas relações com o Brasil.

A Festa da Etnia Negra contou com a presença do Secretário da Embaixada da Guiné Bissau houve durante as comemorações o hasteamento da bandeira da Guiné Bissau ao lado das bandeiras do Brasil, de Criciúma e de Santa Catarina, como pode ser observado na programação da festa:

¹⁶⁸LEONOR, Janete Sebastiana. Criciúma, 14 de março de 2010. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

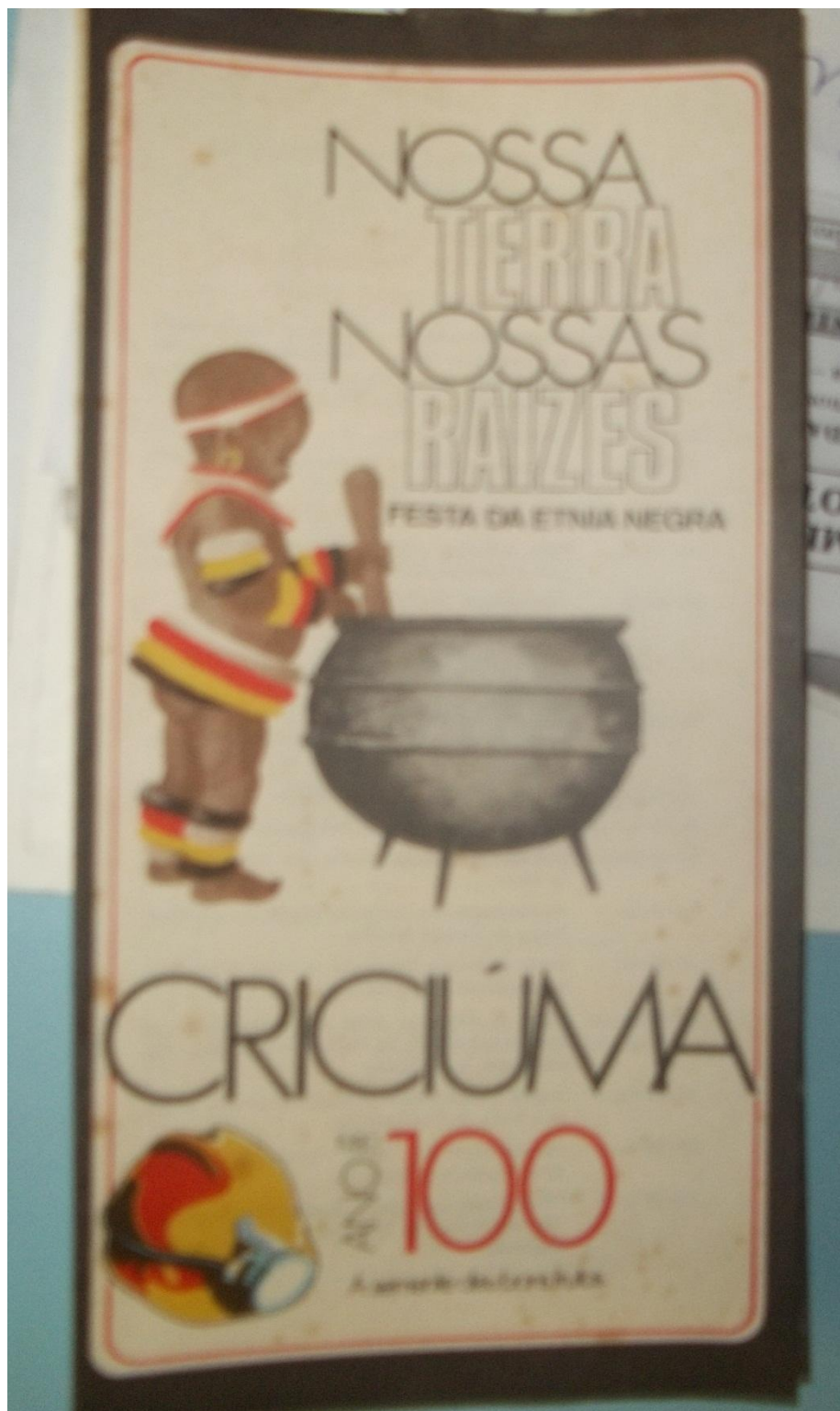


Imagem 11: Folder da Festa da Etnia Negra, capa
Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Criciúma, fichário nº 22

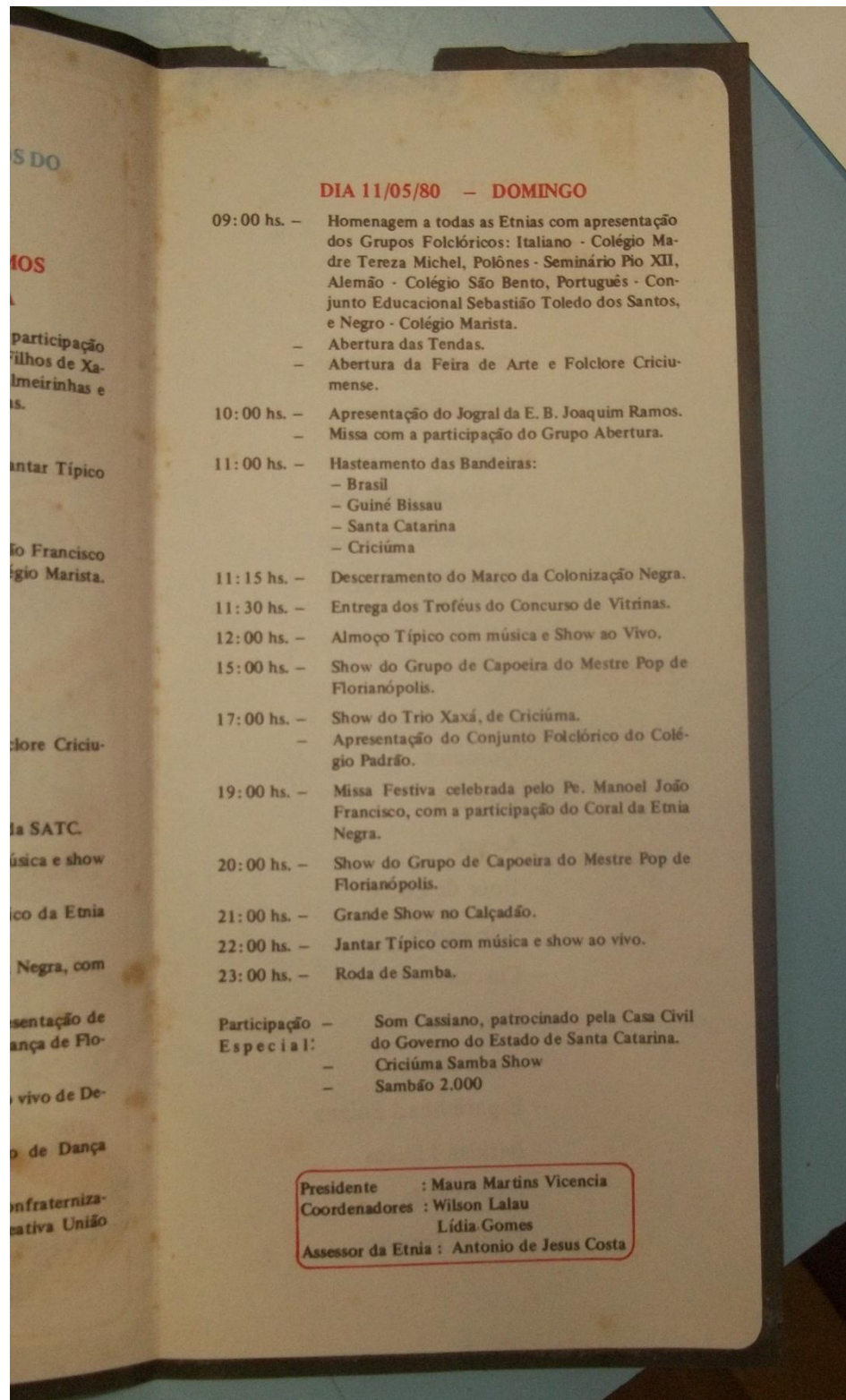


Imagem 12: Folder da Festa da Etnia Negra, programação
 Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Criciúma, fichário nº 22

Na imagem 11, no folder da Festa da Etnia, tem-se uma criança africana – não sendo possível a identificação de qual parte de África – mexendo em um caldeirão. Essa imagem busca relacionar os/as afrodescendentes de Criciúma aos/as “ancestrais africanos”. A próxima imagem traz a programação da festa, na qual podemos destacar o hasteamento da bandeira da Guiné Bissau juntamente com as bandeiras do Brasil, Santa Catarina e Criciúma. Esses elementos estão relacionados ao forte interesse pelo continente africano que dominou o Movimento Negro a partir do final da década 1970. Esses diálogos com o continente africano ocorreram em todo o cenário nacional, em consequência das independências das colônias portuguesas e do *Pan-africanismo*¹⁶⁹. E Criciúma não ficou à parte a este movimento, devido a atuação intensa dos/as militantes do Movimento Negro, em especial da Clotildes.

A Festa da Etnia Negra mobilizou boa parte da população afrodescendente de Criciúma:

Foi muito bom! Foi muito bonita! Aquela de 1980 cada etnia passou a se organizar como o prefeito pediu. Com muito sacrifício nós, cada etnia tinha um mês e a Etnia Negra ficou com o mês de maio. Nós fizemos festividades na praça ao redor da igreja de São José e nós fizemos o mês inteiro! Nós tivemos oportunidade de fazer comida típica, de trazer o Jair Rodrigues para um show dentro do nosso restaurante na abertura do Cerimonial de Abertura que foi no Campo do Criciúma – que hoje é Criciúma, mas naquela época era Comerciário – nós fomos a única etnia que conseguiu fazer uma coreografia afro com cem pessoas! Nós tínhamos oito coordenadores e a coreografia da Etnia Negra foi a mais bonita porque cem pessoas vestidas com trajes em cores diferentes, mas com o mesmo modelo¹⁷⁰.

Os festejos do Centenário da cidade encerraram em 1981 e com o fim das comemorações os chamados “grupos étnicos” se consolidaram em Associações, tendo o compromisso de se reunirem uma vez por ano para trabalharem juntos. Esses encontros anuais levaram o prefeito Altair Guidi em 1989 a criar a “Quermesse de Tradição e Cultura”, festa que posteriormente se tornou a “Festa das Etnias”.

Os/as afrodescendentes de Criciúma se organizaram para prover e divulgar as manifestações culturais africanas e afro-brasileiras, tanto no espaço da Sociedade Recreativa União Operária, por meio de bailes, jantares, palestras e congressos, como também na organização da I Festa da Etnia Negra no Centenário de Criciúma e posteriormente com a Quermesse das Etnias e, mais a frente, com a Festa das Etnias. ClotildesLalau teve um papel importante neste processo, foi uma das idealizadoras da “invenção das tradições” da “etnia negra”, atuou como uma das organizadoras da Festa da Etnia Negra no centenário da cidade,

¹⁶⁹SANTOS, 2001.

¹⁷⁰ROSA, Onélia Alano da. Criciúma, 29 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

como também por ser ter sido ativa nos eventos do Clube União Operária, tornando-se oradora oficial dessa instituição.

Foi no espaço do clube que Clotildes realizou encontros, seminário e congressos relacionados diretamente ao Movimento Negro, como também voltados para a questão da educação, além de ministrar cursos preparatórios para o exame de admissão nas Escolas Normais para mulheres afrodescendentes, assunto este que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

A EDUCAÇÃO DAS POPULAÇÕES DE ORIGEM AFRICANA

Neste capítulo abordarei brevemente a escolarização de Clotildes até seu egresso a *Escola Normal*, a educação das mulheres no início do século XX, o processo de feminização do magistério, os significados do ser professora normalista, para compreensão das ações de suas ações na educação. Também irei discutir sucintamente como o ensino no Brasil se constituiu, desde a criação da primeira escola pública durante o Império, a maneira como as classes populares, sobretudo os/as afrodescendentes foram deixados à margem do processo de escolarização durante a República e a maneira como o Movimento Negro procurou driblar esse sistema e utilizou a educação como uma estratégia para mobilidade social das populações de origem africana. Esses elementos são imprescindíveis para a análise da atuação de Clotildes na condição de educadora, sendo essas ações vinculadas diretamente a sua militância no Movimento Negro.

3.1 MULHERES AFRODESCENDENTES E PROFESSORAS NORMALISTAS

Clotildes iniciou seus estudos no Colégio Público Hercílio Luz, conseguiu uma bolsa para estudar em um colégio particular – São José – na qual ela fez curso normal¹⁷¹. No período em que fez o curso normal destacou-se em relação aos/às colegas de classe:

Lembro-me que nós também estudávamos juntas, então íamos fazer as provas, e ela não estudava nada, eu estudava, ela não. Ela colocava o caderno em baixo do braço e íamos para aula juntas, e os trabalhos, as redações que ela fez eram todas lidas na sala de aula, por serem os melhores! Ela era uma pessoa muito brilhante na carreira dela. Depois ela se formou no curso ginasial que era muito difícil na nossa época, primeiro porque as mulheres naquela época não estudavam e depois, [...] éramos de família pobre, e ela se destacou, fez o ginásio, se saiu muito bem! [...] Ela estudou em escolas particulares, no Colégio São José de Tubarão que era a mais famosa escola do sul de Santa Catarina e eu não tinha recursos, meus pais eram pobres, eu estudei no curso normal regional, na época era feito o curso de admissão do ginásio para estudar em uma escola normal, porque não existiam escolas normais aqui no sul. Então o pessoal de Criciúma, de Morro da Fumaça, de Araranguá, dessa região aqui do sul, a maioria estudava, as que tinham possibilidades é lógico, elas eram

¹⁷¹O curso normal e as Escolas Normais foram assim denominados pelo Primeiro Ministro francês Joseph Lakanal(1762-1846) porque determinavam a ‘norma’ docente, estudava-se a norma didática a ser seguida para aquelas/es que se dedicassem a ensinar as crianças. O ensino era voltado total e unicamente ao ensino da norma, da forma, procedimentos e guias, mais apropriados para o conhecimento prévio da criança e da escola, “saber instruir e educar as crianças da melhor maneira”. GÚZMAN.Apud: WERLE, Flávia Obino Corrêa. Práticas de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p.609-634, set./dez. 2005.

internas no colégio São José, que era o colégio que eu e ela estudávamos, ela sempre se saiu muito bem, ela era muito inteligente¹⁷².

A fala de dona Maura indica alguns elementos importantes relacionados à representação de Clotildes como uma mulher dotada de uma “inteligência incomum” de Clotildes. Deve-se levar em consideração que ela foi a única aluna afrodescendente de sua turma, e que o tratamento dispensado as populações de origem africana em relação aos/as brancos/as era diferenciado. Foram criados uma série de mecanismos que privilegiavam as/os brancas/os limitando e, muitas vezes, excluindo os/as afrodescendentes do processo escolar¹⁷³.

Também não se deve esquecer que ela era bolsista, e como tal tinha que ter um bom rendimento escolar, caso contrário perderia a bolsa¹⁷⁴. Tratar Clotildes como possuidora de uma “inteligência excepcional” não deixa de ser uma manifestação racista, na medida em que se questiona a possibilidade de uma mulher, sobretudo afrodescendente, de se destacar em relação as mulheres brancas e também em relação aos homens no mesmo patamar, como se fosse algo fora do comum e pouco provável para uma mulher afrodescendente.

Segundo Souza (2001) para ser uma professora normalista era necessário: intelectualidade, empreendedorismo, moral ilibada, capacidade, religiosidade e virtuosidade. Acima de tudo internalizar que “*ser professora é ter uma missão, acima das condições de trabalho e das conjunturas sociais*”¹⁷⁵. As mulheres que cursavam o normal eram preparadas para corresponder a essas exigências, sendo submetidas a um conjunto de regras, difusas e codificadas, na maioria das vezes internalizadas.

Eram práticas repetidas, rotineiras, mecanizadas, que buscavam uniformizar alunas e alunos, como uma linha de montagem, sendo a escola uma máquina à qual esses corpos eram submetidos, como se propunha na fala do reformador. Uma coleção de determinações interinas foi encontrada, referente às/os alunas/os, às/aos censoras/es e às/aos professoras/es, pois as normatizações foram dirigidas, também, a estas/es últimas/os que tinham formas de *saber-fazer* profissional que muitas vezes não coadunavam com as propostas dos regimentos e que estes tentaram impor, pois “práticas rotineiras e comuns”, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada de questionamentos e, em especial, de desconfiança¹⁷⁶.

¹⁷²VICÊNCIA, Maura Martins (irmã de Clotildes). Criciúma, 19 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

¹⁷³LUCINDO, 2010.

¹⁷⁴Não pretendemos com esta análise questionar a inteligência de Clotildes Lalau, apenas ilustrar como os/as afrodescendentes driblavam esse sistema discriminatório presente no processo escolar.

¹⁷⁵SOUZA, Ione Celeste. **Garotas tricolores, deusas fardadas**: as normalistas em Feira de Santana, 1925-1945. São Paulo: EDUC, 2001.

¹⁷⁶SOUZA, 2001, p. 82-83.

No tocante à educação das mulheres é importante frisar que na primeira metade do século XX, tinha-se a noção de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas. Era enfatizada a formação moral, para constituição do caráter, sendo que pequenas doses de instrução eram consideradas suficientes. Muitos argumentavam que não era necessário encher a cabeça da mulher com conhecimentos ou informações, pois seu destino primordial era ser esposa e mãe, portanto deveria ter uma moral sólida e bons princípios.

[...] Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o *pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos¹⁷⁷.

O ensino elementar foi associado ao trabalho feminino, considerado como algo ‘natural’ em diferentes contextos e segmentos sociais em todo o mundo ocidental. A personificação do ideal da professora da escola elementar cristalizou-se ao longo do século XX no imaginário social como a profissão da virtude, do amor, da dedicação e da vocação. A mistificação da educação caracterizou o ideário da professora. A nobreza da missão, a exaltação do zelo e a dignidade do ofício, comparável apenas às causas patrióticas e religiosas, materializaram a ética da idealização da professora. Essa idealização na sociedade brasileira passou a integrar o imaginário social em contextos culturais diversos, a partir de determinados momentos históricos, configurando-se em uma construção histórica que teve como finalidade cumprir funções políticas¹⁷⁸.

A feminização do magistério foi consequência do avanço do capitalismo industrial que fez a hierarquia das profissões, agregando valor às profissões mais condizentes com as novas exigências do mundo industrializado. Dentro desse contexto, o magistério sofreu significativos abalos, deixando de ter o prestígio de outrora, e mudando paulatinamente de gênero. Com a instituição dos sistemas de educação de massa, organizados pelo poder público, houve uma ampliação da participação da mulher como professora primária¹⁷⁹.

Os profissionais que integravam o sistema público de instrução, chamados de mestres-escola, eram inicialmente profissionais autônomos que exerciam o ofício livremente como

¹⁷⁷LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (org.) **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 443-481.

¹⁷⁸CHAMOM, Magda. “Trajetória de feminização do magistério e a (con)formação das identidades profissionais”. **VI Seminário da Redestrado - Regulação Educacional e Trabalho Docente**, 06 e 07 de novembro de 2006 – UERJ - Rio de Janeiro-RJ, p. 2.

¹⁷⁹CHAMOM, 2006, p. 3.

professores particulares escolhidos e pagos pelos pais e respeitados pela comunidade,mas gradativamente esses profissionais passaram à condição de empregados do Estado.

As relações de trabalho tinham sido concretamente redefinidas numa nova organização do processo de trabalho, que passou a desprezar o saber do professor e a desvalorizar o seu trabalho, pagando baixos salários pelos serviços prestados. O governo não assumia o sistema de instrução pública como sua responsabilidade, transferindo para os professores a culpa de todos os seus insucessos¹⁸⁰.

Lentamente o magistério primário e o baixo prestígio profissional foram se associando, a ponto de ser visto como aviltante para o homem continuar exercendo a profissão na escola elementar. A evasão dos professores do sexo masculino do magistério primário público foi corrente.

Tornou-se necessário contornar a situação constituindo um corpo estável de profissionais que não buscassem na remuneração o motivo do seu ofício. Nesse contexto as mulheres foram o alvo dos apelos das políticas públicas para substituírem os homens na “nobre” função de educar. Tal mudança não era puramente biológica, ela foi inscrita no campo simbólico e impregnou-se no imaginário social feminino com o discurso da “vocação”. O discurso oficial enfatizou que o ensino de crianças era um atributo feminino, um trabalho virtuoso cujas ações deveriam estar embasadas no amor e não em recompensas materiais.

O apelo ao trabalho feminino configurou-se numa oportunidade de se atingir o espaço público com aprovação social. Servir a pátria, como professoras, tornou-se uma possibilidade de comunicação na esfera pública com um nível de aprovação social, anteriormente concedida apenas pelo matrimônio. O magistério estava em processo de abandono, no qual o contingente masculino de professores gradativamente se esvaziava; as mulheres foram substitutas ideais, por serem consideradas econômicas, abnegadas, virtuosas e “vocacionadas” para a tarefa de ensinar. Enquanto os homens procuravam oportunidades de trabalho melhor remuneradas, as mulheres foram sendo chamadas, pelas “suas qualidades morais superiores”, para ocuparem esse campo de trabalho¹⁸¹.

O incentivo à frequência feminina nas escolas normais procede do ideário das políticas públicas que enfatizavam a “missão civilizatória e patriótica das mulheres” na condição de educadoras e mães. As escolas normais se encheram de moças, inicialmente algumas, depois muitas, até que os cursos normais se tornaram escolas de mulheres. O afeto passou a ser considerado fundamental e facilitador da aprendizagem, sendo necessário tanto para a

¹⁸⁰O Estado passa a assumir efetivamente a responsabilidade pela educação popular apenas na República.

¹⁸¹CHAMOM, 2006, p. 9-10.

educação escolar como para educação no lar, ou seja, era necessário tanto para a mãe como para a professora. Portanto, nada mais apropriado do que incentivar a presença feminina no magistério, pois o curso mais do que formar professoras, poderia ser estágio preparatório para o matrimônio e a maternidade¹⁸².

Destacava-se que o destino primordial da mulher era a maternidade, portanto o magistério passou a ser representado como a “extensão da maternidade”, na qual os/as alunos/as eram percebidos como filhos/as “espirituais”.

Para bem executar essa função de “mãe pública” empenhada na formação dos futuros cidadãos a normalista deveria transmitir noções de patriotismo. Clotildes Lalau internalizou esse discurso:

Todos os anos comemora-se o dia da Independência com o tradicional desfile escolar. Grande é a movimentação; seu preparo exige uma série de ensaios; desde os fins do mês de agosto, já se ouve o repicar dos tambores, que marcam a cadência da marcha dos escolares. E quando o dia 7 desponta, os estudantes já estão envolvidos no toque da alvorada e um pouco mais tarde, desfilam na avenida, homenageando a Pátria. É o tradicional desfile cívico. A população se agita... Todos querem apreciar a passeata. É garbosa a manifestação de civismo que envolve professores e alunos... O palanque, especialmente para as autoridades, é por elas ocupado, o pessoal restante aguarda a passagem dos colégios que passam, levando bandeiras e procurando desfilarem com o maior entusiasmo possível... E todos olham e apreciam e ao que parece gostam de ver, embora não haja manifestação de aplausos, pois pouquíssimas são as palmas para incentivo daqueles que muitas vezes, com fome, com frio ou até com chuva desfilam para demonstrar sentimentos de brasilidade. Será que só os estudantes são brasileiros e somente eles têm obrigação de participar do desfile cívico? Por que não participam dele os Comerciantes, os Clubs de Serviço, os Times de Futebol e outras Entidades? Por que só o Estudante? [...] muitas pessoas não se aperceberam ainda de que o “Brasil é feito por nós” e não só pelos estudantes e que as homenagens devidas à Pátria dever ser prestadas por nós todos, brasileiros, e não somente pelos estudantes. [...] Em assim sendo, ousamos cultivar a esperança feliz de que para os próximos anos em se tratando de organizar e promover o tradicional desfile de Sete de Setembro, dele participem representações de todas as Entidades de nossa Terra e que os que se dirigem à Avenida para apreciar que também participem, cantando (em posição devida) o Hino Nacional Brasileiro e aplaudindo aqueles que marchando ao som de bandas ou fanfarras, prestam sua homenagem à Pátria que não é somente deles, mas de todos nós. Só assim poderemos afirmar que o Brasil é nosso e “Feito por nós”¹⁸³.

Clotildes chama a atenção para o fato de que o “Brasil é feito por nós”, repetindo essa afirmação no final do texto. Essa exaltação ao patriotismo está inserida no contexto da Ditadura Militar, que por meio de comemorações de datas históricas, desfiles cívicos, cultos às personalidades que se destacaram em nossa história, cerimônias religiosas, entre outras

¹⁸² LOURO, 2008, p. 458.

¹⁸³ LALAU, Clotildes Maria Martins. **O Tradicional Desfile de 7 de Setembro**. *Jornal do Sul*, 10 de setembro de 1977, p. 05.

manifestações patrióticas, tinham como objetivo a “construção do Brasil”¹⁸⁴. O Estado autoritário se fundamentou ideologicamente na Doutrina da Segurança Nacional e do Desenvolvimento que regeu o sistema educacional em todos os níveis, tendo como fio condutor o civismo patriótico.

Outra construção em torno da normalista era que a mesma deveria ser disciplinadora de suas alunas e seus alunos e acima de tudo disciplinar a si mesma. Seu olhar deveria impor autoridade e seus gestos serem contidos, ela precisava ter *controle de classe*.

Rígida, extremamente rígida, eu tenho alguns amigos que são um pouco mais velhos que eu, eu estudei quando a mãe me deu aula ela já era diretora, mas foi só substituir a professora. Voz mansa, tranquila, mas dava umas cacetadinhas em nós e todo mundo tinha medo dela! O comportamento da minha mãe dentro da sala de aula não era muito diferente do que era em casa, então para mim estava tranquilo! O pessoal morria de medo dela, eu tinha respeito pela mãe, mas não tinha medo dela, nós tínhamos um respeito muito grande por ela! O pessoal tremia quando a minha mãe entrava na sala todo mundo olhava para mim para ver qual era a minha reação. A minha mãe era muito exigente no português e tem uma frase que a maioria dizia, eu nunca esqueço: “Nunca tiramos 10 com a tua mãe”, nós fazíamos uma prova excelente e tirávamos 9,5 porque faltava um acento circunflexo, faltava uma vírgula, qualquer coisinha era um motivo para ganhar 9,5!¹⁸⁵

Segundo Wilson, Clotildes atendia a exigência da postura que uma professora deveria assumir em sala de aula. Outro ponto importante a ser destacado no que se refere às construções em torno das normalistas é a docência vista como um *sacerdócio*, na qual a professora tem uma missão a ser cumprida. No caso de Clotildes, mais do que sacerdócio e missão, significava uma luta política que estava além de sua profissão, pois a sua militância no Movimento Negro foi voltada para a educação das populações de origem africana:

A dona Clotildes era uma que sempre puxava os negros para estudarem. Ela ia à casa dos negros, como a minha mãe, que naquela época a pobreza era tanta, que os filhos tinham que ajudar, mas só que ela dizia:

- Não, dona Lu deixa o tempo para eles estudarem, não pode deixar em casa tem que estudar!

Então ela serviu de exemplo para todos os negros de Criciúma, para nós podermos lutar, estudar e ir para frente, querer ser alguma coisa! Porque ela sempre dizia:

¹⁸⁴CORREIA, Wilson Francisco. “A Educação Moral e Cívica do Regime Militar Brasileiro (1964-1985): a filosofia do controle e o controle da filosofia”. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 489-500, jul./dez. 2007.

¹⁸⁵LALAU, Wilson Martins (filho de Clotildes). Apud: KRAUSS, 2007. p. 25-26.

- Dona Lu a Senhora tem muitas filhas, não deixe elas serem só empregadas domésticas!¹⁸⁶

Eu comecei a trabalhar, talvez até tenha continuado a estudar, feito faculdade e tudo incentivado por ela! Por que ela veio na minha casa e já tinha dado o meu nome para que eu trabalhasse a noite com o segundo grau e eu achava que não tinha capacidade, que eu não tinha condições porque eu só tinha o magistério e a partir daí eu tomei coragem e recomencei a estudar!¹⁸⁷

Das referências da importância dela no Movimento, principalmente da importância dela na educação da população negra naquela região, a gente ouve por pessoas que inclusive foram alunas dela, estudaram com ela. Estudaram com ela como a professora Altair costuma dizer: *faziam a preparação para ingressar no curso normal*. Ela fazia questão de encaminhar o pessoal! [...] Até no caso como educadora, para nós a importância maior foi esse esforço que ela fez pela educação de muitas mulheres daquela região! Ela preparava as moças para fazerem o tal exame de admissão e para depois continuarem os estudos fazendo o curso normal que era para ser professora. Eu acho que isso foi fundamental na vida de muita gente daquela região¹⁸⁸.

Clotildes empenhou-se na educação das populações de origem africana e em preparar as mulheres afrodescendentes para o Exame de Admissão no Curso Normal. Esse empenho provavelmente aponta para o valor que ela atribuía à educação formal para a promoção social de afrodescendentes. Ela dava aulas particulares gratuitamente para pessoas de baixa renda, a maioria afrodescendentes, além de dar assistência a professoras e professores afrodescendentes, promovendo encontros e debates para realizarem tais discussões:

Foi verdadeiramente consagrador o primeiro encontro dos professores de cor realizado em nossa cidade. Os palestrantes especialmente convidados, abordaram temas palpitantes para jovens e adultos, demonstrando-lhes que a valorização da pessoa humana depende de sua afetiva participação, e só pode ser promovida pela cultura. O encerramento do conclave foi prestigiado pelas mais destacadas personalidades criciúenses, ocasião em que caloroso preito de gratidão foi prestado à professora Enedina Alano da Rosa¹⁸⁹, que há meio século vem prestando relevantes serviços ao magistério catarinense. A sua atuação foi distinguida como dignificante exemplo aos jovens que se preparam para grandes responsabilidades futuras. A professora Clotildes Maria Martins Lalau que não poupou esforços para o sucesso do encontro nos revelou que no ano vindouro, outro conclave será à efeito, em nossa cidade¹⁹⁰.

¹⁸⁶SANTOS, Rosemary Franco dos (amiga de Clotildes). Criciúma, 08 de março de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss. É importante frisar que ela foi uma das mulheres a tornar-se professora por influência da Clotildes.

¹⁸⁷LIMA, Maria (amiga de Clotildes) Criciúma, 13 de novembro de 2007. Apud: KRAUSS, 2007.

¹⁸⁸RIBEIRO, Neli Góes (colega de Clotildes do Movimento Negro). Florianópolis, 17 de março de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

¹⁸⁹A professora Enedina Rosentina Alano da Rosa nasceu em Laguna em 10 de novembro de 1906, lecionou nos municípios de Imbituba, Imaruí, Orleans, Lauro Müller e Criciúma. Em Criciúma deu aulas particulares e trabalhou no Curso Supletivo de Alfabetização de Adultos e Adolescentes da Vila Operária.

¹⁹⁰Gente de Cor Realizou Encontro. **Tribuna Criciúmensis**, 20 de outubro de 1973, p. 09.

Nesta ocasião foi proferida uma palestra pelo Padre Manoel João Francisco, vigário da matriz Nossa Senhora da Salette da Próspera, intitulada “O negro e sua importância social”. Também foi realizada uma conferência com o Juiz de direito da 1ª Vara da Comarca de Criciúma Dr. Heliódoro Franzói acerca da “problemática da juventude moderna”¹⁹¹.

A dedicação de Clotildes à educação das populações de origem africana pode ser compreendida como uma estratégia do Movimento Negro para ascensão social para as populações de origem africana e conseqüentemente a inserção nas camadas sociais que tem seus espaços ocupados majoritariamente por brancos/as.

3.2 EDUCAÇÃO E ASCENÇÃO SOCIAL

A questão da educação tem sido uma das reivindicações do Movimento Negro ao longo do século XX e a sua importância só poder ser compreendida se analisarmos como ocorreu o processo de escolarização das populações de origem africana desde a instituição do ensino público e gratuito no Brasil no século XIX.

A primeira lei que regulamentava a criação do ensino público e gratuito no Brasil foi sancionada em 1827. Em 1834 foi promulgado o Ato Adicional à Constituição do Império, que orientava a descentralização do sistema de instrução pública, delegando às províncias o direito de promover e regulamentar a educação pública primária e secundária em seus territórios, sob a responsabilidade do governo central. O sistema de educação pública elementar no Brasil foi criado em circunstâncias desfavoráveis¹⁹², pois contava com um número reduzido de escolas e o Estado não se comprometia em proporcionar o ensino para o povo, nem dava assistência aos professores, não investia em prédios, métodos pedagógicos, currículo e materiais escolares, ficando a responsabilidade sobre os dirigentes das Províncias que reclamavam da falta de recursos para a promoção e desenvolvimento do sistema público de instrução.

Quando foi implementada a escola pública, em várias províncias do Império era vedada aos/às cativos/as a frequência às aulas neste tipo de instituição de ensino. A proibição aos/às cativos/as de frequentarem escolas públicas não significou que todos/as aqueles/as que se encontravam nesta condição não tivessem acesso às letras. No referente ao acesso dos

¹⁹¹ Clotildes conseguiu estabelecer uma rede de relações com pessoas influentes na cidade, como já havia dito no primeiro capítulo, essas relações foram possíveis devido a sua condição social de professora e posteriormente diretora, como também por ser uma das lideranças do Movimento negro.

¹⁹² CHAMOM, 2006, p. 5.

cativos ao aprendizado da leitura e da escrita, algumas pesquisas¹⁹³ apontam que essa prática existiu pelo menos desde o século XVIII.

Apesar da iniciativa do Governo Imperial em criar a escola pública para as camadas populares da sociedade, de acordo com o recenseamento de 1872 cerca de 84% da população era analfabeta.

Tabela 1: Censo de 1872

PROVÍNCIAS E MUNICÍPIOS NEUTROS	SEXOS			RAÇAS				GRAU DE INSTRUÇÃO			
	Homens	Mulheres	Total	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
				PRE	PAR	PRE	PAR	SLE	AN	SL E	AN
Amazonas	487	492	979	201	286	171	321	-	487	-	492
Pará	18908	18550	2458	5747	8161	5887	7718	68	18840	21	13529
Maranhão	36889	88050	74980	11678	25210	11652	2898	51	3688	21	38029
Piauí	11945	11850	28795	4626	7819	5208	6642	6	11989	-	11850
Ceará	14941	16972	31913	8589	6402	9715	7267	35	14908	12	169960
Rio Grande do Norte	6571	6449	18020	8188	8888	8171	8278	4	6567	8	6445
Paraíba	10881	10845	21526	4280	5951	4910	5905	26	10655	85	10810
Pernambuco	47023	42005	89028	18516	88507	12122	29883	106	46918	52	41958
Alagoas	17913	17828	35741	5072	12841	5581	12292	32	17881	21	17807
Sergipe	10840	11788	22823	4644	6196	4796	6887	-	10840	-	11788
Bahia	89094	78789	167824	87207	51796	28071	50559	49	89045	15	78715
Espirito Santo	11859	10800	22859	3407	8452	8445	7855	1	11859	-	10800
Município Neutro	24886	24053	48939	5275	19611	5786	18267	220	24666	109	28944

¹⁹³MORAES, Christianni Cardoso. Ler e escrever: habilidades de escravos forros? Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, 1731- 1850. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 36, p. 493-504, set./dez. 2007; PAIVA, Eduardo França. Leituras (im)possíveis: negros e mestiços leitores na América Portuguesa. In: **Colóquio Internacional Política, Nação e Edição**. Belo Horizonte, 2003. Anais... Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003; VILLALTA, Luiz Carlos. **Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura**: usos do livro na América portuguesa. São Paulo: USP. 1999. 553 f. Tese (Doutorado em História) –Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999; VEIGA, Cynthia Greive. Escola Pública para negros e pobre no Brasil: uma invenção imperial. **Revista Brasileira de Educação**.v. 13 n. 39 set./dez. 2008, p. 502-596.

Rio de Janeiro	162894	180248	202637	43595	118799	86284	94009	79	162815	28	180215
São Paulo	88040	68572	156612	24474	68566	20678	47894	81	87959	28	68849
Paraná	5506	5054	19560	2010	8496	2099	2955	6	5500	2	5052
Santa Catarina	8069	6915	14984	2588	5486	2274	4641	26	8043	20	6895
Rio Grande do Sul	85686	82106	67791	11560	24126	11081	21074	68	35628	87	82068
Minas Gerais	199484	171025	370450	57116	1428818	48540	122485	99	199886	48	170979
Goiás	5872	6280	10652	2045	8827	2064	8216	7	5865	-	5288
Mato Grosso	8682	8085	8169	1525	2107	1846	1690	-	8682	-	8085
Total	805170	7055896	1510806	252824	552346	224680	480968	958	804212	445	705191

Fonte: IBGE. Legenda: PRE – Pretos; PAR – Pardos; SLE – Sabe ler e escrever; AN – Analfabeto.

Ao analisar a tabela é possível perceber alguns elementos: como o número considerável da população preta e parda na Província de Santa Catarina, sendo a população preta de 4862 e a parda de 10487¹⁹⁴. Outro elemento é a predominância de populações não brancas em algumas Províncias.

Na Província do Amazonas, por exemplo, essas populações representam 100% dos/as habitantes e todos/as são analfabetos. Já na Província do Mato Grosso somando o total da população masculina preta e parda é de 3632, o que significa que a população masculina “branca” é de 5050. Já o total da população feminina preta e parda é de 3953; a população feminina “branca” é de 4132. Como na Província do Amazonas, em Mato Grosso o índice de analfabetismo é de 100%.

Esses dados possibilitam especular que muitos/as brancos/as de boas condições financeiras não sabiam ler nem escrever, dado ao fato de ser pouco provável que em duas Províncias não houve pelo menos uma pessoa ou família que possuísse recursos financeiros.

Apesar da instituição das escolas públicas no Império, elas somente vão ganhar força com a República. Para os dirigentes da República era necessário criar meios para que o povo fosse incluído como participante da nação brasileira letrada, que estava se constituindo. Nesse

¹⁹⁴Esses dados entram em conflito com a imagem de Santa Catarina como um estado colonizado e fundado por imigrantes europeus/as.

contexto a educação escolarizada era o ponto crucial para resolver os problemas sociais e modernizar a sociedade brasileira¹⁹⁵.

O ideal republicano via a educação popular como peça chave para consolidar o novo regime. Esse regime político argumentava ser do povo, mas para sua existência necessitava que a organização escolar fosse sólida e que possibilitasse uma formação política para todos/as os/as cidadãos/as, sendo essencial a compreensão de seus deveres. Na lógica do pensamento republicano, a disseminação da educação popular deveria ser o primeiro dever do Estado, garantindo a liberdade do ensino, liberdade essa compreendida como construir escolas. O Estado toma para si a responsabilidade sobre a educação do povo. As elites assumem o dever de levar a “luz do saber” ao povo¹⁹⁶.

No que se refere às populações de origem africana, a educação foi pensada para mantê-las subalternas às populações “brancas”, portanto para manter inalterada a hierarquia racial e social vigente na sociedade escravocrata. A educação para os/as afrodescendentes foi idealizada juntamente com o processo de abolição, pois ela serviria como um mecanismo para manutenção da hierarquia dentro da ordem republicana.

[...] no Colégio da Vila Providência as meninas “negras” além de trabalharem para as “benfeitorias” que precisavam de ajuda nos trabalhos domésticos, enquanto que outras meninas ficavam estudando, tinham as cabeças raspadas “pois diziam que o sangue de preto era quente e, portanto, morada de piolhos e também porque preta não podia perder tempo penteando os cabelos”. Então, as situações vividas no Educandário Sagrada Família e no Colégio Vila Providência demonstram que nessas instituições a educação específica para meninas descendentes de ex-escravizados não tinham a intenção de tirá-las da condição subalterna, ao contrário, reafirmava essa condição ao enviar essas meninas aos serviços domésticos nas casas de algumas famílias. A educação delas era uma preparação da mão-de-obra, não uma formação intelectual, vinculando-se ao pensamento dos principais abolicionistas preocupados com a educação de escravizados durante esse processo¹⁹⁷.

Com a instalação de grupos escolares urbanos e escolas isoladas nos bairros, o ensino popular se disseminou. Sendo a preocupação do governo republicano apenas o ensino primário, pois este serviria para solucionar o problema do voto e da representação, além de garantir a ordem social vigente e propagar os valores morais e políticos da República.

Apesar de os grupos escolares oferecerem aos populares uma educação próxima àquela recebida pelas crianças ricas no ensino primário, o ensino secundário permaneceu elitista, com pouca participação das classes populares. Como a oferta de vagas era inferior a demanda, os estabelecimentos de ensino restringiam o acesso, privilegiando uma determinada

¹⁹⁵LUCINDO, 2010, p. 40.

¹⁹⁶CELESTE, 2001, p. 45.

¹⁹⁷LUCINDO, 2010, p. 43.

camada da sociedade, excluindo trabalhadores de baixa renda, afrodescendentes, pobres e miseráveis. A seleção na escola pública ocorreu tanto no acesso, quanto na permanência.

Os governos do pós-abolição não viram a educação das populações de origem africana como um problema específico. A questão era como transformar a massa que constituía o povo brasileiro em cidadãos/ãs, portanto as forças governamentais se empenharam na educação das classes populares.

Foram realizadas diversas iniciativas, tanto públicas como privadas, para a educação das classes populares e algumas iniciativas privadas direcionadas especificamente para a educação dos/as afrodescendentes, sendo que as populações de origem africana se beneficiaram também das primeiras iniciativas.

Dentre as iniciativas voltadas para estas, podemos destacar as empreendidas pela própria comunidade afrodescendente, seja através das sociedades recreativas ou outras entidades criadas para essa finalidade. No referente ao papel das sociedades recreativas na escolarização das populações de origem africana, podemos destacar a organização de seminários, bibliotecas para associados, entre outros:

As associações dessa esfera pública tiveram por finalidade ser espaço de convívio, oferecendo, principalmente, atividades de divertimento aos associados, o que significa para o Smart oferecer “ensaios de danças, bailes, pic-nic” e também “conferências contando de discursos, poesias falando sobre datas e comemorações”. [...] No Defensores da Pátria, os jogos lícitos e bailes estavam junto com a preocupação de organizar e manter uma biblioteca e gabinete de leitura, “onde a par de obras literárias os sócios encontrem, publicações, jornais, revistas etc. etc.”. A mais antiga associação beneficente recreativa paulistana, o Club 13 de Maio, apontava que depois de “festejar anualmente com o brilhantismo possível, a gloriosa data de 13 de Maio de 1888”, era intenção do clube “criar escolas noturnas e diurnas, quando seus fundos o permitirem”, juntamente com um fundo de beneficência e realização de conferências, “versando as mesmas sobre instrução e educação, com assistência de famílias”. Diversões também eram a primeira finalidade do Kosmos, que se diferenciava por oferecer espetáculos dramáticos, atividades esportivas, possuía um jornal e também pretendia manter biblioteca¹⁹⁸.

No início do século XX, especialmente em meados da década de 1920, o Brasil – principalmente a região sudeste – passava por transformações significativas no âmbito econômico, social e político, devido à industrialização e a urbanização. Esses elementos foram favoráveis para a organização do Movimento Negro¹⁹⁹. Em 1931 é fundada em São Paulo a Frente Negra Brasileira (FNB), organização essa que se espalhou por todo o estado de São Paulo e para o sul de Minas Gerais e do Espírito Santo; frentes independentes foram

¹⁹⁸LUCINDO, 2010, p. 67-68.

¹⁹⁹GONÇALVES, Luis Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*, set. 2000, n.º 15, p. 134-158.

criadas nos estados do Rio Grande do Sul e da Bahia. A FNB criou várias ações para melhorar a situação das populações de origem africana de São Paulo, tais como:

[...] uma clínica que oferecia cuidado médico e odontológico a baixo custo, e seu departamento legal proporcionava assistência aos membros envolvidos em disputas com proprietários de terras ou patrões. Também oferecia benefícios de auxílio mútuo e estabeleceu uma cooperativa de crédito como parte de uma campanha “compre sua própria casa”, destinada a ajudar os afro-brasileiros a escapar dos porões fétidos do centro da cidade, comprando terrenos e casas nos então subúrbios periféricos de Jabaquara, Saúde e Casa Verde. Esta campanha parece ter conseguido algum sucesso, a julgar por observações contemporâneas relativas ao movimento negro nessas novas partes da cidade²⁰⁰.

No referente à educação a FNB, criou uma escola primária que funcionava na Rua da Liberdade. Nessa escola eram mantidos cursos de alfabetização e vocacionais para adultos e teatro. Alguns dos professores que lecionaram na escola foram nomeados pelo Estado. A Frente promovia também domingueiras, que consistiam em reuniões cujo objetivo era educar e conscientizar as populações de origem africana. Nesses encontros eram ministradas aulas de higiene, religião, puericultura, catecismo, além de comentários acerca de datas nacionais e poesias²⁰¹.

As sociedades recreativas criadas pelos/as afrodescendentes e a FNB se concentraram na luta pela educação das populações de origem africana; e a imprensa negra – oriunda dessas organizações – foi responsável pela disseminação de ideias que relacionavam a educação e a ascensão social.

Os objetivos educacionais foram reafirmados por grupos dissidentes da FNB. O grupo Clarim d’ Alvorada, que teve um papel de destaque na criação da Frente, posteriormente se desligou dela, fundou o Clube Negro da Cultura Social, que por meio do o *Clarim d’ Alvorada*, a *Revista Cultura* (1934) e o jornal *Clarim* (1935), defenderam a ascensão dos/as afrodescendentes nas esferas cultural, social e econômica.

No ano de 1936 a Frente Negra se constituiu em um partido político nacionalista, que simpatizava com o fascismo²⁰². Com o golpe do Estado Novo o registro foi cassado e alguns militantes tentaram transformá-la na União Negra Brasileira, não conseguindo o mesmo impacto e aceitação dentro da comunidade afrodescendente.

Durante o período da ditadura de Vargas a mobilização política dos/as afrodescendentes foi mais amena, as sociedades de dança e os clubes sociais continuaram a

²⁰⁰ANDREWS, 1998.

²⁰¹PINTO, Regina Pahim. “A educação do negro: Uma revisão da bibliografia”. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, agosto de 1987, p. 3-34.

²⁰²ANDREWS, 1998, p. 238.

exercer suas atividades. O regime de Vargas estimulou grandemente o desenvolvimento das escolas de samba, mas sob o controle estrito do Estado.

Até a década de 1940, os Movimentos Negros chamavam para si a responsabilidade pela educação das populações de origem africana. Segundo Regina Pinto os movimentos eram indiferentes quanto a responsabilidade do Estado e essa postura se justificava em parte por causa das iniciativas das populações de origem africana em criar suas próprias escolas, uma consequência da discriminação e do preconceito que ocorria no ambiente escolar e dificultava o acesso da criança afrodescendente à escola²⁰³.

Inicialmente o Movimento Negro empenhou-se em conscientizar as populações de origem africana da importância do estudo para a integração e ascensão social. Esse discurso só vai se modificar em meados da década de 1940.

Tabela 2: Censo de 1940

Homens: 20.614.088
Mulheres: 20.622.227
Branco: 26.171.778
Pretos e Pardos: 14.780.234
Amarelos: 242.320
De cor não declarada: 41.983
Sabem ler e escrever: 13.292.605
Não sabem ler e escrever: 27.735.140
Instrução não declarada: 208.570
Total da população: 41.236.315

Fonte: IBGE

De acordo com a tabela acima o índice de analfabetismo em 1940 era altíssimo, atingindo mais da metade da população, na qual uma boa parte dos/as iletrados/as eram pessoas de origem africana, o que justificava a iniciativa das Sociedades Recreativas e da FNB de se dedicarem a proporcionar acesso à educação escolar aos/às afrodescendentes.

É importante destacar que os dados do Censo não são precisos, pois não há como saber se as pessoas de instrução não declarada eram ou não analfabetas. Outro fator importante era o critério estabelecido para determinar a alfabetização, qualquer pessoa que

²⁰³PINTO,1987, p. 3-34.

soubesse assinar o próprio nome considerava-se como alfabetizada²⁰⁴, sendo que esta concepção se estendeu até o início da década de 1950²⁰⁵.

Em 1944 foi criado no país o TEN (Teatro Experimental Negro), cujo objetivo era incentivar o teatro, promover eventos culturais e utilizar o teatro como instrumento de reconfiguração da imagem dos/as afrodescendentes. O TEN teve um papel importante, pois se voltou para os/as afrodescendentes oriundos das classes mais baixas: os operários “desqualificados”, domésticas, “favelados” e os frequentadores de terreiros, transformando-os em atores e atrizes.

O TEN foi responsável pela publicação do jornal *O Quilombo*, onde expunha seus objetivos e divulgava suas atividades. Patrocinou eventos ligados aos aspectos culturais afro-brasileiros, como a Convenção Nacional do Negro em São Paulo (1945) e no Rio de Janeiro (1946); que tinha como um dos seus objetivos “resgatar a memória do negro brasileiro, substrato de uma identidade a ser reconstruída, e que se constituiria, então, em fonte possível de ação social”²⁰⁶; o I Congresso do Negro Brasileiro em (1950), sendo também responsável pela criação do Instituto Nacional do Negro na década de 1950.

Outra importante vertente do Movimento Negro surgiu nesse período: a Associação Cultural do Negro, responsável pela edição do *Caderno de Cultura Negra* que foi criado em 1954. Primeiramente essa entidade se dedicou apenas às atividades artísticas, posteriormente passou a se ocupar de eventos assistenciais e culturais²⁰⁷.

A Associação Cultural do Negro foi uma das organizações mais significativas do Movimento Negro após a FNB, dedicando-se intensamente a educação dos/as afrodescendentes. Criou uma escola que oferecia cursos de alfabetização e de madureza²⁰⁸. A Associação possuía um departamento de esportes, estudantil, cultura, feminino e uma Comissão de Recreação.

A Associação Cultural do Negro teve duas fases distintas, que refletem as diferentes filosofias sobre solução do problema do negro. A primeira fase caracterizou-se por intensa atividade cultural e artística. A preocupação maior era criar uma ideologia para o negro paulista. Entretanto contradições ideológicas decorrentes da própria situação dos negros se refletiram na maneira de equacionar essa ideologia,

²⁰⁴FERRARO, Alceu Ravello. “Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?” **Educação Sociológica**. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

²⁰⁵A partir de 1950 os Censos Demográficos passaram a considerar alfabetizadas as pessoas que saibam ler e escrever um bilhete simples.

²⁰⁶PINTO, Regina Pahin. “Movimento negro e educação do negro: a ênfase na identidade”. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº86, p.25-38, ago. 1993.

²⁰⁷SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 79.

²⁰⁸PINTO, 1987, p. 10.

quebrando e abalando a unidade da organização. Após um período de inatividade, a Associação se articulou novamente com objetivos mais assistenciais. Nessa fase foi criada a escola²⁰⁹.

A valorização da educação foi uma das diversas técnicas utilizadas pelos/as afrodescendentes para atingir a ascensão social, sendo a escola definida socialmente como um veículo para superação da exclusão sócio-racial que as populações de origem africana estavam submetidos/as, sendo uma das bandeiras dos/as militantes afrodescendentes na primeira metade do século XX; enquanto não houvesse ensino gratuito em todos os graus, os/as estudantes de origem africana deveriam ser admitidos como pensionistas do Estado, em todas as instituições oficiais, particulares e militares tanto no ensino secundário quanto no ensino superior²¹⁰. Na segunda metade da década de 1950:

A escola pública, cujas as portas, por ser escola gratuita, se franqueiam a todos, sem distinção de classes, de situações, de raças e de crenças, é, por definição, contrária e a única que está em condições de se subtrair à imposição de qualquer pensamento sectário, político ou religioso²¹¹.

Outro importante avanço dado em direção a uma educação isenta de discriminações raciais foi a promulgação da Lei Federal 4.024/1961 que salientava que a educação nacional se inspirava nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo como objetivo: a condenação de qualquer tratamento desigual por convicção filosófica, política ou religiosa e qualquer manifestação preconceituosa de raça ou classe. Infelizmente a questão racial foi relegada a segundo plano pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1961, configurando-se mais enquanto recurso discursivo. Os/as educadores/as daquele período reconheceram a questão racial como um dos fatores que diferenciava o processo de escolarização, mas a discussão não se centralizou na defesa de uma escola para todos/as. Neste aspecto esses/as educadores/as que foram taxados na época de “modernos”, pouco se diferenciaram dos/as educadores/as ditos conservadores/as.

As duas LDBs que seguiram a de 1961, a Lei 5540/1968 e a 5692/1971, foram muito significativas na organização do ensino brasileiro, além de manter a condenação a discriminação racial.

²⁰⁹PINTO, 1987, p. 10.

²¹⁰KRAUSS, Juliana de Souza; ROSA, Júlio César. “A importância da temática de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas”. **Revista Antíteses**, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 857-878.

²¹¹AZEVEDO, Fernando. Manifesto dos Educadores: mais uma vez convocados. In: **Diretrizes e Bases da Educação**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1960, p. 58.

A Lei 5540/1968 foi voltada para o ensino superior, fixando as normas de organização e funcionamento bem como sua articulação com o nível médio. A maioria dos artigos previstos na lei foi revogada pela Lei 9394/1996, sendo mantido o artigo 16 que tratava sobre a nomeação de Reitores e Vice-Reitores de Universidades e de Diretores e Vice-Diretores de unidades universitárias e estabelecimentos isolados de ensino superior.

A Lei 5692 promulgada em 11 de agosto de 1971 pelo General Presidente Emílio Garrastazu Médici foi direcionada para o ensino do primeiro e do segundo graus.

Fazendo um apanhado geral da Lei Federal nº 5692 pode-se destacar alguns elementos: o ensino com a finalidade preparar mão de obra para as demandas do mercado de trabalho; a ênfase no nacionalismo presentes com a implementação da disciplina de Educação Moral e Cívica e a obrigação da ministração das aulas em língua portuguesa; a obrigatoriedade do ensino do 1º grau na faixa etária entre 07-14 anos; a ênfase na responsabilidade do Estado em proporcionar aeducação da população; o 2º grau não ser tratado com a mesma importância que o 1º, tendo como consequência a restrição desse segundo nível de escolarização, ainda que de forma mais amena que em épocas anteriores; a concessão de bolsas de estudo em casos em que o/a aluno/a não tem acesso aos estabelecimentos públicos; a referência ao tratamento especial a portadores de necessidades especiais e a superdotados/as; a regulamentação do ensino supletivo e a possibilidade de acesso ao curso por outros métodos além da sala de aula. Apesar das debilidades da lei, ela foi um grande avanço para a educação pública popular.

Optei em abordar esta lei por dois motivos: pela importância significativa que ela teve na história da educação e por ter sido promulgada no início da década de 1970, período este que ClotildesMaria Lalau tornou-se diretora concursada da Escola de Ensino Fundamental Joaquim Ramos; e pelo fato de que no decorrer desta década ela ingressou no Movimento Negro, sendo que suas principais ações no exercício da militância foram voltadas para a educação, combate à discriminação racial e a valorização de aspectos culturais africanos e afro-brasileiros. Portanto, parte considerável de sua atuação na educação relacionada a sua militância no Movimento Negro foi sob vigor desta lei.

Tabela 3: Censo de 1970

Grupos de idade	Não sabe ler e escrever		Sem declaração		Alfabetizado		Total
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
5-9 anos	4634212	445472	207029	202126	1958731	2011938	9459508
10-14 anos	1840630	1643306	30366	29726	4055193	4251898	11851119
15-19 anos	1283743	1203281	15494	15523	3696195	4038967	10253203
20-24 anos	1029884	1169839	11622	12694	2995629	3066137	8285805
25-29 anos	871493	1075897	7566	9781	2294226	2245106	6504069
30-34 anos	777796	994328	6790	9661	2016071	1860294	5664940
35-39 anos	744230	1019322	5149	7812	1752744	1560055	5089312
40-44 anos	733589	984376	4591	6660	1550080	1291296	4570592
45-49 anos	619023	812423	3341	5114	1172667	934117	2989585
50-54 anos	562685	748309	3222	4799	920458	700884	2940357
55-59 anos	449335	596001	2121	3545	755098	528675	2334775
60-64 anos	258836	355973	1605	2765	516319	368224	1503722
65-69 anos	258836	355973	1605	2765	344809	253022	1217010
70 anos e mais	373257	570410	24931	26694	389800	323479	1708571
Idade ignorada	20776	26411	40480	37072	31548	27691	183978

Fonte: IBGE

De acordo com o quadro acima, de modo geral, a maioria da população era alfabetizada, variando o número de letrados de acordo com a faixa etária. Infelizmente no censo de 1970 não aparece a categoria cor²¹², o que acaba dificultando um panorama mais preciso acerca do grau de instrução das populações de origem africana nesse período.

Outro fator importante que é possível perceber na análise do censo de 1970 é o número reduzido de pessoas que atingem graus de instrução mais elevados. Esses dados não constam na tabela, mas podem ser consultados no referido documento²¹³. Levando em consideração essas informações, ao que parece, a Lei Federal 5692 apenas reforçou uma prática antiga de fornecer para as classes populares níveis de instrução mais baixos apenas para que as mesmas pudessem votar e atender às demandas do mercado de trabalho.

Deve-se também levar em consideração a preocupação republicana em acabar com o analfabetismo no país, preocupação esta que se tornou mais intensa após a Segunda Guerra Mundial, por influência das teorias do desenvolvimento que davam suporte teórico e ideológico ao período do Estado Keynesiano²¹⁴.

Como o voto era negado aos/às analfabetos/as, e os índices de analfabetismo no Brasil estavam entre os mais elevados, o analfabetismo constituiu-se na grande vergonha nacional. Sendo o mesmo encarado em alguns momentos como uma “erva daninha” – que deu origem a expressão: “erradicação do analfabetismo” – em outros momentos como uma “enfermidade” que passa de uma pessoa a outra quase por contágio, ou também como uma “chaga” deprimente que necessitava ser “curada” na qual os altos índices presentes nas estatísticas de órgãos internacionais denunciam níveis inferiores de “civilização” de determinadas sociedades. Dentro desta visão, o analfabetismo era representado como manifestação da “incapacidade” de um povo, de sua “proverbial preguiça” e “pouca inteligência”²¹⁵.

Essas denominações discriminatórias e deformadoras dirigidas ao analfabetismo e aos/às analfabetos/as não foram únicas. O analfabetismo no Brasil passou a uma conotação de marginalidade, risco de subversão e periculosidade.

Esses elementos, em especial o risco de subversão – temia-se que um/a analfabeto/a gerasse outros/as – parecem ter impulsionado os militares a obrigarem as crianças de 7 a 14 anos a frequentarem o curso do 1º Grau, além da pressão social em cima dos/as adultos/as

²¹²Possivelmente essa opção estava vinculada a propagação do mito da democracia racial.

²¹³Todos os censos desde a época do Império estão disponíveis para consulta no site do IBGE: <http://biblioteca.ibge.gov.br>

²¹⁴FERRARO, 2002, p. 21-47.

²¹⁵FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a prática da liberdade e outros escritos**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

analfabetos/asparaconcluírem o 1º Grau, fosse pela Educação de Jovens e Adultos²¹⁶, por correspondência ou pelos telecursos, como constava na Lei nº 5692/1971.

Na década de 1970 o Brasil estava vivendo sob a ditadura militar que teve início em 1964 e se estendeu até 1985. Durante esses vinte e um anos vários partidos políticos foram postos na ilegalidade e muitos manifestantes de esquerda e supostos subversivos foram torturados. Com o relaxamento do regime militar ocorrido em 1978, concedeu-se uma pequena abertura política, que gradualmente conduziria o país de volta à democracia.

Durante a ditadura o Brasil viveu o chamado “milagre econômico” sendo que o PIB cresceu cerca de 10% ao ano no período de 1968-1974, representando um crescimento significativo no setor industrial²¹⁷. Como já foi dito no primeiro capítulo, os/as afrodescendentes pouco se beneficiaram com o crescimento econômico em comparação aos/às brancos/as dentro da mesma classe social, especialmente na classe média em que o contraste foi maior.

Tal fato juntamente com a pequena brecha deixada pelos militares levou as populações de origem africana a contestarem incisivamente a ideia de “democracia racial”, sendo que até aquele período esse assunto ainda dividia os/as afrodescendentes. Tais acontecimentos mudaram os rumos do Movimento Negro, sendo que no período de 1978 e durante a década de 1980, o movimento assumiu um papel ativamente político, visando através do lançamento de candidatos afrodescendentes a diversos cargos, conseguir políticas que beneficiassem as populações de origem africana e pudessem acabar com a segregação racial²¹⁸.

As entidades ligadas ao Movimento Negro nesse período promoviam diversas manifestações culturais como a Semana de Arte e Cultura Negra, realizada em São Paulo. A valorização dos aspectos culturais afro-brasileiros e africanos foi muito intensa nesse período, pois o Movimento Negro ganhou mais adeptos do que nas décadas anteriores. Vários fatores contribuíram para esse aumento como: a legislação de ações afirmativas nos Estados Unidos, o movimento “Black Power”, as independências das colônias portuguesas e o Movimento Pan Africanista. Esses acontecimentos deram um novo ânimo aos/às militantes afrodescendentespara conseguir novas conquistas no Brasil²¹⁹.

No decorrer da década de 1970 foram criadas muitas entidades culturais por estudantes universitários/as afrodescendentes, a maioria profissionais liberais pertencentes a classe média. Nesse período a presença dos/as estudantes universitários afrodescendentes foi muito

²¹⁶Esse termo não é tão novo quanto parece, ele foi utilizado na Lei nº 5692/1971.

²¹⁷ANDREWS, 1991, p. 297.

²¹⁸ANDREWS, 1991, p. 299.

²¹⁹ANDREWS, 1991, p. 301.

intensa na criação de grupos do Movimento Negro. Atingir um melhor nível educacional não livrou as populações de origem africana da discriminação, o/a jovem universitário afrodescendente estava envolto/a em conflitos entre sua posição social e a maneira como a sociedade o/a tratava. A mudança de nível cultural permitiu a esses/as estudantes a aproximação de uma postura crítica, conscientizando-se da necessidade de defender seus interesses enquanto afrodescendentes em ascensão.

O movimento negro é, pois, filho da explosão educacional dos anos 70 – proliferação de faculdades particulares estimuladas pelo Estado como solução para a “crise de vagas no ensino superior”, considerada geralmente ponto crítico das relações sociedade-governo desde 1960. Com efeito, os jovens que fundam, nos anos 70, entidades negras de luta contra o racismo são, quase sempre, dessa geração universitária²²⁰.

Em 1978 ocorreram importante rupturas no Movimento Negro: o discurso político ficou mais consistente e ganhou um corpo mais definido, o movimento promoveu uma efervescência cultural intensa, as concepções conservadoras foram duramente criticadas.

Neste ano também ocorre a Semana de Cultura Afro-Brasileira na Universidade de São Paulo, organizada pelo professor Eduardo de Oliveira e Oliveira. Este evento reuniu pesquisadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Outro evento importante ocorrido nesse período em São Paulo foi o Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu), que teve como objetivo promover encontros anuais entre grupos de escritores, artistas e atividades esportivas.

Em 1978, o Centro de Cultura e Arte Negra publica o *Cadernos Negros* em São Paulo, contando com a participação de escritores/afrodescendentes de vários estados brasileiros. Em sua edição anual, são publicados, até hoje, poesias e contos. O *Cadernos Negros* serviu para a promoção de contos e poesias que retratam aspectos culturais africanos e afro-brasileiros, além de seu papel político.

Esse contexto político e a profunda agitação cultural que ocorreu no interior de várias entidades de afrodescendentes favoreceu o surgimento do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR). A criação dessa entidade foi impulsionada por um ato de discriminação racial ocorrido no Clube Tietê de São Paulo contra quatro atletas afrodescendentes, como também pela morte do operário afrodescendente Robson Silveira da Luz, assassinado durante uma sessão de tortura em um Distrito Policial da capital paulista. A fundação oficial do MNUCDR ocorreu em junho de 1978, contando com militantes de São Paulo e do Rio de Janeiro.

²²⁰SANTOS, 2001, p. 38.

Posteriormente, o MNUCDR mudou sua sigla para MNU (Movimento Negro Unificado). Dentre as várias ações do movimento podemos destacar: a busca pela unificação com outras vertentes do Movimento Negro em outros estados; igualdade de oportunidades no acesso a educação, a reavaliação da história das populações de origem africana no Brasil, a denúncia do tratamento discriminatório dado as crianças afrodescendentes no espaço escolar, a necessidade de uma educação que combata os estereótipos que recaem sobre as crianças afrodescendentes; a promoção da “cultura negra”, percebida como a junção das experiências, o modo de viver e se relacionar, e a história enraizada no Continente Africano. A luta contra a discriminação racial passou a ser percebida como a luta de libertação, na qual não apenas as populações de origem africana deveriam se engajar, mas toda a sociedade.

O Movimento Negro solidarizou-se com outros movimentos populares, como também com a luta internacional contra o racismo. Esses/as militantes compreendiam que o reconhecimento da marginalização que recaía sobre as populações de origem africana passava pela luta por igualdade de oportunidades no acesso à educação e ao trabalho.

O acesso à educação sempre foi uma bandeira significativa de luta para as populações de origem africana. Em todas as suas formas de organização os/as afrodescendentes utilizavam várias estratégias para driblar os mecanismos que lhes restringia o acesso a esse bem. Sendo essa questão imprescindível para a compreensão da trajetória de Clotildes e principalmente sua militância no Movimento Negro.

Clotildes interiorizou muito a ideia da educação como forma de proporcionar mobilidade social as populações de origem africana e sua inserção na sociedade. Como foi dito no primeiro capítulo, ela se empenhou em proporcionar as suas irmãs e ao seu companheiro acesso à educação.

Quando se mudou para Criciúma, trouxe aos poucos suas irmãs mais novas para morarem com ela e estudarem. Quando as irmãs mais velhas concluíam seus estudos e começavam a trabalhar as demais cuidavam da casa e estudavam, tendo o privilégio de estudarem em colégios particulares pagos pelas mais velhas, de acordo com Normélia:

As tias que moraram conosco estudavam sempre no colégio Michel ou no colégio São Bento de Criciúma, então todas elas acabavam tendo uma boa formação. A minha outra tia então, que era abaixo da minha mãe, um ano mais moça, também fazia a mesma coisa. Então eram duas tias aqui, e duas tias na casa da outra tia, e assim elas foram se formando e o que acabamos percebendo, muitas vezes quando comentamos as pessoas ficam admiradas, é por serem todas professoras. Todas se formaram no magistério na realidade, uma das coisas que eu sinto muito orgulho,

me deixa bastante envaidecida é porque a minha mãe sempre falava quando nós éramos pequenos, e eu não tinha muita noção do significado disso²²¹.

Essa fala acima evidencia não era apenas a importância da formação escolar em termos pessoais, mais do que isso! A escolha por seguir a profissão de professora e formar outros/as.

Clotildes teve um papel muito importante na formação escolar de seu companheiro. Como já havia dito no primeiro capítulo Wilson teve que abandonar seus estudos na 3ª série do antigo primário para auxiliar no sustento de sua família. Quando eles se casa com Clotildes ela o convence a completar os seus estudos:

A minha mãe era formada, estudada e casou com um cara que era ferreiro, semianalfabeto e estudou até o terceiro ano primário. A minha mãe começou a fazer um trabalho com o meu pai para ele voltar para o banco escolar. Ele não queria, não queria e ela encheu tanto o saco que ele falou: “Tá! Vou estudar!”, e ele começou a ter aula particular com a minha mãe, [...] ele fez exame de admissão e passou para a 1ª série do ginásio e foi tomando gosto pelo estudo, até que fez a Escola Técnica de Comércio em Criciúma passou e veio para cá (Florianópolis) fazer a faculdade de Administração Escolar. [...] O meu pai passava para estudar, tu imaginas na época só tinha rádio, não tinha televisão, o pessoal no boteco tomando cachaça, que é o que os mineiros faziam, meu pai passando para estudar, um negro velho no meio de um monte de adolescentes e crianças pequenas, “O que tu quer negro velho? Onde que tu vais? Tu não vais chegar em lugar nenhum! Deixa de ser bobo”²²².

Na fala de Wilson podemos perceber que haviam afrodescendentes que não se importavam com a educação. Clotildes se empenhou em mudar essa mentalidade, não apenas com seu companheiro, mas também com outros que partilhavam dessa ideia, por isso organizava debates e palestras sobre educação, promovia encontros de professores afrodescendentes, dava aulas particulares de graça para crianças de baixa renda e preparava moças para o exame admissional nas Escolas Normais.

As ações de Clotildes no exercício da sua profissão estão vinculadas a militância no Movimento, não sendo possível pensar ambos de forma separada, pois o objetivo central era acabar com as barreiras impostas às populações de origem africana, para que possam ter as mesmas oportunidades dos/as brancos/as e circulassem pelos mesmos espaços. Em suma ela partilhava do pensamento de Abdias do Nascimento que afirmava que enquanto um/a afrodescendente fosse barrado e discriminado por sua cor todos/as afrodescendentes estarão implicitamente sendo atingidos em sua dignidade humana e como cidadãos/ãs²²³.

²²¹Normélia Ondina Lalau de Farias, filha de Clotildes. Entrevista citada.

²²²Wilson Martins Lalau, filho de Clotildes. Entrevista citada.

²²³ NASCIMENTO, Abdias. **O Negro Revoltado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.p. 101.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir a narrativa biográfica de Clotildes Maria Lalau, em alguns momentos tornou-se um trabalho difícil, pois tive muita proximidade de alguns membros de sua família, especialmente os dois filhos mais velhos a Normélia e o Wilson. Por um lado essa aproximação foi muito positiva, pois me possibilitou o acesso as fotos, informações, textos, etc., mas por outro lado como foi criado um vínculo de amizade restringiu a abordagem de alguns acontecimentos polêmicos da vida da Clotildes, especialmente as circunstâncias da sua morte²²⁴. A opção da família por não tratar assuntos delicados sobre a sua vida pessoal, pode dar a impressão aos/as leitores/as de que a biografada era uma pessoa perfeita e isenta de conflitos, o que não procede. Por uma questão de ética e respeito à família optei por não explorar as polêmicas que cercaram sua vida pessoal.

Outro ponto difícil devido de lidar foi a imagem construída pelo Movimento Negro em torno dela, sendo sua figura representada como “heroína” dos/as afrodescendentes, quase uma forma mítica. Parte dessa imagem se deu porque, tanto ela quanto seu companheiro, combatiam as manifestações racistas ocorridas na cidade e alcançaram sensível visibilidade em razão disso.

A abordagem biográfica feita pelo/a historiador/a não deve ser um retorno ao *événementielle*, com a exaltação dos “grandes homens”, o que também não significa que o/a historiador biógrafo/a deva tratar o/a biografado/a como uma “celebridade a ser desnudada”, mas como acentuou Benito Schmidt na conferência sobre Ética na Narrativa Biográfica, pronunciada na ANPUH nacional em 2009, o personagem biografado deve ser respeitado e compreendido em sua historicidade, respeitando-se as regras historicamente construídas do ofício do historiador.

Busquei com este texto, através da trajetória de Clotildes, compreender como o Movimento Negro foi organizado em Criciúma, a criação da Associação de Etnia Negra de Tradição e Cultura, o intercâmbio com os Movimentos Negros de outros estados, as ligações entre o Movimento Negro de Criciúma e as embaixadas de países Africanos que possuíam boas relações com o Brasil, os textos e artigos escritos pela militante denunciando as manifestações racistas ocorridas na cidade, o uso do pseudônimo de Tulipa negra e seus significados.

²²⁴Ela cometeu suicídio em 21 de setembro de 1987.

A importância da Sociedade Recreativa União Operária para os/as afrodescendentes criciumenses, os congressos, palestras e debates promovidos por Clotildes Lalau no clube; a realização da I Festa da Etnia Negra e, posteriormente, o estande da Etnia Negra na Quermesse das Etnias; as viagens realizadas por Clotildes para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, com a finalidade de conhecer aspectos culturais afro-brasileiros para apresentá-los nas atividades desenvolvidas pelo Movimento Negro de Criciúma.

A dedicação de Clotildes à educação, especialmente a educação das populações de origem africana, as aulas particulares gratuitamente ministradas para crianças de baixa renda, as oportunidades oferecidas aos/às professores/as afrodescendentes de lecionarem²²⁵, a preparação das mulheres afrodescendentes para a realização do exame admissional nas Escolas Normais. Dedicção essa reconhecida pela sociedade criciumense que lhe rendeu uma homenagem póstuma com a criação de um Grupo Escolar que leva o seu nome em 25 de fevereiro de 1991:



Imagem 13: Grupo Escolar Professora Clotildes Maria Martins Lalau
Fonte: ROMÃO, 2010, p. 40.

Através da análise da educação das mulheres no início do século XX, o processo de feminização do magistério, os significados do ser professora normalista, a descrição breve

²²⁵No período em que Clotildes Lalau foi diretora do Joaquim Ramos, as escolhas de vaga para professores/as, segundo Crispim (2001), não obedeciam a ordem da lista de classificação, quando surgiam vagas ela priorizava professores/as afrodescendentes para preenche-las. Ver: CRISPIM, Cristiane Santiago. **Memórias e olhares**: um estudo sobre experiências de normalistas afrodescendentes de Criciúma (1959-1969). Florianópolis: UDESC, 2001. 75 p. Monografia (Especialização em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

de como o ensino no Brasil se constituiu, desde a criação da primeira escola pública durante o Império, a maneira como as classes populares, sobretudo os/as afrodescendentes deixados a margem do processo de escolarização durante a República e a maneira como o Movimento Negro procurou driblar esse sistema e utilizou a educação como uma estratégia para mobilidade social das populações de origem africana; tornou possível a compreensão das ações de Clotildes na educação e pela sua militância no Movimento Negro, pois como já havia dito no final do terceiro capítulo, atuação na educação se confunde com sua militância no Movimento Negro, sendo impossível pensar a militante desvinculada da educadora e vice-versa. Pois como acentuou Bourdieu:

[...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que unira o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados como o mesmo espaço dos possíveis²²⁶.

Ao longo da narrativa procurei mediar as ações da militante tomando o cuidado para não construir uma abordagem personalista. Tal preocupação se deve ao fato de que uma narrativa construída por um/a historiador/a difere de uma abordagem jornalística, pois como historiador/a temos por dever de ofício um compromisso mais pleno com os sujeitos históricos concretos, não ficcionais e que chegaram até o presente pelos documentos. Portanto as pesquisas produzidas nessa área, além de seus estilos de escrita, tendem a prestar contas ao “‘tribunal de apelação’ da história: o passado e seus vestígios”²²⁷.

²²⁶BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 183-191.

²²⁷SCHMIDT, Benito. “Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos”. **Estudos Históricos**. São Paulo, n.19, p. 3-21, fevereiro/1997.

FONTES

Filme:

A Tulipa Negra, título original: La Tulipe Noire; país: França; gênero: ação, aventura, comédia. Intérpretes: Alan Delon, Virna Lisi, Akim Tamifoff, Laura Valenzuela, Adolfo Marsillach, Dawn Addams, José Jaspe, José Luis Pellicena, Enrique Ávila, Yvan Chifre e Santiago Ontañón. Direção: Christian-Jaque Roteiro: Christian-Jaque, Paul Andréota, Henri Jeanson, Produção: Georges Cheyko, 1965.

Jornais:

Jornal Tribuna Criciumense: 1957-1987
 Jornal do Sul: 1977-1987
 Jornal da Manhã: 1970-1987
 Jornal Correio do Sudeste: 1975-1987

Documentos:

Caixas Arquivo nº 02, 22, 31, 47
 Ofícios Diversos
 Relatórios das comemorações do Centenário de Criciúma
 Relatórios da Festa da Etnia Negra
 Questionário Histórico Sociológico
 Estatuto da Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura
 Livros Ata da Sociedade Recreativa União Operária 1960-1987
 Censo Demográfico de 1872
 Censo Demográfico de 1940
 Censo Demográfico de 1970
www.biblioteca.ibge.gov.br

Entrevistas:

FARIAS, Normélia Ondina de Lalau (Filha de Clotildes). Criciúma, 09 de junho de 2007. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

JOSÉ, Maria José (Colega de Clotildes do Movimento Negro). 11 de maio de 2011. Entrevista realizada por e-mail no dia 11 de maio de 2011.

LALAU, Wilson Martins (Filho de Clotildes). São José, 06 de novembro de 2007. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

LEONOR, Janete Sebastião (Cunhada de Clotildes). Criciúma, 14 de março de 2010. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

LIMA, Maria (Amiga de Clotildes). Criciúma, 13 de novembro de 2007. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

RIBEIRO, Neli Góes (Colega de Clotildes do Movimento Negro). Florianópolis, 17 de março de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

ROSA, Onélia Alano da Rosa (Amiga de Clotildes). Criciúma, 29 de abril de 2010. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

SANTOS, Rosemary Franco dos Santos (Amiga de Clotildes). Criciúma, 08 de março de 2010. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

VICÊNCIA, Maura Martins (Irmã de Clotildes). Criciúma, entrevista realizada em no dia 19 de abril de 2011. Entrevista concedida a Juliana de Souza Krauss.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.
- ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1991.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARNS, Otília. **Criciúma 1880 – 1980: A Semente Deu Bons Frutos**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1985.
- ASSOCIAÇÃO da Etnia Negra de Tradição e Cultura. **Estatuto**, Acervo do Arquivo Público e Municipal de Criciúma.
- BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia González**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.
- BELLOLI, Mário. **Jubileu de Prata Comerciário Esporte Clube (1947/1972)**. Criciúma: Empresa Sampaio Editora, 1972.
- BERNALDO, Pedro Paulo. **A Sociedade Recreativa União Operária: um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra cricumense (1950-1970)**. Criciúma: UNESC, 2005. 53 f. Monografia (Especialização em História Social e História Cultural) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Use os abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1996.
- BORGES, Rosane da Silva. **Sueli Carneiro**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- CAMPOS, Émerson César. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002)**. Florianópolis: UFSC. 2003. 222 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.) **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2005, p. 171-185.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)**, 1993. São Paulo: PUC-SP, 1993. 180 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1993.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Vol. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAMOM, Magda. Trajetória de feminização do magistério e a (con)formação das identidades profissionais. **VI Seminário da Redestrado - Regulação Educacional e Trabalho Docente**, 06 e 07 de novembro de 2006 – UERJ - Rio de Janeiro-RJ.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTHART, Philippe. (org.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

CORREIA, Wilson Francisco. “A Educação Moral e Cívica do Regime Militar Brasileiro (1964-1985): a filosofia do controle e o controle da filosofia”. **EccoS - Revista Científica**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 489-500, jul./dez. 2007.

CRISPIM, Cristiane Santiago. **Memórias e olhares: um estudo sobre experiências de normalistas afrodescendentes de Criciúma (1959-1969)**. Florianópolis: UDESC, 2001.75 p. Monografia (Especialização em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

D’ADESKY, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismos e Anti-Racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. **Revista Projeto História**. São Paulo, n.17, p. 223-258, Nov.1998.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. 2007, p. 100-122. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>. Acessado em Junho de 2009.

DOMINGUES, Petrônio. “Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil”. **Cadernos Pagu**. Campinas, nº 28, p. 345-374. janeiro/junho/2007.

DUMAS, Alexandre. **A Tulipa Negra**. São Paulo: FTD, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil”. **Revista de História Oral**, São Paulo, nº 1, p.19-30, jun. 1998.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a prática da liberdade e outros escritos**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (org.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HASENBALG, Carlos. Estatísticas do Século XX: Educação. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estatísticas do Século XX**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; Centro de Documentação e Disseminação de Informações. 2006, p. 89-110.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JACOBI, Pedro. Movimento ambientalista no Brasil. Representação social e complexidade da articulação de práticas coletivas. In: Ribeiro, W. (org.) **Publicado em Patrimônio Ambiental – EDUSP – 2003. p. 1-34.** Disponível em: http://www.cpd1.ufmt.br/gpea/pub/jacobi_movimento%20ambientalista-brasil-edusp.pdf. Acessado em Jul. de 2011.

JOSÉ, Samira de Moraes. **Maria Aparecida e Onélia: Reflexões de ser mulher, negra, mãe e sozinha em Criciúma nas décadas de 1960 a 1980**. Criciúma: UNESC, 2006.TCC.

KRAUSS, Juliana de Souza. Clotilde Lalau: Reflexões sobre a presença feminina no Movimento Negro em Criciúma (1970-1980). Criciúma: UNESC, 2007. 38 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (História) –Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2007.

KRAUSS, Juliana de Souza; ROSA, Júlio César. “A importância da temática de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas”. **Revista Antíteses**, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 857-878.

LALAU, Clotildes Maria Martins. “O leitor escreve”. **Jornal do Sul**. 26 /Junho/1977. p. 4.

LEITE, Ilka Boaventura (org). **Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Use os abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996, p. 167-182.

LIMA, Adiles. **O processo de escolarização no bairro Santo Antônio: memórias dos afrodescendentes da rua do “Peixe Frito”**. Florianópolis: UDESC, 2005. 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. História Social e Subjetividade: considerações em torno da biografia. **XII Encontro Regional de História da ANPUH**, Campinas, 1994.

LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. **A Legislação de educação no Brasil durante a ditadura militar (1964-1985): um espaço de disputas**. Niterói: UFF, 2010. 367 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: PRIORE, Mary Del. (org.) **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 443-481.

LORIGA, Sabina. “A Biografia como Problema”. In: REVEL, Jacques. (org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.

LUCINDO, Willian Robson Soares. **Educação no pós-abolição: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931)**. Itajaí: Casa Aberta, 2010.

MANENTI, Tamara Domingos. **Religiosidade, carnaval e movimento negro em Criciúma (1950-1980): o que a imprensa local tem a dizer sobre isso?** Criciúma: UNESC, 2005.

MANUEL, Iolanda Romeli Lima (org.). “Negros e Negras em Criciúma: A implementação da Lei 10.639/03 e as Personagens de uma História Desconhecida”. Caderno Pedagógico Criciúma. Itajaí: Ed. Maria do Cais, 2008.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do Silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanço e perspectivas. **Revista TOPOI**, v. 5, n. 8, jan-jun. 2004, p. 170-198.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações para a educação das relações étnico-raciais**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, 2006.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: Processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 241 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

_____. **Formação Histórica de Criciúma (1880-1930): A elite dominante e a formação da cidade**. Criciúma: FUCRI/UNESC, 1993.80 p. Monografia (Especialização em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 1993.

_____. **As curvas do trem: A presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975) Cidade, Modernidade e Vida Urbana**. Criciúma: UNESC, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor: Identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. **Tribuna Criciumense**, Criciúma, 01 de ago. 1955, p. 1-4.

PIMENTEL, José. **Criciúma: amor e trabalho**. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974.

PIMENTEL, José; BELLOLI, Mario. **Tímido ensaio biográfico: Giacomosônimo**. Criciúma: Gráfica Líder, 1972.

PIMENTEL, José; BELLOLI, Mario. **Mini Biografia de um pioneiro:** Marcos Rováris. Criciúma: Tipo e Arte, 1979.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **As Associações dos Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista:** Movimentos Negros, Cultura Política no Brasil Republicano (1915 a 1945). Belo Horizonte: Editora Gráfica DalianaLtda, 2006.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade:** seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

RABELO, Amanda O. “O gênero e a profissão docente: impactos na memória das normalistas”. **Revista Ártemis**, vol. 6, junho 2007, p. 58-67.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2007.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez.** São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Retratos do Brasil Negro, coordenada por Vera Lúcia Benedito).

RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 987-1004, setembro-dezembro/2008.

ROJAS, Antonio Carlos. La biografía como género historiográfico: Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O Biográfico:** Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000,p. 9-48.

ROMÃO, Jeruse Maria (Coord.). **A África está em nós:** História e Cultura Afro-brasileira: Africanidades Catarinenses. João Pessoa: GRAFSET, 2010.

ROMÃO, Jeruse (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias.** Brasília: SECAD/MEC, 2005. (Coleção Educação para Todos)

ROSA, Júlio César. **União Operária:** resistência e manifestação cultural negra em Criciúma na década de 30. Criciúma: UNESC, 2006. 38 p. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2006.

SANTOS, Arq. Manoel Urbano C. dos. **Racismo**, Tribuna Criciumense, 29 de agosto de 1987, p. 12.

SANTOS, Ivair Augusto Alves. **O Movimento Negro e o Estado (1983-987):** O caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo. Campinas: UNICAMP. 2001. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

SCHERER-WARREN, Ilse. “Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais”. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul:** Antônio Guedes Coutinho (1868-1945). Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. “Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos”. **Estudos Históricos**, São Paulo, n.19, fevereiro/1997, p. 3-21.

_____. “Gilda e Lila: Duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950”. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 9, 2006, p. 9-32.

SCOTT, Joan. “O enigma da igualdade”. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005, p. 11-30.

_____. “Gênero uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. Vol. 16, nº 2. jul./dez. 1990, p. 5-22.

SILVA, Cristiani Bereta. **Homens e Mulheres em Movimento: Relações de Gênero e Subjetividades no MST**. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

SILVA, Joselina da. **Renascença, lugar de negros no plural: Construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ. 2000. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

SILVEIRA, Oliveira. “Ventre livre e corpo escravo”. In: **Versus**. n.25, São Paulo: Versus, 1978, p. 42.

SIMIANO, Mariléia. **A Sociedade Recreativa União Operária: um estudo sobre um território negro na cidade de Criciúma**. Florianópolis: UDESC, 2002. 50 p. Monografia (Especialização em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

SOIHET, Rachel. “Mulheres e Biografia. Significados para a História”. Artigo apresentado no **X Simpósio Regional de História da ANPUH**, UERJ, 2002. (mimeo). p. 33-48.

SOUSA, Ione Celeste. **Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925-1945**. São Paulo: EDUC, 2001.

_____. **Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925-1945**. São Paulo: EDUC, 2001.

STEFFENS, Marcelo Hornos. “A Biografia na Pesquisa Histórica: uma análise do Trabalho no Brasil”. **Revista de Teoria da História**, ano 2, número 4, dezembro/2010 Universidade Federal de Goiás, p. 3-17.

STUART, Hall. Que “negro” é esse na cultura negra? In: SOVIECK, Liv (org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 335-348.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

VÁRIOS COLABORADORES. **Nova Enciclopédia Barsa**. São Paulo: Barsa Consultoria Editorial Ltda., 2001. Vol. 14.

VOLPATO, Teresinha Gascho. **A piritá humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC/ALESC, 1984.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. “Práticas de gestão e feminização do magistério”. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p.609-634, set./dez. 2005.